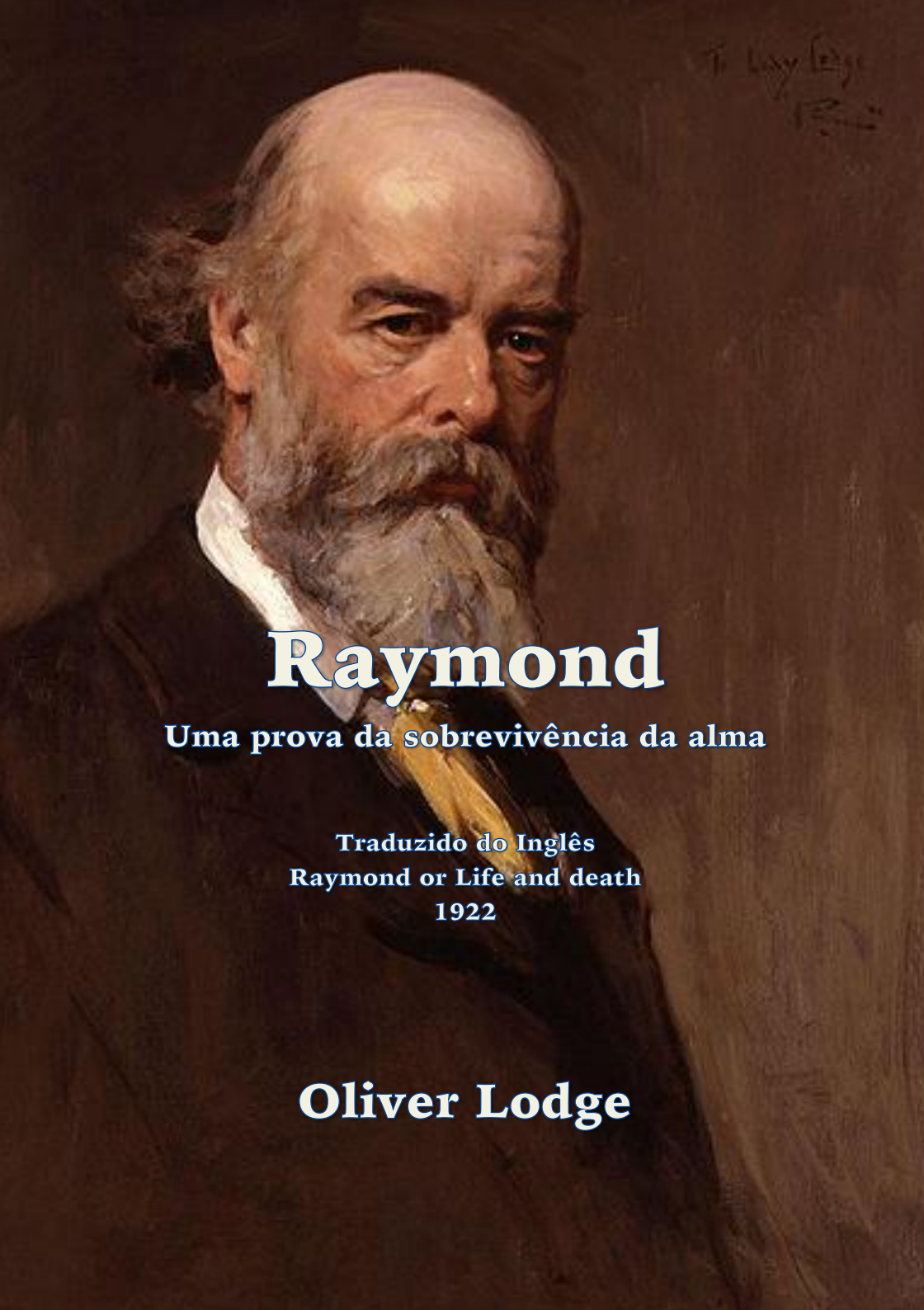


A portrait of Oliver Lodge, an elderly man with a full white beard and mustache, wearing a dark suit and a white shirt with a yellow tie. The background is a textured, brownish-grey. In the top right corner, there is a faint signature that reads "O. Lodge" and "1922".

Raymond

Uma prova da sobrevivência da alma

Traduzido do Inglês
Raymond or Life and death
1922

Oliver Lodge

Oliver Lodge
Raymond
uma prova da sobrevivência da alma

Traduzido do Inglês
Raymond or Life and death
1922



Raymond, o filho de
Sir Joseph Oliver Lodge

Oliver Lodge, cientista inglês nascido em Penkhull, Staffordshire em 12/06/1851 e desencarnado em Amesbury em 22/08/1940. Professor de Física do Colégio Universitário de Liverpool no período de 1881-1900; diretor da Universidade de Birmingham em 1900 e lente em Oxford em 1903.

Trouxe importantes contribuições às teorias da eletricidade de contato e eletrólise, da descarga oscilatória nas garrafas de Leyde, da produção de ondas eletromagnéticas no ar e introduziu melhoramentos no telégrafo sem fio.

Realizou experiência sobre diminuição de neblina por meio de dispersão elétrica.

Autor de vários tratados científicos e obras, entre as quais destacamos: *Manual de Mecânica Elementar*, 1877; *Pioneiros da Ciência*, 1893; *Vida e Matéria*, 1905; *Elétrons ou a natureza e propriedades da eletricidade negativa*, 1907, *Ciência e Mortalidade*, 1908; *O éter no Espaço*, 1909; *Além da Física ou a idealização do mecanismo*, 1930.

Foi também co-editor do importante periódico *Philosophical Magazine*.

O nome de Sir Oliver Lodge constitui um dos mais altos ornamentos das ciências físicas modernas. Daí a importância que o mundo deu à sua penetração pelo campo do espiritualismo, e às experiências, rigorosamente controladas, com que estudou o caso *post-mortem* do seu filho Raymond, morto numa trincheira de Flandres, logo nos primeiros meses da Grande Guerra.

Há espíritos? Está provada a sobrevivência?

Eis aqui duas perguntas que têm desafiado a paciência de abalizados investigadores. Para atendê-las, desde meados do século passado entregam-se a trabalhos ingentes sábios de renome universal, como William Crookes, Flammarion, Myers, Wallace, Lodge e Richet.

Frente à Metapsíquica, a tese da sobrevivência constitui o segredo de toda indagação em torno dos fenômenos supranormais, pois outra não é a finalidade da jovem ciência senão apurar, mediante controle e observância de métodos positivos, a existência dos fatos, inabituais, para esclarecer as hipóteses explicativas de sua causa e a extensão de seus efeitos.

A humanidade sempre se agitou ansiosa por uma palavra definitiva acerca das possibilidades de um sentido espiritual, imanente no homem. Daí o surto das religiões primitivas no seio dos povos através das idades, culminando no mais pernicioso religiosismo que tanto logrou amesquinhar a inteligência das criaturas e levá-las a fanatismos e fetichismos bizarros, deprimentes.

Tudo isso, no entanto, que sempre foi um mal, não deixou de despertar a intuição do princípio da sobrevivência, e conseqüentemente da existência do espírito fora das contingências da vida transitória do corpo físico.

A ciência moderna encaminhou suas atividades para o campo dos fatos metapsíquicos a fim de conhecer sua gênese e etiologia, natureza íntima e meios de manifestação, à luz dos processos da experimentação e observação.

Suas conclusões não podiam fugir ao imperativo da prova concreta. A maioria absoluta dos investigadores, os sábios de

honestidade comprovada e coragem científica, lavraram a sua sentença e a resposta foi pela afirmativa.

Há espíritos. A sobrevivência é uma realidade.

O mesmo assevera Sir Oliver Lodge em seu livro encantador e comovente, *Raymond*. O fundador da Metapsíquica, o grande Charles Richet, nos últimos meses de sua vida, declarou-se convicto da sobrevivência. Essa confissão foi feita pelo prof. Richet em carta ao prof. Ernesto Bozzano publicada no *Psychic News*, de Londres, em 30 de maio de 1936.

As afirmações desses corifeus da ciência contemporânea alegram sobremodo aqueles que nunca duvidaram da ressurreição de Jesus Cristo, ponto de partida e chave histórica do problema da sobrevivência da alma humana.

* * *

Índice

Lodge e os seus críticos	9
Introdução	15
Primeira Parte – O Normal	18
I – In memoriam.....	19
II – Raymond no Front	26
III – Cartas de amigos.....	48
Segunda Parte – O Supranormal	51
IV – Sobre as comunicações supranormais	52
V – Explicação elementar	59
VI – A mensagem do “Fauno”	64
VII – Continuação da mensagem do “Fauno”	69
VIII – O grupo fotográfico	78
IX – Amostra das primeiras sessões.....	86
X – À procura de maior evidência	98
XI – Primeira sessão de Alec	106
XII – Primeira sessão de Lionel	111
XIII – Conversas não <i>evidenciais</i>	119
XIV – Primeira sessão de Alec com Mrs. Leonard	128
XV – Sessões em Mariemont	136
XVI – Mais matéria inverificável	141
XVII – Duas sessões algo <i>evidenciais</i>	148
XVIII – O caso “Honolulu”	163
XIX – Seleção das mais recentes ocorrências	168
XX – Explicações e respostas.....	194
XXI – Significação da palavra morte.....	203
XXII – O problema da existência.....	208
XXIII – Ação recíproca entre a mente e a matéria.....	213

XXIV – "Ressurreição do corpo"	217
XXV – A atitude sábia e prudente	220
XXVI – Visão do Universo	225

Lodge e os seus críticos

Este livro é um testemunho de fé. Mas daquela fá consciente, racional e até mesmo exigente, ensinada por Kardec. Não a fé cega, proveniente da submissão medrosa e incondicional a princípios dogmáticos, mas a fé que serve, ao mesmo tempo, de fundamento à Religião e à Ciência. Esse tipo superior de fé exclui a credence. Não é uma graça que vem do Alto, mas a conquista do homem através da evolução. Por isso mesmo não é apenas divina, mas tem duas faces: é humana e divina ao mesmo tempo. Os homens cultos, em geral, e particularmente os homens de ciência, fogem à fé religiosa, mas não podem escapar às garras lógicas da fé científica. Sir Oliver Lodge nos oferece um exemplo decisivo da conjugação desses dois aspectos da Fé, que assim, com inicial maiúscula, é uma só, como um rosto se compõe de duas faces.

O homem de ciência, como acentua Whitehead, não pode prescindir da fé na Ordem Universal. Esta ordem é a sua divindade, ante a qual ele se curva tão reverente como o devoto diante do santo. Porque, segundo observa o filósofo citado, a Ordem Universal não pode ser provada cientificamente, dentro das exigências metodológicas do processo científico em desenvolvimento. Ela exorbita de toda possibilidade de pesquisa para a comprovação empírica. Mas o cientista, se não admiti-la, se não depositar nela a sua fé, terá de considerar a Ciência como impossível, pois impossível se torna o conhecimento.

Sir Oliver Lodge compreendeu isso com uma visão pitagórica. E nos oferece neste livro o exemplo concreto da fé integral. Graças a ela, conseguiu superar a um só tempo a credence popular e o ceticismo intelectual. Mas também por isso foi atirado sem piedade à sanha das feras. E o mais impressionante é que tinha plena

consciência dos riscos que enfrentava. Marchou para o circo à maneira dos mártires cristãos. Mas foi sobretudo um mártir da ciência. Ele mesmo o declara na introdução: “... não ignoro que fico exposto à crueldade e ao cinismo da crítica”. Os críticos realmente não o pouparam. Até hoje ainda continuam a atacá-lo, tripudiando sobre a sua memória.

Longe de prejudicar este livro, de diminuir o seu valor e o seu significado, esse fato serve para exaltá-lo. Ainda há pouco, num artigo para a enciclopédia Planète, Jacques Bergier dedicara um tópico especial ao caso Raymond sob o título de *A Triste História de Sir Oliver Lodge*. Depois de louvar o cientista emérito, o físico eminente, Bergier lamentava que Lodge se houvesse deixado arrastar “ao delírio mais absoluto”. Mas em que consistiu esse delírio? O próprio Bergier o explica. Em haver insistido de maneira exagerada nas comunicações mediúnicas com o filho morto na guerra. Em haver, também, alugado uma casa de campo para se aprofundar nas pesquisas. Como se vê, Bergier censura em Lodge aquilo que devia louvar. Como o próprio Lodge explica na introdução deste livro, o caso individual não vale apenas por si mesmo, mas porque o estabelecimento da sobrevivência de um indivíduo valeria para todos.

O errôneo conceito de que a Ciência deve ser fria, isolando-se do contexto psíquico do homem, responde pelas críticas injustas a Lodge. Acusam-no de entregar-se à dor natural do pai que perdeu um filho, como acusaram William Crookes de apaixonar-se pela médium e até pelo fantasma de Katie King, e como acusaram Richet de se emocionar com os resultados de suas extraordinárias experiências de ectoplasmia. Hoje acusam Rhine de não se limitar à observação e à pesquisa pura e simples, evitando o exercício do raciocínio para tirar ilações dos resultados do seu próprio trabalho. O cientista – que antes de tudo é um homem, condição indispensável para ser cientista – deve abdicar dessa condição

básica e transformar-se numa espécie de robô da Ciência. Essa crítica desumana só pode valorizar o trabalho de Lodge.

Acusaram Lodge – e o próprio Bergier o faz novamente agora – de haver aceito as afirmações do espírito do filho sobre a existência de bebidas, cigarros, árvores e casas na vida espiritual. Esses críticos jejunos em questões espirituais, tão inimigos de preconceitos e suposições, tão contrários a credices, revelam-se portadores dos mesmos prejuízos que condenam. Alimentam preconceitos religiosos sobre a vida espiritual e apoiam-se em pressupostos arbitrários para condenar os resultados de uma séria pesquisa científica. Todos os que investigam os problemas do após morte sabem que nos planos inferiores do mundo espiritual as coisas se assemelham à vida terrena. Eles, porém, supondo que não seja assim, condenam Lodge e o acusam de ingenuidade.

Outra acusação que formulam a Lodge é a de haver deixado, antes de morrer, em envelope lacrado, uma mensagem musical para identificação do seu espírito quando se comunicasse. Cento e trinta médiuns tentaram captar essa mensagem, mas Lodge não se comunicou. Isso – escreve Bergier – desencorajou muitos físicos de prosseguirem nas investigações do paranormal. Chega a ser incrível que Bergier tenha escrito tal coisa. Todos os pesquisadores experientes sabem que as manifestações espirituais não podem ser predeterminadas em vida, pois a situação e as condições do espírito no outro mundo nem sempre correspondem aos seus desejos terrenos, mormente quando se trata de espírito evoluído. Todos sabem, também, que os médiuns não podem influir sobre os espíritos para forçá-los a se comunicarem.

As pesquisas parapsicológicas, ao contrário das opiniões críticas, fazem justiça a Lodge. A intenção do cientista era nobre e justa. Mas de que valeria um médium revelar a sua mensagem, se as pesquisas provam que através da clarividência um médium pode captar à distância qualquer mensagem escrita? Se um médium

revelasse o segredo de Lodge isso não provaria a sua sobrevivência. Muito maior valor tem o fato – esse, sim, bastante significativo – de todos os médiuns haverem falhado na tentativa de captar a mensagem, pois milhares de experiências mostraram como isso é fácil de obter-se. O que impediu essa captação? Não teria sido a própria vontade de Lodge, em face do avanço das pesquisas, evitando confusões que fatalmente decorreriam da sua nobre intenção? Além disso, que valor científico pode ter um fato negativo, em face de milhares de fatos positivos ocorridos nas pesquisas em todo o mundo? Se algum físico se entregou, por isso, ao ceticismo, como quer Bergier, é que não se tratava de um espírito realmente científico, ou que, pelo menos, se deixava levar pelos resíduos de preconceitos anticientíficos.

No tocante às semelhanças do mundo espiritual de Raymond com o nosso mundo material, há coisas mais curiosas. O Prof. Wathelly Carington, da Universidade de Cambridge (Inglaterra), depois de numerosas pesquisas que o consagraram no campo do paranormal, elaborou uma teoria da sobrevivência da mente após a morte do corpo. Essa teoria, fundada nos dados da experiência, dá plena razão a Raymond e conseqüentemente a Lodge. Para Carington, a mente é uma estrutura de psíquons – uma espécie de átomos do psiquismo – e essa estrutura, por não ser material e sim psíquica, sobrevive à morte do corpo. Mas os psíquons têm sua origem nos *sensa*, átomos sensoriais. Durante a vida as sensações, que se constituem desses átomos, geram os psíquons. Quando o indivíduo morre a estrutura psicônica da mente se desprende do corpo, mas sai carregada de todas as sensações da vida material. Essa a razão – escreve o próprio Carington – pela qual as mentes libertas da matéria conservam as sensações que Raymond manifestou em suas comunicações.

As pesquisas de Carington marcaram uma fase importante e até mesmo fundamental do desenvolvimento da Parapsicologia. O

Prof. Soal, da Universidade de Londres, figura exponencial nas pesquisas de *psi*, e o Prof. Harry Price, da Universidade de Oxford (inicialmente contrário às pesquisas e depois integrado nelas) admitiram em princípio a teoria de Carington e elaboraram depois suas próprias teorias no mesmo sentido. Vários outros parapsicólogos eminentes admitem e desenvolvem princípios semelhantes. O próprio Rhine, como é geralmente sabido, acabou admitindo a independência da mente em relação ao cérebro e sua sobrevivência e comunicabilidade após a morte. Nas atuais pesquisas sobre memória extracerebral, como se pode ver no próprio livro de Ian Stevenson, recentemente publicado em nossa língua, admite-se o fenômeno da possessão e a permanência de sensações materiais no espírito após a morte.

Parece evidente que as críticas dirigidas a Sir Oliver Lodge perderam qualquer significação, diante do avanço das pesquisas no campo dos fenômenos paranormais. A derrocada dos pressupostos da crítica restabelece a grandeza do trabalho de Lodge. Este livro, que durante certo tempo chegou a ser considerado como uma fraqueza do grande físico, readquiriu toda a significação que realmente possuía. Ao mesmo tempo, o reconhecimento da legitimidade dos processos empregados por Lodge na sua investigação – com sua vasta e jamais desmentida experiência e com sua inegável honestidade – recoloca este livro em primeiro plano na bibliografia científica dos nossos dias.

Monteiro Lobato, cujo espírito arguto foi sempre reconhecido por todos, é entre nós um exemplo do efeito benéfico deste livro como incentivador da pesquisa espírita. A leitura e posterior tradução desta obra exerceu em seu espírito poderosa influência. Lobato entregou-se a experiências modestas, sem intenções científicas, em âmbito doméstico, servindo-lhe de principal médium a sua própria esposa. E à maneira de Victor Hugo e de Lodge conseguiu receber mensagens significativas de seus filhos e

amigos falecidos. Felizmente deixou um registro de suas experiências em atas por ele mesmo lavradas e que estão sendo publicadas em volume por iniciativa de sua secretária. Nas sessões de Lobato registrou-se também a presença de elementos correspondentes às sensações do plano físico, como aliás ocorre em todas as experiências dessa natureza, no mundo inteiro e em todas as épocas.

Ao iniciar as edições do seu Departamento do Livro Espírita com este volume, que a Sociedade Metapsíquica lançou em São Paulo em 1939 e não foi mais reeditado, a Gráfica e Editora Edigraf S.A. presta homenagem e faz justiça ao grande físico inglês Sir Oliver Lodge. Além disso, presta homenagem ao tradutor Monteiro Lobato e preenche uma lacuna da nossa bibliografia espírita e paranormal, pondo novamente ao alcance do público uma obra clássica e fundamental dos estudos nesse campo. De minha parte, agradeço aos Editores a distinção que me conferiram, ao convidar-me para apresentar esta reedição ao público de língua portuguesa.

São Paulo, Outubro de 1971.

J. Herculano Pires
(Presidente do Instituto
Paulista de Parapsicologia)

Introdução

Esta obra leva o nome dum meu filho morto na guerra. Jamais oculteí minha crença de que a personalidade não só persiste, como ainda continua mais entrosada ao nosso viver diário do que geralmente o supomos; de que não há nenhuma solução de continuidade entre os vivos e os mortos; e de que existem processos de intercomunicação bastante efetivos quando o afeto intervém. Como disse Sócrates a Diotima, “o amor vence o abismo” (*Symposium*, 202 e 203).



Mas não é somente a afeição que controla e fortalece o intercâmbio supranormal: o interesse científico e o zelo do missionário também se revelam eficazes; e foi sobretudo graças a esforços desse gênero que eu e outros gradualmente nos convencemos, através de experiências diretas, dum fato que de há muito se tornou evidente para o gênero humano.

Até aqui vim sendo testemunha de ocorrências e mensagens de caráter mais intelectual do que sentimental; e embora muito dessa

evidência permaneça inacessível ao público, parte, entretanto, aparece de tempos em tempos nos *Proceedings of Society for Psychical Research* e na minha coleção intitulada *A Sobrevivência do Homem*. Ninguém, portanto, se surpreenderá se agora surjo testemunhando comunicações que me sobrevieram dum modo especial – comunicações de que o sentimento não está excluído, conquanto apareçam como guiadas e dirigidas por um propósito inteligente, interessado em reunir provas. É a razão que me induziu a publicar este livro.

Mensagens inteligíveis e de caráter um tanto misterioso – de “Myers” – chegaram ao meu conhecimento uma semana ou duas antes da morte de meu filho; e quase todas as recebidas depois de sua morte diferem em caráter das que anteriormente recebi por intermédio de vários médiuns. Até essa época nenhuma criatura se me apresentara ansiosa de comunicação; e embora surgissem amigos promotores de mensagens, eram mensagens de gente da velha geração, diretores da *Society for Psychical Research* e antigos conhecimentos meus. Já agora, entretanto, sempre que eu ou alguém da minha família recorremos anonimamente a um médium, a mesma criatura se apresenta, sempre ansiosa de dar provas da sua identidade e sobrevivência.

E tenho que o consegui. O cepticismo da família, que nos primeiros meses foi muito forte, acabou vencido pelos fatos. Ignoro em que extensão esses fatos possam ser compreendidos por estranhos. Mas reclamo uma atenção paciente; e se incido em erros, já no que incluo, já no que omito, ou se minhas notas e comentários carecem de clareza, aos leitores peço, em todas as hipóteses, uma interpretação amiga: porque em matéria tão pessoal não ignoro que fico exposto à crueldade e ao cinismo da crítica.

Poderão alegar: por que motivo atribuir tanta importância a um caso individual? Na realidade não lhe atribuí nenhuma importância especial; mas acontece que cada caso individual é de interesse,

porque tem plena aplicação nesta matéria a máxima *Ex uno disce omnes*. Se posso estabelecer a sobrevivência de um só indivíduo, *ipso facto* tê-la-ei estabelecido para todos.

Eu já tinha a sobrevivência como provada, graças aos esforços de Myers e de outros da *Society*; mas nunca são demais as provas, e a discussão de um novo caso não enfraquece a evidência já conseguida. Cada vara do feixe deve ser testada, e, a não ser que defeituosa, aumenta a força do feixe.

Basear tão importante conclusão, como seja a prova científica da sobrevivência humana, num fato apenas, sem o apoio lateral de grande número de casos similares, não seria judicioso; porque uma explicação diferente desse caso único poderia surgir. Mas plenamente se justificam o exame da força probante de cada caso cujos detalhes sejam bem conhecidos e a dedução, do modo mais completo e leal possível, da verdade que por ventura nele se contenha.

1^a Parte

O Normal

*And this to fill us with regard for man,
with apprehension of his passing worth.*

Browning, Paracelsus

Capítulo I

In memoriam

Os fatos são estes, como os revelou *the Times*:

“O segundo tenente Raymond Lodge era o filho mais moço de Sir Oliver Lodge e Lady Lodge, engenheiro por vocação e estudos. Alistou-se em setembro de 1914, sendo imediatamente mandado em comissão para o 3º South Lancashire. Depois de treinar perto de Liverpool e Edimburgo seguiu para o Front no começo da primavera de 1915, ligado ao 2º regimento de South Lancashire, indo para as trincheiras de Ypres ou Hooge. Sua capacidade como engenheiro foi de utilidade na construção de trincheiras e esteve algum tempo na Seção de Metralhadoras, onde correu muito perigo. Havendo o seu capitão destroncado o pé, foi posto à frente da Companhia em cujo comando se achava por ocasião da morte – num ataque ou tentativa de avanço em início. Ferido por estilhaço de granada no ataque a Hooge Hill, a 14 de setembro de 1915, veio a morrer horas depois.

Raymond Lodge fora educado na Bedales School e na Universidade de Birmingham. Tinha grande aptidão para a engenharia e amor, e estava para tornar-se sócio dos irmãos mais velhos, os quais muito apreciavam os seus serviços e desejavam o seu retorno, para que viesse colaborar com eles nos trabalhos da firma.”

Raymond Lodge (1889-1915)

A maior parte das vidas enchem-se com o casamento, o nascimento de filhos, os anos de trabalho; mas as vidas dos defensores da pátria revelam uma curta e majestosa simplicidade. As obscuras recordações da infância, os poucos anos de escola, universidade e trabalho construtivo e inventivo, e o repentino sacrifício de tudo quanto prometia o futuro em matéria de carreira, lar e amor; os meses de vida áspera e rijo esforço de guerra, as alegres cartas humorísticas que o aliviavam; e lá no front, numa terra em ruínas, a mutilação e a morte.

Meu irmão nasceu em Liverpool, a 25 de janeiro de 1889; esteve cinco ou seis anos na Bedales School e depois na Universidade de Birmingham, onde estudou engenharia e revelou-se excepcionalmente hábil na prática. Fez os dois anos de treino na Wolseley Motor Works e depois ingressou nas oficinas de seus irmãos, onde permaneceu até à ruptura da guerra.

Inteligência de raro vulto. Inteligência de poder e acuidade fora do comum. Dotado de paciência e compreensão das dificuldades como não vi igual – o que o tornava apto a fazer que os outros realmente compreendessem as coisas difíceis. Raymond causava-nos orgulho e nele depositávamos grandes esperanças. Levávamos-lhe, como o fazia eu, problemas técnicos e intelectuais, certos de obtermos a boa solução.

Embora a sua especialidade fosse em mecânica e eletricidade, não ficava aí. Lia muito, gostava da boa literatura do tipo intelectual, não da imaginativa – pelo menos não afirmo que haja lido Shelley ou William Morris, mas sei que adorava Fielding, Pope e Jane Austen. Naturalmente que lia Shakespeare, e em especial relembro *Twelfth Night*, *Love's Labor Lost* e *Henri IV*. Depois de Fielding e Jane Austen os seus romancistas prediletos

eram, creio eu, Dickens e Reade. Também com freqüência citava os ensaios e cartas de Charles Lamb.

* * *

A religião cristã não admite a morte como fim, e muitas provas da sobrevivência têm sido coletadas em prol dessa imortalidade que é a base da religião de Cristo. A morte é real, entretanto, e dolorosa; não a torna mais leniente a substituição do seu nome pelas expressões de “passagem” – mas a morte é real como termo dum estágio, não como termo da jornada. O caminho estende-se para além dessa crise – e para além da nossa imaginação: “o enluarado caminho sem fim”.

Pensem, pois, de Raymond, não como enterrado em Ypres, com todo o trabalho da sua existência já feito, mas como, depois de merecido descanso, a prosseguir em sua nobre e fecunda carreira num ambiente mais pacífico, e serenamente nos chamando – exortando a família para um esforço mais alto, em vez da permanência em desolada aflição.

Realmente, não é sensato que choremos uma morte como a sua. Preferível que lhe rendamos as homenagens do louvor e da imitação, desenvolvendo-nos como ele e ofertando nossas vidas ao serviço da pátria, e por ela morrendo como morreu Raymond, se for necessário. Esta é a melhor honra e o seu maior monumento.

Não que menosprezemos os monumentos de bronze ou pedra, mas é a fama que os ilumina, e a fama não teve tempo de alcançar uma vida que aos 26 anos encerrou o seu estágio na terra.

*Who shall remember him, who climb
His all-unripened fame to wake,
Who dies an age before his time?
But nobly, but for England's sake.*

*Who will believe us when we cry
He was as great as he was brave?
His name that years had lifted high
Lies buried in that Belgian grave.*

*O strong and patient, kind and true,
Valient of heart, and clear of brain –
They cannot know the man we knew,
Our words go down the wind like rain.*

*Tintern, 1915*¹

O. W. F. L.

Reminiscências, por O. J. L.

De todos os meus filhos, o mais novo era nos começos o que mais se assemelhava ao que fui em idade correspondente. No físico

¹ Tradução:

*Há de lembrar-se, ainda hoje, alguém
de quem morreu na flor da idade
– por seu País, distante, além?
Lembrar-lhe a glória, alguém ainda há de.*

*Galgou sofrido o último lance
– à farda unindo o nobre ser.
Do seu heroísmo... – há alguém que alcance
o alto sentido compreender?*

*Inteligente, amável, forte
– em fria lousa, o nome seu.
Só chuva e vento sobre a morte.
Em terra estranha, adormeceu...*

(Interpretação de Maria Elisa Corbett)

as velhas fotografias atestam a parecença; um antigo condiscípulo meu, que guardava os meus traços ali dos oito aos onze anos, de visita a Mariemont, em abril de 1904, acentuou essa semelhança com Raymond, então menino de escola; e inúmeros traços mentais também o aproximavam de mim. Parecidos até na absurda dificuldade de pronunciar as letras G e K.

Quando entrou na juventude percebi que a vocação e os gostos de Raymond eram os meus – a mesma paixão pela engenharia e as artes mecânicas; embora em meu caso, por falta de oportunidade, me volvesse para a especialização em física. Raymond não era forte em física, nem tinha o meu entusiasmo pela matemática, mas revelava-se mais que eu em engenharia, mais forte de caráter em muitos pontos – e teria dado um profissional de primeira classe. Notável a sua tenaz habilidade em trabalhos de mecânica e sua capacidade de direção. Nada viria mais de revés às suas tendências naturais do que a entrada na carreira militar; unicamente o senso do dever o impeliria num rumo de todo alheio às tradições da família, pelo menos do meu lado.

Também me excedia em senso de humor. Todos na família nos admirávamos da prontidão com que apanhava o lado humorístico das coisas; daí a animação que dava a todas as reuniões a que comparecia. Na escola a vivacidade do seu espírito não deixava de interferir nos estudos, seus e dos colegas, e no interesse geral teve de amordaçá-la; mas até o fim Raymond conservou-se um dos brincalhões da escola.

Tremendamente ocupado como sempre fui, não pude acompanhar a vida de meus filhos como o desejava, mas sempre houve entre mim e Raymond uma simpatia instintiva; e hoje me é de grande consolo não poder recordar uma só ocasião em que ele me irritasse. Em todos os assuntos sérios foi sempre um dos melhores moços que jamais conheci, donde todos lhe prevermos uma vida feliz e uma carreira brilhante.

Sabia admiravelmente lidar com operários; seu modo de tratar com capatazes insolentes nas oficinas Wolseley, onde esteve alguns anos de aprendiz, revelou-se habilíssimo e muito apreciado pelos companheiros; sinceramente não sei de nenhum traço do seu caráter que eu quisesse diferente, a não ser um pouco mais de amor pela especialização em física.

Quando veio a guerra, sua mãe e eu estávamos na Austrália; só algum tempo depois soubemos que se alistara. Isso ocorreu em setembro de 1914; teve uma comissão no exército regular, antedatada de agosto. Raymond cumpriu as suas obrigações militares com a mesma dedicação e esforço com que se aplicava às ocupações vocacionais. Fez o treinamento em Great Crosby, perto de Liverpool, no 3º South Lancashires, comissionado no posto de tenente, e foi adido ao 2º quando este seguiu para o Front; sua companhia passou o inverno em serviço ativo em Firth of Forth e Edimburgo; e teve oportunidade de seguir para Flandres a 15 de março de 1915. Lá consagrou suas habilidades de engenheiro à construção de abrigos e trincheiras, além dos deveres militares comuns; logo depois foi elevado a oficial de metralhadoras. Escusa dizer como a família ansiava pelo seu retorno no fim da guerra. Raymond teve no Front um trabalho estrênuo, e todos desejávamos ardentemente que recebesse a compensação do mimo caseiro. Era esperar muito – embora eu confesse que o tenha esperado.

Raymond está agora em serviço noutra região: sabemos disto. Porque se no primeiro momento do desastre a vida se nos obscureceu horivelmente, breve tivemos a percepção de que sua atividade não cessara, apenas mudara de rumo. O seu brilhante engenho o levará a desenvolvimentos muito maiores que os previsíveis – e temos luminosas esperanças para o futuro.

Mariemont, 30 de setembro, 1915.

O. J. L.

Lamento de sua mãe

*Escrito num pedaço de papel a 26 de setembro de 1915
e recolhido por Oliver Lodge sem que ela o soubesse.*

PARA ALIVIAR A DOR E TENTAR APROXIMAÇÃO

Raymond querido, já te foste do nosso mundo, e para aliviar a minha dor quero saber se és feliz, que realmente me estás falando e não me enganando.

Nunca mais terei cartas de ti, meu querido filho, das quais eu tanto gostava. Tenho-as todas aqui; vou datilografá-las num livro.

Agora, ficaremos separados até que me reúna a ti. Não te vi tanto quanto desejava, durante tua permanência na Terra, mas recordo-me com enlevo dos momentos em que te tive ao meu lado, principalmente na nossa viagem à Itália. Eras meu, então – e tão amado!

Quero acentuar, meu querido, como reconheço a maneira gloriosa pela qual cumpriste o teu dever, nunca deixando que te vissem o esforço, sempre a brincar e a rir, animando e ajudando aos outros. Deves saber como teus irmãos e irmãs sentiram a tua perda – e o teu pobre pai!

Capítulo II

Raymond no Front

Darei alguns extratos da correspondência que Raymond manteve com membros da família durante os dias de serviço em Flandres, de modo a torná-lo melhor conhecido do leitor. Antes disso, porém, reproduzirei a breve nota que escrevi a seu respeito:

“Raymond foi recentemente transferido de Edinburgo para Great Crosby, perto de Liverpool; e imediatamente começou a vida de acampamento.

Ontem de manhã, segunda-feira, 5 de março, um dos subalternos foi designado para o Front; submetido à inspeção médica, teve de ser recusado em vista duma indisposição passageira. Perguntaram então a Raymond se estava em condições de partir. “Perfeitamente”, foi a sua resposta. Às 10 horas da manhã recebeu ordem para seguir rumo à França, à noite. Fez as malas. Às 3 recebemos em Mariemont um seu telegrama marcando encontro para as 5 e dizendo que podia ficar seis horas em casa.

Infelizmente sua mãe estava em Londres e tivemos dificuldade em encontrá-la. Só recebeu um dos nossos telegramas às 7; tomou o trem que pôde e chegou às 11.

Raymond tomou o trem da meia-noite para Euston; seus irmãos Alec, Lionel e Noel acompanharam-no. Chegaram a Euston às 3:50 da madrugada e tiveram de esperar duas horas. Encontrou o capitão Taylor e partiu para Waterloo via Southampton. Os rapazes planejaram vê-lo em Waterloo, voltando daí para casa.

Parece tudo muito bem; mas esta perturbação na nossa família deve estar se reproduzindo em inúmeras outras.

Mariemont, 16 de março, 1915.

O. F. L.

Cartas de Raymond

HOTEL DERVAUX, GRANDE RUE, 75
BOULOGNE-SUR-MER

24 de março, 1915, 11:30.

De acordo com o meu último telegrama, tenho a honra de comunicar que na nossa marcha para o Front encalhamos aqui.

Minha ordenança tem sido de inestimável valor e muito nos diverte. Andou caçando em redor da estação de carga de Rouen (donde partimos) e descobriu uma tampa de lata. Furou-a para formar um braseiro, ao qual adaptou um cabo de arame. Quando nos pusemos em marcha, acendeu o braseiro com carvão apanhado não sei onde, e ao pararmos no caminho, lá pelas 10 ou 11 horas, apresentou-se em minha cabina (quatro oficiais) com um excelente chá. Também havia comprado leite condensado. E ainda providenciou para que nos coubesse uma boa parte das rações distribuídas antes de partirmos, e cuidou da nossa bagagem da melhor maneira.

Insiste em considerar o trem como um simples bonde. Logo que a marcha reduz-se a 4 milhas por hora, desce a juntar lenha ou pilhar o que pode. Faz essas incursões usando o número de outras ordenanças do vagão bagageiro, e como não tínhamos luz, “abafou” numa das estaçãozinhas a lanterna dum guarda. Houve um barulhão; o guarda veio indignado reaver a sua lâmpada.

Assim que paramos em qualquer parte ele sai do seu vagão com o braseiro. Imaginem que o conserva aceso no carro! Não sei como os chefes do trem o permitem – mas se objetarem ele alegará que não sabe francês.

Com frequência o trem parte antes que ele suba, de modo que salta para o nosso vagão, onde nos diverte com a história de sua vida até à próxima estação – e volta para o carro bagageiro.

É preciso muita atenção com ele, mas a despeito disso trata-se duma excelente ordenança.

CARTAS DO FRONT, EM FLANDRES

Acampamento, 13 de abril, 1915.

Tudo bem aqui, exceto quanto às granadas. Ao chegar encontrei todos muito nervosos e não querendo absolutamente falar de granadas. Agora compreendo a razão. Outro dia um shrapnel rebentou em nosso posto, e um estilhaço pegou pelas pernas e pela mão o ordenança de Mr. Laws. O coitado perdeu os dedos da mão direita – e eu procuro não lembrar-me do estrago feito em sua perna. Vai ser amputada.

Esses projéteis nos abalam dum modo horrível, e quando vem vindo um, é surpreendente a rapidez com que cada qual some em alguma trincheira ou buraco próximo.

Uma granada de bom tamanho caiu no campo onde os homens estavam, na tarde de domingo, jogando futebol. Todos se aplastaram no chão; felizmente nada aconteceu, embora uns tantos estivessem a um metro de distância do ponto em que ela caiu. Eu e vários subalternos da companhia estávamos (*mirabile dictu*) na igreja nesse momento.

Meu revólver chegou esta manhã.

Depois que fui rendido na trincheira, quarta-feira marchei para trás, fiz uma refeição com os outros oficiais da Companhia C na

Reserve Billets (uma cervejaria) e só à 1 hora ganhei a cama em nossa casinha. E tive de apresentar armas de manhã, por uma hora, com o dia a romper (como sempre faço, e ao escurecer também). Depois fui dormir e dormi até às 2 da tarde. Dormi num galpão sem portas, sobre palha arrumada em chão de tijolo. Minha coberta sobre a palha, meu capote feito cobertor, meus pés num saco e como travesseiro uma borracha de vento; e dormi tão bem como em casa. Isto aqui enxameia de ratos e piolhos; pode-se ouvir o barulho da bicharia quando cai o silêncio. Fazem *plop, plop, plop* sobre o teto, como se fossem obrigados a andar aos jatos por causa do afundamento das patas na palha. Exatamente sobre minha cabeça percebo, pelo barulho, que há uma família de ratinhos. De quando em quando assustam-se e fogem – e com o movimento cai-me sobre o rosto o pó do teto.

Mas a gente logo se acostuma, e depois de soltar um “*Nom d’un chien!*” volta-se para o outro lado. Esses ratos madrugam tanto quanto nós.

Fico aterrorizado à idéia dum rato passear sobre o meu rosto; mas como minha ordenança dorme ao lado, consolo-me com a chance de não ser eu o escolhido. É verdade que a ordenança ronca muito, o que lhe diminui a chance de ser passeado pelos ratos.

Nas trincheiras nem sempre ficamos à toa. Nos últimos três dias passei de pé toda a noite. O serviço era cavar comunicações entre as trincheiras. Ia para a cama às 4:30 e dormia até à hora do lanche, e ainda mais um pouco à tarde. Por essa razão minhas cartas não têm sido freqüentes.

O extraordinário é que o momento não requer soldados, mas engenheiros civis. Há trincheiras a serem abertas e há a drenagem e o transporte da terra. Muitas vezes as paredes são estaqueadas, e o chão é assoalhado com as tábuas sobre suportes de tacos. E há o abastecimento de água. Diverti-me arranjando uma “fonte” em minha trincheira. Uma agüinha muito clara e bebível depois de

fervida corria de certo ponto na quantidade de meio litro por minuto, fazendo muita lama na trincheira. Represando essa agüinha e pondo uma garrafa sem fundo no topo da barragem, temo-la a correr num fio pelo gargalo; cai num buraco de largura suficiente para receber um balde d'água e depois corre por um rego escavado rente à parede. Lá adiante é de novo represada num tanque que os homens usam para lavagens; e finalmente perde-se num brejo que há atrás da trincheira.

Muito prazer me deu esse trabalho, e há outros assim; pontes de pranchas a fazer, degraus e assentos, etc. Um oficial botou meia dúzia de homens construindo uma cama de vento! Mas não era para ele, e sim para o capitão, que está com meningite e não pode dormir. Os soldados gostam desses serviços. Muito melhor do que não fazer nada.

Vou esgueirar-me para o meu quartel lá atrás e fazer um pouco de chá no Primus (não é permitido fogo).

Um cuco esteve cantando numa árvore próxima – bem visível. Fugiu precipitadamente quando um dos nossos canhões disparou perto, atrás do castelo. Foi a primeira vez que vi esse passarinho, suponho. Acho admirável como os animais ficam mansos. Eles têm muito terreno disponível agora – especialmente os ratos, e prosperam livremente no espaço entre as trincheiras.

Tudo está calmo por aqui, no momento.

Estamos à vista dum lugar bem conhecido (Ypres, certamente), que há dias vem sendo bombardeado em três ou quatro pontos – e o fogo prossegue forte. Um magnífico espetáculo à noite. O lugar parece uma cidade em ruínas, morta, e com certeza não há lá ninguém para pôr fogo naquilo. O fogo seria o melhor para o caso. Aquele sítio deve estar em terrível necessidade de purificação.

Interessou-me muito o sonho de meu pai.² Sua carta é de 8 e diz que em sonho ele me viu no “mais espesso da luta”, mas que do outro lado estavam me protegendo.

Nada sei a respeito do “mais espesso da luta”, mas tenho estado no que poderei descrever como um inferno de shrapnels. Do meu diário vejo que a coisa foi no dia 7 às 10:15 da manhã. Nossa Companhia tinha sido mandada duma série de trincheiras para outra mais próxima da linha de fogo, e a formação adotada foi a de pelotões em fila de um, separados pela distância de 20 a 50 jardas.

² “7 de maio, 1915. Não creio que tenha tido muitas intuições conscientes; é sempre que sonho com vivacidade, esses sonhos nada significam, embora eu os anote – talvez por serem raros. Mas esta manhã tive uma intuição, quando ainda semi-adormecido, e foi que um ataque estava se realizando em que meu filho tomava parte, mas que “eles” o protegiam. Fiquei com isto muito claro na cabeça antes da leitura dos jornais da manhã; neles nada há que me possa sugerir a intuição porque as notícias trazidas são atrasadas. Poderão, todavia, sugerir que houve uma luta na Elevação 60 e eu sei que Raymond não está longe de Ypres.”

Em adendo a essas notas tomadas a 7 de maio, devo acrescentar que a coincidência de tempo entre o sonho e o fato é digna de nota, especialmente por ter sido o único sonho, ou “impressão” que me lembro ter tido durante a guerra. Usualmente não sonho.

Mas como esse incidente sugere a idéia dum possível pressentimento, devo declarar que nunca tive nenhum sério pressentimento a respeito de Raymond. Minha mulher confessa que sua ansiedade a respeito de Raymond, que é constante, não foi nesse dia especialmente aguda, graças à idéia de que ele seria protegido. Eis suas palavras a uma amiga, a 22 de março:

“Eu hei de tê-lo de volta em seguro. Sinto um buraco em meu coração que não se fechará enquanto não revê-lo aqui. Vi-o por uma hora apenas antes da partida, porque eu estava ausente – e ele passou aqui seis horas...”

Eu estava no terceiro pelotão, com o 9º, não com o meu. Fletcher conduziu o último.

Bem. Não tínhamos avançado muito quando as metralhadoras nos perceberam, e também um avião, que passou a voar por cima de nossas cabeças e no mesmo rumo. Mandaram-nos alguns “Johnsons”, que não acertaram no alvo; estávamos defendidos por uma barragem de reservatório. Tínhamos, entretanto, de atravessar uma aldeia arruinada e eles sabiam disso, de modo que despejaram para lá os canhões. Ainda dessa vez escapamos. Mas ao sairmos da aldeia fomos apanhados. Granadas e mais granadas explodiam sobre nossas cabeças, e quando eu e mais três havíamos dobrado uma esquina, uma rebentou no lugar exato que eu visaria, se eu fosse o inimigo. Olhei para cima: vi o ar riscado de estilhaços, uns pequenos, outros grandes. Caíram como chuva em redor de nós. Nada me coube. Já o meu ordenança, que vinha logo atrás de mim, foi colhido num dos joelhos, levemente. Ficou bastante apavorado. Levei-o para trás, para a esquina, e escondi-o numa vala. O resto do pelotão fez a mesma coisa. Pareceu-me o melhor enquanto o bombardeio durasse, mas Fletcher gritou que tínhamos de seguir em frente, houvesse o que houvesse.

Chamei então os homens e deixando um deles com o ferido tocamos para frente. A coisa estava horrível. (Quando se está *retirando* tem importância não “dobrar” os homens, porque eles ficam desprotegidos; mas neste caso estávamos avançando, de modo que me parece que procedi bem). Senti-me muito protegido. Foi realmente um milagre que não fôssemos varridos. Os shrapnels, entretanto, pareciam de má qualidade. Tivemos um só homem morto e cinco ou seis feridos, nenhum gravemente.

Fomos ter a uma trincheira de suporte, e depois de dois dias passamo-nos para outras trincheiras de suporte, poucos metros adiante. As coisas estão calmas agora e eu muito me regalo. Não

fossem os quadros horríveis que estamos constantemente arriscados a ver, a guerra seria uma coisa bem interessante.

* * *

Sinto-me um tanto desapontado de termos de sair daqui esta noite. Fletcher e eu íamos reconstruir esta trincheira. Ele, que é arquiteto, fez um cuidadoso plano.

Outro desapontamento foi quando me vi na retaguarda, numa floresta (como suporte). Isso me fez lembrar dum dos nossos sargentos em Edimburgo, um irlandês de nome O'Brien. Encontrei-o na plataforma muito triste. Perguntei-lhe o que havia e sua resposta me surpreendeu: "Levei na cabeça!" É que tinha reclamado do QG uma melhoria de posição e teve como resposta que *não merecia nada*. Isso o deixou de coração partido.

Pois bem, também eu levei na cabeça. Tenho recebido a incumbência de erguer uma cabana, estava já a acabá-la quando veio ordem de partir. Mas se retornar à floresta eu concluirei o serviço, seja lá qual for o remate que os posteriores ocupantes lhe hajam dado.

Tenho tido prazer em levantar barragens de sacos de areia. O sargento perguntou-me com toda a seriedade se eu era pedreiro de profissão. Isso me deixou tremendamente orgulhoso.

14 de maio, 1915.

Consegui ontem um glorioso banho quente. Fletcher e eu fomos a uma cervejaria cá perto. Banheira de zinco, grande, com tanta água e tão quente como o queríamos...

Também gastei algum tempo me guardando das goteiras do nosso abrigo. Com os meus dois lençóis impermeáveis fiz uma defesa de minha cama, de modo que a água desce para os lados sem que eu saiba para onde ela vai. Pensei em encaminhá-la para o companheiro próximo, como os alemães costumavam fazer na

campanha de inverno. Adaptavam uma bomba às suas trincheiras e despejavam a água do nosso lado – mas o plano foi descoberto...

16 de maio, 5:40 da tarde.

Tive bela novidade ontem. Há três semanas fomos chamados de noite para construir com urgência uma nova trincheira. Os homens operaram esplendidamente, realizando o trabalho com muita rapidez (trabalho feito no escuro). No dia seguinte o Brigadeiro inspecionou-a e mandou cumprimentos ao Coronel. Depois cumprimentou-nos de novo pelo mesmo trabalho! Tivemos várias obras desse tipo a fazer; recentemente uma na elevação 60, onde a tarefa consistiu em aprofundar as trincheiras e melhorar os parapeitos. Fomos, para esse serviço, mandados de empréstimo a outra Divisão (a Divisão que atualmente ocupa aquele setor), e estivemos ausentes daqui por uma semana justa. Conseguimos o louvor de General dessa outra Divisão e em conseqüência fomos escolhidos como o “Batalhão Pioneiro”. Estamos libertos do trabalho comum das trincheiras. Saímos à noite para cavá-las ou erguer parapeitos; o dia temo-lo para nós. Isto foi combinação de ontem, e na última noite voltei para aqui à 1:30 da madrugada. O trabalho é feito sob o fogo de inquietação, nada sério. O Coronel está satisfeitíssimo com a nossa operosidade – e eu muito contente com o novo arranjo. A grande vantagem é podermos nos estabilizar num ponto, sem constantemente termos de empacotar os tarcos e tocar para diante. Podemos agora fazer mesas, cadeiras e camas, uma porta mais decente para a cabana, uma vidraça – e assim por diante.

A UM IRMÃO

26 de maio, 1915.

Talvez já o tenhas lido, mas muito te recomendo o *Simon Dale*, de Anthony Hope.

Tivemos por aqui o gás, segunda-feira de madrugada, ali pelas 3 ou 4 horas. Embora vindo dumas quatro milhas de distância, como soubemos depois, chegou-nos muito forte e ardeu-nos bastante nos olhos.

Consegui algumas bebidas de Railhead – uma garrafa grande de Chartreuse e uma de Curaçao.

Adeus e felicidades.

29 de maio, 1915.

Recebi tua carta hoje às 5 horas. Muito prazer me deu. Não, não estou fazendo as coisas melhores do que realmente são, mas claro que gosto de escrever o mais agradável. Temos momentos desagradáveis, de bombardeio e coisas – mas nada muito ruim ainda. Estar sobre brasas é pior.

Quanto a Fletcher ser o que é, dá-se que ele veio para aqui muito mais cedo. Partiu de Edinburgo a 4 de janeiro – e Laws a 31 de dezembro. Agüentou passagens terríveis e fez toda a campanha do inverno; a extensão do tempo que um homem fica sob essa terrível pressão mental influi muito. Eu faço o possível por conservar-me alegre e feliz todo o tempo – e não acredito em enfrentar meia desgraça. – Se houvesse alguma indicação do fim próximo da guerra, isso melhoraria tudo. A visão do sem-fim é um tanto desalentadora. Estou contente de que a Itália entrasse – afinal!

2 de junho, 4:45 da tarde.

O último membro do nosso rancho é um homem que ainda não foi comissionado. Sargento-Mor do nosso 1º Batalhão, com cerca de 26 anos de serviço; conhece, pois, a tarefa.

Infelizmente sua chegada não constituiu uma bênção. O Capitão está entusiasmado e querendo fazer da nossa Companhia a melhor do Batalhão. Resultado: paradas e mais paradas, com muito

menos descanso do que antes. Quando nos tornamos o batalhão pioneiro, o Coronel nos disse que cavaríamos trincheiras à noite e nada faríamos de dia, afora inspeção de armas. Agora, porém, temos a mais uma hora de treino de vários tipos pela manhã e uma preleção do N. C. O. à tarde, a que os subalternos têm que comparecer e tomar notas. No dia seguinte a uma noite de descanso, temos de estar levantados às sete horas para 30 minutos de exercícios físicos antes do café. Depois hora e meia de treino e a preleção. E as paradas vão aumentando. Tenho receio de que nos gastem todos e aos nossos homens. Thomas ressentido-se muito e está muito aborrecido. Temo que ele fique como Laws e Fletcher. Alguns “veteranos” são muito bons companheiros. Possuem tremenda experiência, mas por outro lado também temos a nossa, e quando eles ficam de cima tornam-se insuportáveis...

Consegui hoje um suprimento de parafina; a Companhia D comprou um barril e mandei uma lata de querosene para trazer a nossa parte. Recebemos dois galões, com pedido, em troca, duma vidraça! Dei busca pelos arredores, achei-a, e mandei-a com os meus cumprimentos.

3 de junho, 1915.

Estou outra vez bem hoje; não dei atenção às minhas queixas, porque isso depende do estado do momento; e eu vou protestar contra estas paradas. Tivemos ótimo tempo na última noite. Fomos ao centro da cidade, que ainda está sob fogo. O inimigo não cessa de ocasionalmente mandar para lá suas bombas, para manter o “*status-quo*”. À beira da cidade há um cemitério quase liquidado! Visão bem desagradável.

A cidade virou coisa incrível. Ninguém pode imaginar que eles tenham feito tal dano, sem deixar uma casa intacta – e de longe, sem penetrar nela!

Nosso trabalho de escavação, na última noite, foi perto duma estradinha muito usada (ouve-se o barulho do trânsito à noite). Isso faz que eles mandem para lá os seus shrapnells, o que nos trouxe um bom “tempo quente”. Foi uma alegria o regressarmos incólumes.

Muito me interessei no panfleto de papai sobre a Guerra e o Cristianismo – e passei-o aos outros. Gosto do modo como ele fica de lado e olha as coisas de cima. Uma leitura muito suavizante.

6 de junho, 1915, 12 horas.

Ontem o Rancho vibrou intensamente à chegada dos salmões. Que esplêndido! Tivemos uma grande refeição matutina hoje, quase igual às nossas festas – *breakfast* depois do banho – com Alec, sem dúvida!...

Diariamente conseguimos rosas para o refeitório – o que muito nos alegra. Tivemos outro dia uma excelente refeição. Sentamo-nos à mesa com velas no centro e vasos de rosas em redor (esses vasos na realidade não passavam de latas velhas). As iguarias, uma especialidade, embora não me lembro o que fossem; o *clou* foi um violinista e um... violino, tudo real! Não sei como esse violino veio parar aqui, e mais o violinista, que é da Artilharia e toca lindamente. Traz cabeleira, costeletas, grandes botas – um ar de vienense.

Começou tocando óperas clássicas e deu-nos um intermezzo da *Cavalleria Rusticana*. Depois, o *Amor de Cigana* e a *Viúva Alegre*. Terminou com um *ragtime* americano. Estimulamo-lo com uma dose de whisky e daí por diante a música tornou-se leve. Diverti-me muito em observar o efeito. Por último passou a dar voltas em redor da mesa, tocando de rijo, como em serenata.

Fui vacinado novamente na sexta-feira porque a vacina só tem efeito por seis meses e há o medo do tifo. Isto aqui parece o ambiente ideal para o tifo – terra baixa, poucas águas, solo

fortemente estercado. Andei um pouco febril e fraco, mas já estou melhor. Tenho de repetir a vacina dez dias depois, mas a segunda vez não é tão ruim.

Por falar em rosas, Thomas colheu uma beleza esta manhã (antes que me levantasse) e trouxe-a para minha cama. Está neste momento diante de mim – cinco polegadas de diâmetro e muito perfumada.

16 de junho, 1:30.

Houve ataque cedo esta manhã e nossa Companhia ficou aguardando os prisioneiros. Pobres diabos! Muito me condoí deles. Um oficial de 16 anos, com seis semanas de serviço. Velhos de barbas grisalhas e estudantes de óculos – gente inadequada para a luta.

Estou no serviço de metralhadoras, para um curso de 15 dias, a começar em 26 de junho.

21 de junho, 4:30.

Tivemos ultimamente um período terrível, e sinto muito dizer que perdi o Thomas. Foi ferido na cabeça por estilhaço de shrapnel, na noite seguinte ao ataque – os jornais devem ter dado a notícia – e morreu uma hora depois sem haver recobrado os sentidos.

Noite trágica; todo o batalhão recebeu ordem de escavar e consolidar as posições conquistadas. Avançamos meio caminho e paramos bloqueados pelos feridos. Num carreiro ao longo duma cerca, esperamos uma hora e, conquanto não pudéssemos ser vistos, tivemos muito shrapnel sobre nossas cabeças. Para piorar a situação, vieram bombas de gás, o que nos obrigou a pôr as máscaras. Excessivamente desagradável; a gente fica quase sem poder ver. Foi nessa espera que Thomas caiu.

Estamos desolados com essa perda, e eu mais que todos – e que será em sua casa, em que é ele o favorito?

Na noite seguinte saímos outra vez, mas foi noite calma, sem desastres. O campo de batalha, péssimo; todos os meus homens de reserva empregados em enterrar cadáveres.

Ansiamos todos por voltar novamente ao “pioneirismo”.

Nossa preocupação é o tiro escoteiro. Estamos numa floresta e é preciso mandar vir água e mais coisas do acampamento, havendo necessidade de caminhar fora das trincheiras, não por dentro delas. E os que saem nesse serviço tomam o caminho mais curto, apesar dos avisos. Há um ponto que oferece boa mira e eles apanham nossos homens de volta, antes que afundem na trincheira. Tivemos um ferido esta manhã e há poucos minutos fui obrigado a interromper esta para acudir um homem da Companhia B que foi baleado seriamente. E sempre no mesmo lugar! Pusemos lá um aviso que espero dê resultado.

Sinto muito que esta carta não esteja saindo alegre, mas temos tido muita tristeza ultimamente. Estamos nos dominando. Por felicidade essas coisas se absorvem gradualmente; eu não compreendia isso no começo. Foi um rude golpe, porque, sobretudo depois que Fletcher partiu (está agora em casa), ficamos todos muito amigos e há sempre a possibilidade de perdermos subitamente um. Thomas foi o primeiro oficial da Companhia C que morreu nestes sete meses.

Da outra vez em que estivemos abrindo trincheiras nesta floresta a Companhia B perdeu o Capitão Salter. Suponho que tenhas visto o seu nome na Lista de Honra. Estávamos a recolher nossas pás quando ele foi atingido na cabeça. Bala perdida.

Estou triste, mas bem de saúde. Quando viemos para aqui, nossa caixa de munição de boca desgarrou com todas as coisas boas. O resultado foi ficarmos curtos de bóia. Tenho comido ranchos horríveis e gostado. Ovos fritos e bacon frito, tudo junto! horrível, mas, por Deus, a fome é um fato!

22 de junho, 4:45 da tarde.

Oh, que guerra demorada, não? Pouco importa; há de acabar sem muito esforço nosso, cujo trabalho realmente consiste em matar o tempo. E não é difícil, tão agradável anda ele. Os dias correm, belos dias ensolarados, aproximando-nos cada vez mais do fim. Têm havido casos em que a guerra vira a cabeça dos povos, mas muitas vezes penso que se a paz viesse de súbito haveria muito viramento de cabeça.

Parece-me admirável a unanimidade de opiniões a esse respeito, e o mesmo deve dar-se do lado dos alemães.

Penso que nunca houve no mundo tantos homens tão “fartos” de guerra. E tantas mulheres também fartas, em casa; e por isso não sei donde vem a força que faz a guerra continuar.

Mas não quero que tenhas uma impressão falsa. Com base em minha última pensarás que as coisas aqui são sempre horríveis. Não é verdade. No total não é. A vida apresenta muito interesse, e os maus momentos constituem minoria. Apresentam-se, mas como exceções. A coisa parece um interminável piquenique em toda a sorte de lugares, sob constrangimentos e com a inquietação no ar. Essa inquietação é puramente mental; e quanto menos a gente pensa nela, melhor; de modo que podemos viver contentes e felizes a não ser que não haja tendência ingênita para isso. É o que acontece a Fletcher e Laws e mais uns outros. Já estão na guerra há muito tempo e têm sofrido muita coisa desagradável, sem os necessários repousos. Sós os muito fortes poderão suportar isso.

Lord Kitchener e Mr. Asquith estiveram cá à noite; aqui, neste convento. Para que fim não sei – mas a visita causou reboliço.

Eu e Way fomos à cidade a noite passada. Alugamos um *fiacre* para a volta. Muito gozamos o passeio. O *fiacre* é o veículo que na Inglaterra foi designado com a denominação de “vitória”, mas em França, onde a etiqueta parece não ligar importância a veículos,

fiacre é a única palavra aplicável ao carrinho – e vai bem. Exprime não só a sua miséria como o aspecto atrasado.

Entramos nalguns estábulos à procura desse veículo; um rapaz gordo, de avental azul, com um lenço amarrado no olho, disse que poderíamos obter um. Perguntei: “E o cocheiro?” Ele bateu no peito: “Eu”.

O preço foi de seis francos, mais a gorjeta. Não se esqueceu da gorjeta. Concordamos, e ele foi buscar um cavalinho francês.

Era um *fiacre* bem confortável, mas ficávamos desajeitados de rodar naquela coisa absurda, principalmente quando cruzávamos oficiais, coisa freqüente. E quando o cocheiro se foi embora, sentimos bastante.

29 de julho, 7:35.

Cá estou de novo nas trincheiras,³ tudo como da primeira vez, apesar do efeito perturbador dos dias passados em casa. Ah, não posso deixar de rir-me com certas coisas daqui. Coisas que às vezes me fazem sentar para rir (não histericamente, *bien entendu*, mas às gargalhadas). Tudo tão absurdo, as razões e causas que me arrastaram a este desagradável recanto da Bélgica! Mal chegado, tenho imediatamente de caçar casa – por toda parte, como a coisa mais natural do mundo. E apanhada a casa e arrumada nela meus pertences, fico a considerá-la o meu lar e nele passo uns dias. Mas de repente minha ordenança e eu arrumamos a bagagem e lá a levamos às costas, como dois ciganos, para outro campo uns quilômetros adiante – e toca a arrumar nova moradia...

Custou-me deixar meu buraco na linha de frente, porque eu havia organizado as coisas a meu modo – com a mesa posta de

³ A 16 de julho Raymond apareceu-nos em casa de licença, obtendo grande recepção. No dia 20 voltou para o Front.

jeito a ter luz, etc. Havia a mesa feita lá dentro, uma cadeira e cama de sacos de areia. Pequenininho e cômodo.

Mas esta minha toca de agora também é gentil. Espaçosa, com janelas encaixilhadas, embora sem vidros, mesa quadrada para quatro pernas, três cadeiras e cama de areia. De modo que estou muito feliz. A cama de areia faz-se assim: um pedaço de chão de 6 pés e 6 polegadas por 3 pés e 6 polegadas é ajeitado com sacos de areia cheios de terra. Sobre isto vão vários sacos vazios. Se as depressões e elevações forem propriamente distribuídas, a coisa se torna um sucesso. Dormimos vestidos, cobertos pelo capote, com travesseiro de ar.

Temos tido nas trincheiras um tempo muito alegre. Creio que já falei do aeroplano que voou sobre nós. Foi no domingo. Derrubamo-lo. O boletim oficial diz que os dois pilotos morreram. Segunda fui para uma trincheira de suporte, tomar chá e conversar com Holden e Ventris, dois oficiais da Companhia C. Às dez menos um quarto houve uma terrível explosão que estremeceu o nosso buraco por alguns segundos. Os alemães haviam explodido uma mina a 60 pés dali, na esperança de mandar para os ares parte das nossas defesas.

Corri às minhas armas – as duas estavam incólumes. Queria que ouvisse o estrondo! Todos os homens correram ao parapeito e arregalaram os olhos. Excitante! Uma das metralhadoras despejou 500 tiros e outra 50. Soube depois que muitos inimigos foram vistos pular os parapeitos, mas tiveram de voltar quando ouviram a metralhadora pipocando. Levou tempo para que a calma retornasse.

Estivemos na Elevação 60 e também acima, em Ypres. Agora estamos ao sul desse lugar horrível – mas com pesar vim a saber que amanhã vamos para o norte. Isso nos deixou deprimidos.

7 de agosto, 7:30.

Tenho tido maus momentos estes dias – desses momentos que nos fazem ver que a guerra não é nenhum piquenique – mas graças a Deus a coisa parou.

Completamos hoje uma quinzena de trincheira – e é fácil de ver como ansiamos por mudar de roupa. A mor parte dos oficiais não trocou de roupa todo esse tempo, mas eu tive sorte. Depois dos dois banhos frios aí, consegui hoje um magnífico banho quente numa banheira de pau. Luxo tremendo! Também consegui mudar as meias.

No dia em que fui bombardeado no buraco, minha ordenança Bailey recebeu uma estilha na perna, sendo levada para a retaguarda; não creio que seja ferimento grave. Foi uma grande perda, mas já tenho outra ordenança, Gray, que vai indo muito bem. Moço de muito boa vontade e inteligente.

A cama de areia torna-se muito úmida, de modo que tenho de forrá-la com o meu oleado. Durmo assim, ou sobre sacos vazios novos. Mas, aí, não é só a umidade que nos incomoda!

Quando vivemos na ativa a umidade não incomoda muito. É comum ficarmos de sapatos molhados e passarmos três, quatro dias, sem tirá-los dos pés – desagradável, sim, mas não funesto para a saúde.

16 de agosto, meio-dia.

Estamos agora descansando. Fizemos 19 dias de serviço e alguns ainda fizeram mais. Três semanas é muito tempo – três semanas contínuas sem tirar a roupa do corpo, sem tirar os sapatos e as polainas...

Cinco meses já que estou aqui – e no exército, onze. Logo estarei pensionando como veterano.

29 de agosto, 11:30.

Estou gozando um calmo lazer neste momento e muito merecido. Estive nas trincheiras de suporte por três dias, e trabalhei duas noites, das 7:30 às 3 da manhã, na construção e em reparos. Na terceira noite houve algo excitante. A Companhia do Capitão Taylor foi mandada para a frente, a abrir nova trincheira ligada com a nossa da esquerda. Tínhamos de subir uma trincheira e em certo ponto galgar o parapeito e arrastar-nos ao ponto em que seria escavada a nova. Fizemos o serviço na maior calada, mas havia lua e fomos vistos. A distância da linha inimiga era de 30 jardas. Um pelotão nosso nos guardava com bombas. Foi trabalho duríssimo, porque eles não cessaram de nos lançar granadas e o pior era o tiro com pontaria, assim de tão perto.

Mas nossas perdas foram menores do que esperei. Logo que a deixamos o Coronel veio à nova trincheira, e muito gabou a Companhia C; o mesmo fez o General. O Capitão Taylor orgulhou-se.

Os homens que perdemos com os tiros de pontaria foram enterrados logo atrás, depois de um quarto de hora de tombados. Horrível.

O General deu-nos descanso, ao ver o nosso estafamento. Foi uma grande mercê. Descanso curto. Penso que temos de voltar, talvez esta noite.

Ficaremos aqui até amanhã à noite e então, suponho, temos de abrir mais trincheiras perto das novas. Estamos com falta de subalternos e eu fora do serviço de metralhadoras. Estou farto, mas agüentando. Na última trincheira construída havia uma boa posição para metralhadoras e tive o gosto de prepará-la a contento...

6 de setembro, 9:30.

Obrigado pela tua carta consoladora. Já estou afeito a isto. Às vezes duvido da minha utilidade – que não me parece ser a que eu gostaria que fosse. É provável que eu ajude a conservar os oficiais

da Companhia C de ânimo mais alegre! O que me aborrece é terem-me tirado das metralhadoras. Espero que não seja por muito tempo.

Grandes acontecimentos são esperados para breve, nos quais tomarei parte. Estamos de repouso agora. Só temos tido ultimamente períodos de três dias nas trincheiras.

Nossos dois últimos dias de trincheiras foram tremendamente molhados. Aí em casa isso me teria trazido pneumonia dupla. Meu capote está empapado, de modo que tenho de dormir de túnica, com o culote molhado.

A chuva tem sido incessante; o chão da nossa trincheira está alagado – a água verte em baixo dos sacos de areia.

Por sorte escapei de dormir neles porque fui rendido esta noite. Mas antes de partir tive de trabalhar com 50 homens, até meia noite, no esvaziamento da trincheira. Às 8:30 enfiei as botas cheias d'água e fiquei com elas até às 12, e então marchei por umas oito milhas. Depois de nove horas de merecido descanso e alguma bóia, mais três ou quatro milhas. Que agradável mudar de botas e encontrar nossas valises e uma tenda!

Esta noite fui a Poperingne com o Capitão Taylor e tivemos um jantar realmente bom – grande festança!

Continuamos infelizmente com as paradas; fora isso, tudo bem...

Alec teve boa idéia enviando-me uma “Molesworth”. Muito útil.

Gostaria de receber um jornal – *The Motor*, de preferência, ou *The Autocar*. É ser criança, não?

O Capitão Taylor destroncou o pé numa queda de cavalo e está de folga. O comando da Companhia me coube. Só quero que não seja por muito tempo. Muita responsabilidade.

9 de setembro, 3:30 da tarde.

Tenho de apressar-me para alcançar o correio.

Fomos inspecionados pelo Comandante do corpo de Exército, General Plumer (Sir Herbert).

Estou ainda no comando da Companhia C, e tive de dar voltas com o General e uma fieira de Generais menores, Coronéis, etc. Perguntaram-me muitas coisas.

– Há quanto tempo está na Companhia? Quanto tempo estive fora? Respondi que desde março. Perguntaram-me então se fora ferido ou estivera doente. Respondi que não.

– Rapaz agüentador! disse o General, ou pelo menos pensei que fosse dizer.

Andamos muito ocupados agora. Escreverei carta mais longa depois. Peço desculpas.

Uma caixa de cigarros chegou ontem, creio que mandada por Alec. Virgínias.

Estamos com uma tenda nova – e fazia falta porque andávamos dormindo cinco na mesma. Agora ficamos reduzidos a dois. A nova tenda é dum lindo gris – cor de nuvem carregada. Quando terminar a guerra hei de adquirir uma.

Tornar-me-ei insuportável, eu sei; quereirei tudo à hora e a tempo. Não importa – que venha o fim da guerra!

Viva, viva! Tempo bom, grandes deuses! Aeroplano (inglês) descido ontem em nosso campo, levemente avariado. Tudo bem, Adeus! Amor, amor.

Raymond

12 de setembro, 2 da tarde.

Participo que continuo no comando da Companhia e que vamos para as trincheiras da frente esta tarde às 5 horas para uma vistoria comum. Vamos de ônibus!...

O Capitão T. pensa ficar fora um mês!

* * *

Telegrama do Ministério da Guerra

17 de setembro, 1915.

Profundamente lamentamos ter de informar-vos que o Segundo-Tenente R. Lodge, do 2º South Lincs, foi ferido a 14 de setembro e veio a falecer. Lord Kitchener manda suas simpatias.

Telegrama do Rei e da Rainha

Profundamente o Rei e a Rainha lamentam a perda sofrida por vós e pelo Exército, com a morte do vosso filho a serviço da pátria. Suas Majestades sinceramente comungam com a vossa dor.

Capítulo III

Cartas de amigos

Algumas cartas de oficiais chegaram com detalhes. Era um momento excepcionalmente terrível para o saliente de Ypres, de modo que não havia tempo para escrever. Alguns dos seus amigos morreram na mesma ocasião, ou logo depois.

DO TENENTE FLETCHER

21 de setembro, 1915.

Raymond foi o melhor camarada que jamais tive; andávamos sempre juntos; primeiro em Brook Road, depois em Edimburgo e finalmente na França – e ninguém poderia ter melhor amigo do que ele o foi meu.

Jamais me esquecerei do dia em que nos reunimos em Dickebush e de como ficamos contentes de revê-lo. Foi sempre o mesmo, sempre pronto para cooperar da melhor maneira; seus homens adoravam-no e tudo faziam por ele.

24 de setembro, 1915.

Vim a saber que estávamos abrindo trincheiras à frente das atuais, em St. Eloi, na semana passada, de modo que deve ser lá que ele foi ferido. Raymond absorvia-se na abertura de trincheiras e numerosas vezes tive de aconselhá-lo a conservar-se abaixado enquanto fiscalizava o serviço...

Sempre esperei que saísse da guerra incólume, e ele também o esperava. Da última vez que o vi fizemos grandes planos para depois da guerra, e agora custa-me compreender que ele já não exista.

(Assinado) *Eric Fletcher.*

DO TENENTE CASE A LADY LODGE

24 de setembro, 1915.

Senti imensamente sua morte, porque era um dos melhores rapazes que conheci. Universalmente querido, tanto dos oficiais como dos soldados, escusa dizer...

Estive três meses na Companhia C e posso testemunhar sua extrema serenidade e habilidade em coisas militares. Foi ferido lá pelo meio dia e morreu meia hora depois. Não me recordo da data, mas escrevi com mais detalhes para seu irmão. Não creio que haja sofrido muito. Estava consciente quando cheguei; reconheceu-me, suponho, e fiquei ao seu lado algum tempo. Depois saí a ver se achava o médico, mas todos os telefones estavam cortados – e mesmo que viesse o médico nada teria a fazer. Os padioleiros fizeram o que era possível...

Outro oficial. M. Ventris, foi morto na mesma ocasião, com a sua ordenança, Gray.

(Assinado) *G. R. A. Case.*

DO CAPITÃO S. T. BOAST

17 de setembro, 1915.

Antes de tudo, meus sentimentos a si e à família pela perda de vosso filho, o Segundo Tenente Lodge. Essa perda foi muito grande: era uma criatura encantadora, sempre alegre e cooperante, rijo no trabalho, brilhante exemplo do que um soldado deve ser. Era um eficiente oficial, ultimamente qualificado no manejo e comando das metralhadoras Maxim – coisa importante nesta guerra. As circunstâncias de sua morte foram resumidamente estas:

A 14 de setembro a Companhia C, a que ele pertencia, estava em posição numa trincheira de fogo. Pela manhã o comandante da artilharia de cobertura informou-o, como comandante da Companhia, de que ia bombardear as posições inimigas e como suas trincheiras ficavam muito próximas das nossas, aconselhava-o a retirar-se durante o bombardeio. Lodge deu ordem à Companhia para retirar-se, mantendo comunicação com a trincheira de trás. Ele e o Segundo Tenente Ventris foram os últimos a deixar a trincheira, e ao chegarem à de trás, Ventris foi morto e Lodge ferido – vindo a morrer logo depois, São estas as circunstâncias de sua morte.

DO CAPITÃO A. B. CHEVES

22 de setembro, 1915.

O Coronel pediu-me que vos escrevesse dando alguma idéia do local em que vosso filho foi enterrado. Ele viveu cerca de três horas depois de ferido e todos falam altamente da sua conduta nesse tempo. O ferimento recebido foi desses que não deixam esperança de salvação, o que todos reconheceram e também ele próprio. Quando à tarde o corpo foi removido a expressão de seu rosto era absolutamente calma, donde concluo que morreu sem dor. Enterraram-no nessa mesma tarde, em nosso cemitério, ao lado do Tenente Ventris, morto na mesma ocasião. O cemitério é no jardim duma herdade em ruínas. Está bem cercado; o túmulo de vosso filho ficou debaixo dumas árvores grandes. Há ali túmulos de homens de vários regimentos. O de Lodge está cercado de arame, o que o singulariza dos outros. Há uma cruz de madeira no todo e uma menor aos pés. Nossas condolências serão de bem pequena consolação para um pai, mas Raymond foi um dos oficiais mais populares no Batalhão, tanto para os soldados como para os oficiais, e todos grandemente sentimos sua morte.

2ª Parte

O Supranormal

*Peace, peace! He is not dead, he doth not sleep
He hath awakened from the dream of life.*

Shelley, Adonais

Capítulo IV

Sobre as comunicações supranormais

*But he, the spirit himself, may come
Where all the nerve of sense is num
Tennyson, In Memoriam*

Qualquer que seja a atitude do mundo científico, muita gente há que por experiência pessoal sabe da possibilidade de comunicação entre o mundo percebido pelos nossos sentidos corporais e uma existência mais ampla, da qual conhecemos muito pouco.

Não é fácil essa comunicação, mas realiza-se; a humanidade tem razão para ser grata aos poucos indivíduos que, reconhecendo possuírem o dom de mediunidade, isto é, o dom de agirem como intermediários, se prestam a ser usados para esse fim.

Esses meios de alargar o nosso conhecimento e entrar em relações com o que está além do alcance da vista animal pode, como tudo na vida, ser mal usado; pode ser tido como mera curiosidade ou explorado dum modo indigno e egoístico, como tantos outros conhecimentos humanos. Mas também pode ser usado com reverente seriedade no propósito de reconfortar aos que sofrem e aos aflitos, restaurando as cadeias de afeto que ligam as almas e foram temporariamente descontinuadas por uma aparente barreira. Essa barreira começa a não ser intransponível; a comunicação entre os dois estados não é tão absurda como pensávamos; alguma coisa pode ser apreendida do que ocorre do outro lado; e é provável que uma grande soma de conhecimento venha a ser gradualmente acumulada a respeito.

A afeição criou a comunicação. O esforço para obtê-la tem sido orientado de modo a assegurar aos vivos a idéia da continuidade da existência pessoal, fazendo-os compreender que a mudança de mundo de nenhum modo enfraquece o amor ou destrói a memória – donde a ilação de que a felicidade terrena não fica irremediavelmente perdida com a morte dos entes caros. Com esse propósito muitos incidentes triviais são recordados, como os melhores para convencer a amigos e parentes de que uma certa inteligência, e não outra, deve ser a fonte donde provém as mensagens, sejam quais forem os meios de produzi-las.

Talvez o método de comunicação mais comum e fácil seja o da “escrita automática”, isto é, a escrita realizada por intermédio duma inteligência subconsciente; a pessoa que escreve deixa a mão livre para traçar o que lhe chega, sem nenhuma tentativa de controle.

Que usualmente nada consigam os noviços ou só obtenham verbiagem sem valor, é o que há a esperar; o notável está em certas pessoas obterem coisas com sentido, ligadas a fontes de informações inteiramente fora do seu alcance normal. Se numa pessoa existe um gérmen desse poder, torna-se possível, embora nem sempre desejável, desenvolvê-lo; mas faz-se mister muito cuidado, pertinácia e inteligência, para a boa utilização da faculdade. A não ser que se trate de pessoa de bom equilíbrio, autocrítica e sadiamente ocupada, o melhor é não entrar nesse caminho.

Em muitos casos de automatismo plenamente desenvolvido que me vieram ao conhecimento, o “automatista” lê o que vem e dá respostas orais, ou faz comentários às sentenças à proporção que elas surgem; de modo que a operação lembra uma conversa em que um fala e outro escreve – o lado que fala sendo usualmente o mais reservado e o lado que escreve o mais expansivo.

Lógico que nem todas as pessoas têm o poder de cultivar essa forma simples do que é tecnicamente conhecido como “automatismo agente”, uma das formas reconhecidas da atividade subliminal; mas muitas mais o teriam se o tentassem; embora para umas não fosse sensato e para outras de nada valesse.

A mentalidade intermediária empregada no processo parece ser o *stratum* usualmente submerso ou sonhador do automatista cuja mão é utilizada. Essa mão provavelmente atua por meio do mecanismo fisiológico normal, guiada e controlada pelos centros nervosos momentaneamente desconectados das partes mais conscientes e normalmente usadas do cérebro. Em alguns casos a matéria da escrita pode emanar totalmente dos centros nervosos e não ser de mais valor que um sonho; isto é freqüente no automatismo elementar posto em ação pelos instrumentos conhecidos como a “prancheta” e o “ouija”, em regra empregados pelos principiantes. Mas quando a mensagem se apresenta com valor *evidencial*, então é que essa parte subliminal da pessoa está em contato, telepaticamente ou de que modo seja, com inteligências no comum pouco acessíveis – com seres talvez vivendo à distância, ou mais freqüentemente com seres mais acessíveis que “passaram” a um estado em que a distância, no sentido em que a temos, nada quer dizer, a cujos elos de conexão de nenhum modo se revelam especiais. Escusa dizer que evidências de fenômenos desse tipo se tornam absolutamente necessárias, e que havemos de insistir no obtê-las; mas a experiência vem demonstrando que, aqui e ali, boas provas vão aparecendo.

Outro método é o do automatista em estado de transe. Nesse caso o mecanismo fisiológico parece mais suscetível de controle e menos falseável pela inteligência normal da pessoa em transe; de modo que mensagens de importância ou reservadas podem ser obtidas sem o conhecimento delas. Ao despertarem nada sabem do que transmitiram. A fala é nesse estado mais usada que a escrita,

porque se torna mais cômodo para o recipiente, isto é, o amigo ou parente para quem a mensagem é transmitida. A personalidade comunicante pode ser a mesma que no outro caso atua por meio da mão do médium, e as mensagens podem ter o mesmo caráter das feitas por escrita automática, isto é, parcial. Mas no estado de transe surge uma caracterização dramática, com o aparecimento da entidade chamada “controle”, que na aparente ausência de seu dono ocupa o corpo do automatista.

A evidência real varia em muitos casos de acordo com a personalidade em ação. Frequentemente acontece que pequenos traços pessoais, sem importância para terceiros, manifestam-se e destroem os últimos vestígios da descrença. O que a mais que isto ocorre depende de treino pessoal e do interesse. Em muitos casos qualquer inquérito científico falha nesse ponto, porque a comunicação passa a resumir-se num intercâmbio emocional de idéias domésticas. Em outros casos, emerge o desejo de produzir informações novas; e quando há suficiente receptividade e está em ação um médium de valor, muita informação instrutiva de ordem geral pode ser assegurada. Explicação, por exemplo, dos métodos de comunicação como vistos do outro lado; ou informações sobre a vida nesse outro lado; e ocasionalmente boas tentativas para esclarecer os nossos embaraços em matéria de concepções religiosas ou esclarecer-nos quanto às idéias sobre o Universo. Os comunicantes, entretanto, insistem em que os seus informes são de pouco mais valor que os nossos, e que também eles não passam de tateantes investigadores da verdade – da qual, todavia, sentem a beleza e a importância – e a infinitude inacessível à sua apreensão mental. O mesmo que se dá em nosso mundo.

Esse tipo de comunicação é o “inverificável”, porque não podemos testar as informações como o fazemos com as coisas da terra. Informações desta categoria têm aparecido em quantidade, e

muitas foram publicadas; mas não podemos medir-lhes o valor, já que são inverificáveis.

Com freqüência vejo alegar-se que *todas* as comunicações psíquicas são de natureza trivial, ou só dizendo respeito a coisas sem importância. Mas as pessoas de experiência na matéria não podem aceitar semelhante opinião; enquanto persistir a preocupação de provar a sobrevivência e de identificar os comunicantes, serão justamente essas trivialidades reminiscenciais as mais adequadas aos fins mirados. Caso em que os fins justificam os meios. Os parentes ou amigos recebem referências a fatos verificáveis; e desde que para terem valor esses fatos não podem ser de natureza pública, ou dos que constam ou se deduzem de biografias ou da história, claro que têm de referir-se a coisinhas de família ou passagens humorísticas das que cravam na memória. Podemos admitir que tais fatos se redimem da trivialidade graças à dose de afeição que neles há e graças ao propósito em vista. A idéia de que o amigo ou parente morto tem que estar inteiramente ocupado com altos assuntos, sem já recordar-se das coisinhas da terra, não se justifica. Não há razão para que o “humour” seja coisa exclusivamente nossa.

Poderão perguntar-me se a todas as pessoas aflitas eu recomendo que se devotem à colheita de comunicações, como fiz e exponho neste livro. Claro que não. Sou um estudioso do assunto, e os estudiosos de um assunto têm que empreender trabalhos especialíssimos. O que a todos recomendo é a compreensão de que os seus entes amados persistem ativos, interessados e felizes – em certo sentido mais vivos do que nunca – e também que se preparem para uma vida útil na terra até o momento em que se reúnam a esses entes amados.

Os passos a dar para a consecução desta calma certeza é coisa que depende de cada um. Conseguem-no uns com as consolações da religião; outros, com idéias recebidas de pessoas em quem

depositam confiança; outros, por meio de convicções hauridas de experiências pessoais. E se esta experiência pode ser obtida reservadamente, em calma meditação ou sonho, sem o auxílio de estranhos, melhor.

O que há a fazer é não fechar o espírito à possibilidade da continuação da existência; não é procurar egoisticamente diminuir a dor pela fuga de toda menção ou pela repulsa de tudo que possa lembrar os que morreram; nem é entregar-se à aflição sem fim. Estamos numa época ativa; e será ingratidão para com os que morreram pela pátria o deixar-nos arrastar pelo desânimo e o vivermos em lamentações em vez de conduzirmos uma vida o mais possível útil à pátria e à humanidade. Todos os passos tendentes a levar a este saudável resultado claro que se justificam; mas aconselhar o que fazer em cada caso individual é coisa que não me compete.

Venho sugerindo que o novo conhecimento, quando incorporado aos sistemas existentes, terá influência na região até aqui explorada por outras faculdades e considerada o domínio da fé. As conclusões a que fui levado não contradizem as obtidas pelas teologias mais adiantadas; embora eu tenha de confessar que o investigador de psiquismo não pode ter simpatias por pontos de vista eclesiásticos que se firmam em idéias idas. Se foge o investigador psíquico de atacar esses pontos de vista é unicamente por estar na certeza de que a seu tempo morrerão de morte natural. Há muito joio misturado do trigo para que outro, que não o especializado em eclesiástica, tente arrancá-lo.

Entrementes, e embora alguns dos exploradores oficiais da doutrina cristã condenem qualquer tentativa de investigação do assunto por meio de métodos seculares; e enquanto outros evitam criticar os resultados assim obtidos; alguns há que os adaptam aos

seus ensinamentos, indiferentes ao risco de ofender irmãos de mente mais fraca.⁴

⁴ Exemplo: um livro de nome *The Gospel of the Hereafter*, de Paterson Smyth, de Montreal, pode ser anunciado a todos que, embora atados aos dogmas ortodoxos, e incapazes de estudos novos, não desdenham de interpretar a fraseologia oriental e medieval à luz do espírito moderno.

Capítulo V

Explicação elementar

Para os já familiares com assuntos psíquicos, ou que hajam versado obras sobre a matéria, escusa explicar o que é uma “sessão”. Os novíços ganharão com a leitura de livros como os de Sir W. Barrett ou J. Arthur Hill ou Miss H. A. Dallas, ao alcance de todos, ou a minha obra, *A Sobrevivência do Homem*.

Muitos graus de mediunidade existem, sendo um dos mais simples o que em estado normal, sob certas condições, permite receber impressões, ou produzir a escrita automática; mas é assunto muito amplo para ser tratado aqui. Limitar-me-ei a dizer que o tipo de mediunidade a que para este livro recorri é o em que o médium, depois de calma espera, entra mais ou menos em transe, e então fala ou escreve sob a direção duma inteligência tecnicamente conhecida como o “controle” ou o “guia”. A transição em muitos casos se efetua de modo calmo e natural. Imerso nesse estado, o médium adquire certo grau de clarividência ou lucidez acima da sua consciência normal, permissora de referências a fatos inteiramente fora do seu conhecimento. O “guia”, ou a terceira personalidade que fala durante o transe, parece estar mais intimamente em contato com o que é vulgarmente chamado “o outro mundo”, e portanto torna-se capaz de transmitir mensagens de pessoas mortas, transmiti-las por meio da fala ou da escrita do médium, usualmente com alguma obscuridade e atrapalhação, e com maneirismos pertencentes tanto ao médium como ao guia. O quantum de falseamento varia de acordo com a qualidade e o estado do médium nas diversas ocasiões; pode ser atribuído fisiologicamente ao médium e intelectualmente ao guia.

A confusão não é maior que a que poderíamos esperar de dois telegrafistas ligados por um instrumento delicado e de qualidade incerta, e que transmitissem informações dum estranho para outro. Um dos estranhos procura apanhar as mensagens transmitidas, embora não seja muito hábil em pô-las em palavras, enquanto o outro se conserva em silêncio e sem dar nenhuma assistência. O que recebe a mensagem, usualmente conserva-se mais ou menos suspeito de que aquilo é uma ilusão e que o seu amigo, ou parente – o comunicante – não está de fato ali. Sob tais circunstâncias, o esforço do comunicante dirige-se sobretudo para a recordação de coisinhas que desfaçam o natural cepticismo do receptor, fazendo-o admitir que o seu amigo está presente, embora fora do alcance sensorial dos vivos.

Sabemos que as comunicações sofrem o embaraço da influência inconsciente, mas inevitável, do mecanismo transmissor, seja ele de caráter mecânico ou fisiológico. Cada artista reconhece que tem de adaptar a expressão do seu pensamento ao material de que dispõe, e que o que é possível com um “médium” (no sentido artístico da palavra) não é possível com outros.

E quando o método de comunicação é puramente mental, ou telepático, temos de admitir que o comunicante do “outro lado” há que escolher suas idéias e utilizar-se dos canais peculiares ao médium; embora com a prática, e com muito engenho, esses ingredientes possam ser entretecidos de forma que traduzam as intenções mentais do comunicante.

Compreender a atuação duma mesinha em contato com músculos humanos constitui matéria muito mais simples. É coisa elementar, mas em princípio não parece diferir da escrita automática; entretanto, como se trata de um código de movimentos muito simples, parece ao noviço coisa mais fácil. Tão simples é, de fato, que se tornou uma espécie de brincadeira e caiu em descrédito. Mas não podemos deixar de reconhecer as suas

possibilidades; e como é método mais direto, que não pede a agência duma terceira pessoa, constitui o sistema preferido por alguns comunicantes.

Admitam-no ou não, devo testemunhar que quando um objeto móvel é controlado desta maneira direta torna-se capaz de revelar muita emoção – e da mais feliz maneira. Uma chave de telégrafo dificilmente o conseguiria: tem o raio dos movimentos muito restrito; age dum modo descontínuo, ligando e cortando; mas a leve mesinha não se revela inerte, comporta-se como um ser animado. Durante a atuação *torna-se* animada – qualquer coisa como o violino ou o piano nas mãos do “virtuoso” – e o dramático da ação desse modo conseguido é notável. A mesinha pode demonstrar hesitação ou certeza; pode pedir informação ou dá-la; pode aparentemente ponderar antes de vir com a resposta; pode saudar um recém-chegado; pode marcar compasso, como se estivesse num coro; e, mais notável que tudo, pode, de maneira mais inconfundível, revelar afeição.

A mão dum médium de escrita automática também fará isso; e que o corpo inteiro duma pessoa normal revele essas emoções, não é preciso dizer. Em ambos os casos tudo não passa de matéria, esta mais permanentemente animada que aquela. Mas todos esses tipos de matéria animam-se temporariamente – nenhuma permanentemente – e parece não haver nítidas linhas de demarcação. O que temos de compreender é que a matéria, sob qualquer forma, torna-se apta a atuar como agente da alma, e que com o auxílio da matéria várias emoções, bem como a inteligência, podem ser temporariamente encarnadas e reveladas.

A produção de música elementar por meio de qualquer objeto – tralha de cozinha, por exemplo – é coisa freqüente nos palcos. A utilização de objetos disparatados nas comunicações, embora não o fosse de esperar, pode incluir-se nessa mesma categoria.

Sabemos que com objetos feitos para esse fim, do violino aos bonecos dum teatrinho de marionetes, as paixões humanas podem ser exibidas ou estimuladas. A mesma possibilidade existe com objetos feitos para outros propósitos.

O jogo da mesinha é um velho passatempo conhecido de inúmeras famílias e, com muito acerto, já posto de lado; mas com as necessárias cautelas torna-se um meio de comunicação aceitável; e a soma de poder mediúnico necessário a esta forma elementar de atividade psíquica parece ser muito menor que a requerida em métodos mais elevados.

Uma coisa temos forçosamente de admitir: que em todos os casos em que um objeto se move por direto contato com o corpo do operador, inconscientes movimentos musculares se realizam; e tudo que vem duma causa conhecida ou suspeitada pelo operador deve ser descontado. Às vezes, todavia, a mensagem revela-se inesperadamente e de forma enigmática, dando informes desconhecidos do operador. O valor supranormal dessas comunicações têm que ser apreciado pelo seu conteúdo.

Não abordarei neste livro os casos ainda mais enigmáticos dos fenômenos físicos, como a “voz direta”, a “escrita direta” e a “materialização”. Nestas estranhas e, de certo ponto de vista, mais adiantadas ocorrências, a matéria inerte parece operada sem nenhuma intervenção do mecanismo fisiológico. Não obstante, esse mecanismo tem que permanecer nas proximidades. Estou inclinado a pensar que tais fenômenos, quando bem estabelecidos, se diluirão dentro dos que ora nos ocupam e que nenhuma teoria completa de uns e outros surgirá antes que sejam ambos muito mais conhecidos. Eis uma das considerações que me fazem fugir ao dogmatismo quanto à questão de se todos os movimentos provêm dos músculos. Limito-me a presumir-me contra qualquer decisão prematura. Este assunto da interação psicofísica requer muito estudo, em tempo e lugar; mas é campo traiçoeiro, de numerosos mundéus e pouco

atrativo para muita gente. Esperemos que a artilharia de longo alcance haja destruído as defesas para só depois iniciarmos o avanço.

Capítulo VI

A mensagem do “Fauno”

Fatos preliminares

Raymond entrou para o exército em setembro de 1914, treinou em Liverpool e Edinburgo e em março do ano seguinte foi mandado para as trincheiras. Em meados de julho esteve em casa por alguns dias, de licença. A 20 voltou para o Front.

A mensagem inicial de “Piper”

A primeira sugestão que tive de que qualquer coisa má podia acontecer foi uma mensagem de Myers, colhida na América por Mrs. Piper, e aparentemente comunicada por “Richard Hodgson”, certa ocasião em que uma Miss Robbins estava em sessão em casa de Mrs. Piper, em Greenfield, New Hampshire, a 8 de agosto de 1915. De tudo fui informado por Miss Alta Piper, que me enviou a documentação original. Dou abaixo o relato do que, em certo momento da sessão de Miss Robbins, depois de tratarem de assunto que dizia respeito só a ela e nada a mim, começou abruptamente deste modo:

Richard Hodgson – Agora, Lodge, que não estamos aí como outrora, isto é, completamente, estamos, porém, aptos o suficiente para receber e enviar mensagens. Myers diz que V. toma a parte do poeta; e ele, a do Fauno.

Miss Robbins – Fauno?

Richard Hodgson – Sim. Myers. Protege. Ele compreendera (evidentemente referindo-se a Lodge). Que

tem V. a dizer, Lodge? Bom trabalho. Pergunte a Mrs. Verral, ela também compreenderá. Assim pensa Arthur (*refere-se ao Dr. Arthur Verral, falecido*).

Carta de Mrs. Verral

A fim de interpretar esta mensagem, escrevi a Mrs. Verral, como foi sugerido, perguntando-lhe se a expressão *O Poeta e o Fauno* tinha para ela algum sentido, e se um “protegia” outro. Sua resposta veio breve a 8 de setembro:

“A citação refere-se ao que diz Horácio sobre a queda de uma árvore que por um triz o não matou; a proteção recebida ele a atribui a Fauno. Cf. Hor. *Odes*, II, XVii, 27; III, iv, 27; III, viii, 8. A alusão a Fauno está na *Ode* II, xvii, 27-39:

*Me truncus illapsus cerebro
Sustulerat, nisi Faunus ictum
Dextra levasset, Mercurialium
Custus virorum.*

(Fauno, o guardião dos poetas; “poeta” sendo a interpretação usual dos “homens de Mercúrio”).

As palavras citadas são rigorosamente aplicáveis à passagem de Horácio, como imediatamente percebi.

M. de G. Verral

Deduzo, pois, que desta interpretação da mensagem de Myers, a mim dirigida e evidentemente correta, a significação era que algum golpe iria sobrevir, ou tinha possibilidade de sobrevir, embora eu não pudesse saber qual; e que Myers interviria, aparentemente para proteger-me.

A mensagem chegou-me a 6 de setembro, na Escócia. Raymond faleceu em Ypres a 14, recebendo eu a notícia a 17. “Árvore que cai” é um símbolo de morte usado com frequência, talvez devido a uma errônea interpretação do Eclesiastes, xi 3. Os demais eruditos a quem fiz a mesma pergunta foram unânimes em referir a citação de Horácio.

Resposta de Mr. Bayfield

Logo depois da morte de Raymond apresentei os fatos ao Rev. M. A. Bayfield, ex-diretor do Eastbourne College, como um incidente interessante para a *S. P. R.* e declarando, ao mesmo tempo, que Myers não pudera desviar o golpe. Eis a resposta recebida:

“Em nenhuma passagem dos seus poemas Horácio diz claramente que a árvore o apanhou, mas minha dedução é que o fez. Diz ele que Fauno “aliviou”, não que “desviou” o golpe. No vosso caso, a significação me parece ser de que o golpe sobreviria, mas não esmagaria; que seria “atenuado” pela asseguuração dada por Myers de que o vosso filho ainda vive. Muitas criaturas, quando são assim golpeadas, ficam, como Merlin,

*as dead,
And lost to life and use and name and fam*

Isto me parece ter aplicação bem nítida à palavra sobre que Myers insiste e a toda a referência a Horácio”.

E no P. S. acrescenta:

“Os versos implicam que ele foi ferido pelo golpe, e na cabeça. Realmente, o perigo foi grande; e sou levado a crer que Horácio não se teria impressionado tanto se não fosse

realmente alcançado pela árvore. Há em suas Odes quatro referências ao caso, todas fortalecendo a minha interpretação – e também a da mensagem de Myers, que devia estar bem consciente dos termos da citação dos versos de Horácio – e não teria dúvida de que o poeta não escapara ao golpe, o qual fora rude.”

Nota do autor

Embora alguns tradutores de Horácio se atenham à idéia do desvio do golpe, devo frisar que a maior parte dos eruditos consultados deram “aliviou” ou “atenuou” como a boa tradução. O prof. Strong diz: “Não há dúvida que *levasset* significa *enfraqueceu*; o galho da árvore caiu e alcançou o poeta, mas levemente, graças à intervenção de Fauno (variante latina de Pan). *Levo* tem comumente esse sentido, no clássico”.

A tradução em prosa de Bryce é clara – “um galho que caiu sobre minha cabeça teria sido o meu fim, se o bom Fauno não atenuasse o golpe”. E conquanto na tradução de Conington venha que “o golpe foi detido a meio caminho”, sua idéia é a mesma, porque foi detida a morte do poeta, não o golpe:

*Me the curst trunk, that smote my skull,
Had slain; but Faunus, strong to shield
The friends of Mercury, check'd the blow
In mid descent.*

Informação adicional

Mr. Bayfield também me relembra outra referência que recebi, oriunda de manifestação por meio da escrita automática, em casa ainda de Mrs. Piper, e datada de 5 de agosto, a qual me veio ter às mãos conjuntamente com a mensagem do Fauno.

“Sim. No momento, Lodge, tende fé e sabedoria (*confiança*) em tudo que é maior e melhor. Não haveis sido tão profundamente guiado e cuidado? Podeis responder que não? Graças à vossa fé é que tudo foi e irá bem.”

Recordo-me de ter ficado um tanto surpreso com as palavras acima, que me urgiam a admitir que todos – presumivelmente minha família – “tínhamos sido profundamente guiados e cuidados”, porque essa advertência parecia dizer que qualquer coisa estava iminente. Mas era alusão muito vaga para me preocupar, e ter-se-ia evaporado da minha cabeça se não fosse o aviso do “Fauno” dado três dias depois, embora por mim recebido juntamente com a mensagem – o que aceitei como uma profecia, realizável ou não. E realmente Raymond foi morto justamente uma semana depois da vinda da mensagem.

Capítulo VII

Continuação da mensagem do “Fauno”

Há agora que ver como Myers cumpriu a promessa, e que passos deu para atenuar o golpe – que foi terrível. Para isto tenho de recorrer ao relato de sessões havidas aqui na Inglaterra com médiuns meus desconhecidos e assistentes que não lhes revelaram a identidade.

Poderão objetar que minha pessoa é conhecida ou pode ser suspeitada, mas a objeção não se ajusta aos membros de minha família que anonimamente assistiram às sessões arranjadas em Londres por Mrs. Kennedy, mulher do Dr. Kennedy, a qual, embora não tendo conosco nenhum parentesco, por mera simpatia promoveu esses passos.

Devo declarar que é praticamente impossível aos médiuns investigarem normalmente e porem-se a par da história das famílias dos seus numerosos clientes, e os que com eles lidam sabem que jamais procuram fazê-lo. Mas no tratar uma sessão não é fácil, salvo em casos especiais, fugir de dar nomes e endereços – o que aparentemente fornece ensanchas e fraudes.

Em nosso caso, e no dos amigos mais chegados, todas as precauções foram tomadas para o mais perfeito anonimato.

Extrato de algumas sessões anônimas

Foi a 17 de setembro que tivemos notícia da morte de Raymond; a 25 desse mês sua mãe, Lady Lodge, que estava em sessão com Mrs. Leonard, por esse tempo ainda não nossa

conhecida, recebeu a seguinte comunicação por intermédio da mesinha, aparentemente vinda de Raymond:

– “Diga a papai que encontrei alguns amigos seus aqui.”

Mrs. Lodge – Pode dar algum nome?

O comunicante – Sim. Myers.

(Foi só o que a respeito ocorreu nessa sessão).

A 27 de setembro fui a Londres e tive, entre meio dia e uma hora, minha primeira sessão com Mrs. Leonard. Entrei em seu apartamento sozinho, como um estranho para o qual um encontro fora anonimamente marcado. Antes de começarmos, Mrs. Leonard informou-se que o seu “guia” era uma jovem de nome “Feda”.

Logo depois que a médium caiu em transe, um moço foi descrito em termos que claramente lembravam Raymond, e “Feda” transmitiu mensagens. O “Paul” nelas referido é o filho morto do casal Kennedy, a quem seus pais pediram que ajudasse a Raymond, caso pudesse. Paul já por diversas vezes comunicara-se com sua mãe por intermédio de Feda. Do relato dessa sessão cito o seguinte:

Feda – Há alguém aqui ainda em dificuldades; não plenamente refeito; aspecto juvenil; de forma como um lineamento; ainda não aprendeu como equilibrar-se. É um moço de altura um tanto acima da mediana; bem construído, nada espesso ou pesado; bem construído. Mantém-se bem. Não está aqui de muito tempo. Cabelo entre cores. Não me é fácil descrevê-lo, porque ainda não se construiu solidamente como outros o fazem. Tem olhos pardos; cabelos castanhos e curtos; cabeça bem modelada; sobranceiras também castanhas, não muito arqueadas; nariz bem feito, reto, um pouco mais largo nas narinas; boca bem desenhada e grande, mas não parece grande porque ele traz os lábios apertados; mento não muito forte; rosto oval. Não está ainda

completamente construído, mas é como se Feda o conhecesse. Deve estar aqui à vossa espera. Neste momento olha para Feda e sorri; dá uma larga risada como que brincando, e Paul ri também. Diz Paul que ele já esteve aqui, que ele, Paul, o trouxe. Mas Feda vê centenas de pessoas que me dizem que este veio muito recentemente. Sim, já o vi antes. Feda liga a ele uma letra. A letra R.

Ela já veio ver-vos antes, e diz que pensou que sabíeis que ele estava aqui. Feda o apreende por impressão; não é sempre o que ele diz, mas o que ela sente; mas Feda diz que “ele sabe”, porque ela apanhou isso dele.

Ele acha-o difícil (diz), mas encontrou muitos amigos que o ajudam. Quando despertou não supôs que fosse ser feliz, mas sente-se feliz agora e diz que o vai ser mais ainda. Sabe que logo que esteja pronto terá muito trabalho a realizar.

“Eu queria saber, diz ele, se serei capaz de executá-lo. Dizem-me que serei”.

“Tenho comigo instrutores e professores”.

Agora está procurando construir uma letra de alguém. Mostrou-me um M.

Parece conhecer os trabalhos a fazer. O primeiro será cooperar no Front; não acudindo aos feridos, mas ajudando aos que a guerra faz passar. Sabe que quando eles passam e despertam, ainda sentem um certo medo e... outra palavra que Feda perdeu. Feda ouve qualquer coisa como “medo”. Muitos continuam lutando, ou pelo menos querem continuar; não acreditam que tenham passado. De modo que vários são requeridos onde ele agora está, para explicar a situação aos “passados” e ampará-los. Não sabem onde estão, nem para que estão aqui.

“Pensam que digo que sou feliz apenas para fazê-los felizes, mas não é assim”.⁵

Tenho encontrado centenas de amigos. Não os conheço a todos. Tenho encontrado muitos que me dizem isto e mais tarde me explicarão por que estão me ajudando. Tenho dois pais agora, mas não é como se houvesse perdido um e ganho outro. Tenho-os a ambos. O meu velho pai e outro – um pai *pro tem*. (Mais tarde “Myers” declarou que o havia “adotado”).

Um peso saiu da sua cabeça há um ou dois dias; sente-se mais vivo, mais leve, mais feliz ultimamente. Houve confusão a princípio. Ele estava desorientado, não sabia onde se encontrava. “Mas não demorou muito, e penso que fui afortunado; não demorou muito para que me explicassem onde estou”.

Feda sente como que uma risca em redor da cabeça dele; sente-lhe uma forte sensação na cabeça e também uma espécie de sensação vazia, como se algo houvesse saído. Uma sensação de vazio ali; também uma sensação quente na cabeça. Mas ele não sabe que está dando essa impressão. Não faz de propósito; eles têm procurado fazê-lo esquecer, mas Feda percebe. Há também nele um barulho, um terrível barulho que corre.

Ele agora perdeu tudo isto, mas não sabe que Feda o sente. “Estou ótimo, diz, sinto-me ótimo! Mas sofri no começo, porque queria tornar claro aos que deixei que tudo ia bem e que eles não deviam sofrer por minha causa”.

⁵ Isto relembra a frase de uma das suas cartas do Front: “Estou alegre e bem feliz como sempre. Não pensem que tenho passado mal; não tenho, não”. *Datada de 11 de maio*.

Acaba de retirar-se, mas Feda vê alguma coisa simbólica; vê uma cruz caindo sobre vós; muito escura, caindo sobre vós; escura e feia; e à medida que cai retorce-se e aparece toda luz, a luz brilha sobre vós. É uma espécie de azul pálido, mas fica completamente branco quando vos toca. Sim, é o que Feda vê. A cruz parecia escura, mas subitamente se retorceu e ficou uma bela luz. A cruz é um meio de esconder a luz real. Vai ajudar muito... Vosso filho é a cruz de luz, e vai ser uma luz que vos ajudará; vai ajudar-vos a provar a Verdade ao mundo. Por isso é que eles constroem a cruz escura que vira luz. Vós sabeis, mas outros também querem saber. Feda está desaparecendo. Adeus.

Assim terminou a primeira sessão de Mrs. Leonard a 27 de setembro.

Nesse mesmo dia Lady Lodge teve a sua primeira sessão anônima com Mr. Vout Peters, em casa de Mrs. Kennedy, às 3:30.

Novamente Raymond foi descrito com muito acerto e várias mensagens identificadoras foram transmitidas. Moonstone, o “guia” de Peters, perguntou: “Não lidava ele com Química?” Na realidade meu laboratório é sobretudo químico. Eis aqui o relato da sessão, com anotações entre parêntesis:

Não lidava ele com química? Se não, algum associado lidava, porque vejo tudo num laboratório de química. Esta coisa de química afasta-me dele para aproximar-me dum homem vivo em carne (eu, provavelmente); vejo ligado a ele um homem, um escritor de versos, intimamente interessado em espiritualismo. Era de muito valor – e também deixou a Inglaterra (aqui Myers, que morreu em Roma, aparece claramente). Esse homem que escreve poesias já se comunicou várias vezes. Vejo a letra M, e ele está ajudando o

vosso filho a comunicar-se (a presença e a ajuda de Myers também foi mencionada por Mrs. Leonard).

Está construído em condições químicas. Se vosso filho não conheceu esse homem, foi dele conhecido (sim, Raymond, dificilmente tê-lo-ia conhecido porque só tinha 12 anos quando Myers morreu).

Atrás do homem que tem o M e escreveu poesias está todo um grupo de pessoas (o grupo da S. P. R., certamente). Todos muito interessados. Não me surpreenderei se receberdes mensagens dessas pessoas, ainda que vossas desconhecidas.

(Aqui Moonstone parou e disse:) É tão importante o que vou agora dizer que quero ir devagar, para que sejam claramente escritas todas as palavras: NÃO SÓ É A SEPARAÇÃO TÃO LEVE QUE PODEIS OUVIR OS OPERADORES DO OUTRO LADO, COMO UM GRANDE ROMBO FOI NELA ABERTO. Esta mensagem é para o homem do laboratório de química.

(Considerado o fato de que minha mulher era completamente desconhecida do médium, temos aqui uma mensagem identificadora de notável valor *evidencial*. Reporto-me ao meu livro *A sobrevivência do homem*, onde há esta passagem: “A fronteira entre os dois estados, o conhecido e o desconhecido, é uma parede grossa, mas que vai se afinando em certos pontos; e, do mesmo modo que escavadores de um túnel partidos dos dois extremos, estamos começando a ouvir, aqui e ali, os golpes das picaretas dos nossos camaradas do outro lado”).

A subsequente referência a Myers veio a 29 de outubro, quando, de modo inesperado, tive uma sessão com Peters, num aposento de Londres – sessão anonimamente arranjada por Mr. J. A. Hill.

Peters caiu em transe e depois de algumas comunicações apanhou a mensagem dum moço, pelo guia identificado como Raymond; esse guia, Moonstone, falou assim:

M. – O sensato método de vossa família abordar o assunto tem sido o meio de ajudá-lo a voltar, como o tem feito. Se não viesse a saber o que lhe dissesstes, ser-lhe-ia difícil voltar. Ele mostra-se muito firme no que diz. Conheceis F. W. M.?

Lodge – Sim, conheço.

M. – É que vejo estas três letras. Depois delas vejo S. T. e um ponto; e depois, P. Foram-me mostradas essas letras. Vejo-as em luz. Vosso rapaz mostra-me essas coisas.

Lodge – Sim, compreendo (significando que percebo a alusão ao poema *Sr. Paul*, de F. W. H. Myers).

M. – Ele me diz: F. W. M. ajudou-me muito, mais do que supondes.

Lodge – Abençoado seja!

M. – Não, o vosso rapaz ri-se e teve motivo para isso: não penseis que foi caridade; teve outro motivo e julga que fortalecendo a vossa personalidade podeis agora realizar o que desejais realizar: atacar os equívocos dos tontos, e fazer da *Society* a *Society*, diz ele – fazê-la de valor para o mundo... Compreendeis?

Lodge – Sim.

M. – Agora diz “Ajudou-me porque comigo e por vosso intermédio pode romper a barreira que essa gente ergueu. Mais tarde ireis falar com eles. Já está no programa e por minha causa ireis quebrar a oposição”. Em seguida diz: “Por amor de Deus, meu pai, fazei-o! Porque se soubésseis e pudésseis ver o que vejo: centenas de homens e mulheres de corações partidos. E se pudésseis ver neste lado os rapazes,

vós vos lançaríeis com todo o ímpeto nesse trabalho. Podeis fazê-lo”. Ele está muito sério. Oh, ele quer... Não ! tenho de interrompê-lo, não quero que controle o médium. Não pense mal de mim, mas tenho de proteger o médium; ele não seria capaz de fazer o trabalho que tem a fazer; o médium não o suportaria, devo protegê-lo; a emoção seria muito grande, muito grande para ambos, de modo que tenho de evitar que ele controle o médium.

Ele compreende mas quer que vos diga que a sensação de “passar” foi de intenso desapontamento; ele não tinha idéia da morte. (pausa).

* * *

Este é um tempo em que homens e mulheres estão com a crosta rompida; a crosta de convenção, de... de indiferença, foi rompida, e todos pensam, embora alguns egoisticamente.

Agora, retornando a ele, que paciente que é! Não foi sempre assim paciente. Depois da aflição teve um brilho de esperança, porque compreendeu que ia voltar a vós; e porque sua mãe veio ter com ele. E vieram outros. Myers – “Myers”, parece que é assim; sabe quem é? – veio ter com ele e então ele viu que podia retornar. Ele sabe.

Agora quer que vos diga isto: Que de sua morte, que é uma em milhares, que o trabalho que ele quer fazer... (procuro traduzir sua idéia com palavras, não as apanho verbatim (*sic*) não, não é isto! O que ele diz é que o trabalho em que ele se alistou será levado avante pelo simples fato da sua morte. Agora apanhei a idéia: Ele quer dizer que com sua morte, milhares se beneficiarão. É isso.

* * *

Mais uma observação sobre a mensagem do Fauno. Espero que o leitor compreenda que os extratos de sessões foram reproduzidos acima, a fim de mostrar que Myers cumpriu a promessa da mensagem e atenuou o golpe com a ajuda que deu a meu filho no “outro lado”, assistindo-o e facilitando-lhe a comunicação com a família. Vou agora dar outros extratos de caráter mais *evidencial*, tendentes a estabelecer a sobrevivência da personalidade e da memória de meu filho. Ocorreram vários episódios *evidenciais*, mas escolherei um relativo a certa fotografia, da qual não tínhamos nenhum conhecimento antes do que soubemos por intervenção de dois médiuns.

Capítulo VIII

O grupo fotográfico

Tratarei agora duma evidência de muito valor, que emergiu das sessões que de tempos em tempos fazíamos no outono de 1915: a menção dum grupo fotográfico tirado no Front, de cuja existência estávamos em completa ignorância, mas que subsequëntemente foi verificada do modo mais perfeito. Vou dar com detalhes todas as circunstâncias.

Raymond faleceu a 14 de setembro. A primeira referência a uma fotografia em que ele aparece com outros camaradas tivemos-la em casa de Mrs. Kennedy, a 27 desse mês, numa sessão que Lady Lodge obteve de Peters.

“A senhora tem diversos retratos desse moço. Antes que partisse ele deixou um bom retrato, dois – não, três. Dois em que está só e um em que está num grupo de homens. É curioso que eu tenha de falar-vos disto. Num desses retratos vê-se a sua bengala.” (Peters coloca uma bengala imaginária debaixo do braço de Raymond).

Tínhamos realmente algumas fotografias de Raymond em uniforme, mas sempre só; em grupo nenhuma; e Lady Lodge mostrava-se céptica a esse respeito, pensando que fosse apenas alguma suposição por parte do médium. Mas Mrs. Kennedy, que tomava as notas, deu tento a essa passagem e mandou cópia, com o resto, a Mr. J. Arthur Hill, que me tem assistido na correspondência e me classifica o material.

De minha parte, entretanto, impressionei-me com a observação de que “é curioso que eu tenha de dizer-vos isto” e tratei de

investigar, embora sem grandes esperanças de bom resultado. Por dois meses não se falou mais no assunto. A 20 de novembro, porém, chegou-nos uma carta duma desconhecida, Mrs. Cheves, mãe do Capitão Cheves, o que nos escrevera sobre o ferimento de Raymond e ainda se achava no Front.

28 de novembro, 1915.

Prezada Lady Lodge:

Meu filho, que é M. O. do 2º South Lancs., enviou-nos um grupo fotográfico de oficiais, tirado em agosto, e eu desejava saber se a senhora possui essa fotografia. Se não, enviarei uma cópia, pois tenho meia dúzia e também a chapa. Espero que me perdoe incomodá-la, mas tenho pensado freqüentemente na senhora e também sinto a grande dor que a colheu.

Sinceramente,

P. B. Cheves.

Lady Lodge respondeu agradecendo e pedindo a remessa da cópia, a qual, infortunadamente, não veio de pronto.

Antes que chegasse tive uma sessão com Mrs. Leonard, em sua casa, a 3 de dezembro, e nessa ocasião, entre outras questões, indaguei da fotografia, na esperança de conseguir mais informações antes de recebê-la. Cumpre-me notar que o caso não foi sugerido por Mrs. Leonard ou o seu guia. A primeira menção ao grupo fotográfico fora feita através de Peters. Eis o resultado, em que Feda se manifesta e muitas vezes fala de si mesma na terceira pessoa:

Feda – Pergunte-lhe algo mais:

Lodge – Raymond referiu-se a uma fotografia tirada com outros homens. Ainda não vimos esse grupo. Não querará ele

dizer mais alguma coisa sobre o assunto? Ele falou duma fotografia.

Feda – Sim, mas pensa que não foi aqui. Ele olha para Feda e diz que não foi para Feda que se referiu a tal retrato.

Lodge – Não foi, não; ele está certo. Pode dizer onde e a quem?

Feda – Diz que foi por meio da mesinha.

Lodge – Não, não foi.

Feda – Ele desconhece a pessoa a quem falou. As condições eram estranhas lá – uma casa estranha.

(Certo. Foi dito através de Peters, na casa de Mrs. Kennedy, na sessão de 27 de setembro).

Lodge – Recorda-se da fotografia?

Feda – Pensa que outros se fotografaram com ele, não um ou dois, mas diversos.

Lodge – Amigos?

Feda – Diz que uns eram, mas não conhece a todos muito bem. Só conhece alguns; de outros conhece de ouvir falar; não eram todos amigos.

Lodge – Lembra-se de como aparecia nesse grupo?

Feda – Não, não se lembra disso.

Lodge – Não é o que pergunto; quero saber se estava sentado ou de pé.

Feda – Ele não supõe que estivesse de pé. Alguns estavam de pé em redor. Ele estava sentado, com outros de pé atrás. Uns sentados e outros de pé, supõe ele.

Lodge – Eram soldados?

Feda – Diz que sim – uma mistura. Um, chamado C, estava com ele; e alguém chamado R. – não o seu nome, mas

outro R. K, K, K, – ele diz qualquer coisa a respeito de K. E também menciona um nome que começa por B (a pronúncia torna-se indistinta, dando idéia de Berry ou Burney; depois aclara-se). Tome nota de B.

Lodge – Estou perguntando da fotografia porque ainda a não vi. Alguém no-la vai mandar. Só sei que esse grupo existe e é tudo. (Quando isto anotamos, a fotografia ainda não tinha vindo).

Feda – Ele tem impressão duma dúzia de companheiros. Uma dúzia, se não mais. Feda supõe que deve ser uma fotografia grande. Não, ele não pensa assim. Diz que estavam agrupados muito juntos.

Lodge – Raymond estava de bengala?

Feda – Não se lembra disso. Lembra-se de que alguém inclina-se-lhe sobre o ombro, mas não tem certeza se foi fotografado assim. O último do grupo, que era B, deve estar saliente nessa fotografia. O grupo não foi tomado num atelier.

Lodge – Ao ar livre, então?

Feda – Sim, praticamente. (*E a meia voz:*) Que é que quer dizer com “sim, praticamente”? Deve ser fora de casa ou dentro de casa. Você disse “sim”, não é? Feda pensa que ele diz “sim”, porque também diz “praticamente”.

Lodge – Pode ter sido num galpão.

Feda – Pode sim. Procure mostrá-lo a Feda.

Atrás da fotografia vejo linhas que descem. Parece um fundo escuro, com listas. (Nesse ponto a mão de Mrs. Leonard traça linhas no ar).

Houve, por qualquer causa, considerável demora na chegada da fotografia. Só a tivemos na tarde de 7 de dezembro. No dia

anterior Lady Lodge estivera lendo o diário de Raymond, remetido do Front com a sua bagagem, e encontrou esta nota:

24 de agosto: tiramos uma fotografia.

Raymond só tivera uma licença desde que partiu para o Front, de 16 a 20 de julho. Por esse tempo a fotografia ainda não fora tirada e nada, pois, nos disse a respeito. Foi tirada vinte e um dias antes de sua morte, e algum tempo tinha de passar-se antes que fosse copiada e ele a visse – se é que a viu. Em suas cartas nunca a mencionou. Estávamos portanto na mais completa ignorância do assunto.

No dia 7 de dezembro chegou-nos outro aviso de Mrs. Cheves, em resposta à nossa consulta sobre a demora, declarando-nos que a cópia ia ser mandada. Em vista disso ditei uma carta a Mr. Hill, dando minhas impressões sobre o que a fotografia podia ser à vista da comunicação recebida por intermédio de Mrs. Leonard. Nessa carta dizia eu o seguinte:

A respeito da fotografia que Raymond mencionou através de Peters (dizendo: “Uma em que está num grupo de homens. É curioso que eu tenha de falar-vos disto. Num desses retratos vê-se a sua bengala”), há mais coisas, obtidas através de Mrs. Leonard. Ponto duvidoso quanto à bengala. O que ele diz é que há muitos homens no grupo; que os da frente estão sentados e que há uma fila atrás; diz também que há uma dúzia ou mais no grupo e que alguns não eram seus conhecidos; e que há também um C; que ele está sentado e que há outros atrás dele, um dos quais apoiado em seu ombro, ou tentando apoiar-se.

A fotografia ainda não chegou, mas deve estar chegando; por isso envio essas notas antes que ela chegue. O relato do que foi dito na sessão está sendo datilografado; mas o que aqui escrevo representa o meu resumo do que houve.

A fotografia chegou a Mariemont na tarde de 7 de dezembro. Tarde chuvosa. O pacote foi recebido pela irmã de Raymond, Rosalynde, que abriu o envoltório molhado. Media 12 por 6 polegadas, ampliada dum original de 5 por 7. Era de 21 o número das pessoas fotografadas. Cinco na primeira fila, sentados na grama – e aí Raymond, o segundo da direita. Sete na segunda fila, sentados em cadeiras. Nove na última, de pé, de costas para uma construção provisória, de madeira, como que abrigo de hospital ou coisa assim.

Examinando a fotografia vejo que todas as peculiaridades que meu filho mencionou se confirmam. Está lá a bengala (que Peters pôs-lhe debaixo do braço, o que não é certo); e estão lá as linhas, ou listras, do fundo, que Feda indicou não só por meio dos gestos da médium, como ainda por meio das palavras “linhas que descem” – “um fundo escuro com listras”. De fato há seis linhas quase verticais e bem nítidas no teto do galpão, e as linhas horizontais do fundo também são bem perceptíveis.

Por “uma mistura” compreendemos que se trata de membros de diferentes Companhias – não só da Companhia de Raymond. Isto deve estar certo, porque os fotografados são muitos, para que todos pertençam à mesma Companhia. É provável que pertençam ao mesmo Regimento, exceto um, cujo boné parece revelar um emblema escocês, em vez das três penas.

Quanto ao que “está saliente”, consultei várias pessoas sobre qual lhes parecia o mais proeminente, e quase todas indicaram a esbelta figura da esquerda. É um B, como disse Feda – ou o Capitão S. T. Boast.

Alguns desses oficiais deviam ser apenas conhecidos de Raymond; outros, seus amigos. Oficiais cujos nomes começam com B, com C e com R – mas nenhum de nome que comece com K. Mas o som da letra K assemelha-se ao som do C duro – um que está no grupo: Case.

Alguns fotografaram-se sentados e outros de pé, atrás. Raymond sentou-se na frente, com a bengala aos pés.

O fundo da fotografia é escuro e nitidamente riscado de linhas.

Grupo tirado ao ar livre, junto a um galpão, ou cabana militar, o que foi sugerido por Mrs. Leonard quando falou em “abrigo”.

Mas o que mais me impressiona como evidência é o fato de estar alguém atrás de Raymond e apoiar-se em seu ombro. A fotografia mostra-o muito bem, e quase indica que Raymond não está contente com isso; tem a fisionomia um tanto amarrada e a cabeça afastada do braço importuno. É o único caso na fotografia de um a apoiar-se em outro, e não considero esse detalhe como dos que ficam na memória.

Confirmação da mãe de Raymond

Há quatro dias (6 de dezembro) estava eu lendo o diário de meu filho, devolvido do Front com a sua bagagem (meio encharcado, com algumas folhas grudadas pelo seu sangue). Impressionou-me encontrar esta nota: “24 de agosto: Tiramos uma fotografia”, e passei-a para o meu próprio Diário, nestes termos: “6 de dezembro – Li o Diário de Raymond pela primeira vez e encontrei esta nota: “24 de agosto: Tiramos uma fotografia”.

10 de dezembro, 1915.

Mary F. A. Lodge.

Acho desnecessário chamar a atenção do leitor para a importância deste caso. Mais tarde falou Raymond de outra fotografia em que disse estar incluído o seu amigo Case. Esta fotografia obtivemo-la de Gale & Polden, e de fato Case está nela conjuntamente com Raymond, embora não tenha figurado no

primeiro grupo. Em tudo as duas fotografias diferem, de modo que se eu a houvesse recebido antes da outra, teria considerado como falsa a descrição de Feda, supondo ser desta que se tratava. E temos pois que o caso da fotografia veio a constituir uma das melhores peças de evidência que ainda conseguimos.

Capítulo IX

Amostra das primeiras sessões

Embora o episódio do grupo fotográfico seja uma alta prova *evidencial*, eu lamentaria ter de basear as minhas conclusões apenas em uma só prova, por mais inatacável que fosse. A prova deve ser cumulativa; e conquanto nos seja permitido exaltar as de grande força, há sempre necessidade de mais, de muitas, para que fique afastada a hipótese de levandade.

Assim sendo, vou citar agora o que ocorreu em sessões realizadas depois da morte de Raymond por vários membros da nossa família. Devo acentuar que tais sessões foram sempre anônimas, com muito cuidado para que não transparecesse, nem no mínimo, a nossa identidade.

A primeira mensagem nos veio duma nova amiga de Londres, Mrs. Kennedy, que possui o dom da escrita automática, e depois de perder o amado filho Paul, anda controlada por ele. Usualmente Paul lhe transmite mensagens de afeição, mas às vezes também mensagens *evidenciais*. Mrs. Kennedy andara céptica quanto à autenticidade do dom que parecia possuir, e foi essa incerteza que a levou a escrever-me. Queria testar a escrita automática obtida e estava ansiosa por não decepcionar-se.

Lendo num jornal a notícia da morte de Raymond, Mrs. Kennedy “falou” a Paul a respeito, e pediu-lhe que o ajudasse. No dia 21 estava Mrs. Kennedy a escrever no jardim quando sua mão grafou estas palavras de Paul:

“Aqui estou... Vi aquele rapaz, filho de Sir Oliver; sente-se melhor e teve um esplêndido repouso. Conte-o aos seus pais.”

A 22 de setembro, durante uma “conversa” com Paul, a mãe de Mrs. Kennedy também escreveu isto:

“Vou trazer Raymond a Sir Oliver quando ele vier ver-vos. Está muito contente – e todos o querem. Encontrou aqui uma quantidade de conterrâneos, e vai se firmando maravilhosamente. DIGA-O AO SEU PAI E À SUA MÃE... Atualmente já fala claro... Não se debate como os outros, parece acalmado. Uma coisa agradável ver um rapaz assim. Esteve dormindo longo tempo, mas hoje falou.

Se os daí soubessem como ansiamos por aparecer, todos nos chamariam.”

No dia 23, durante a visita que Lady Lodge lhe fez, Mrs. Kennedy grafou nestes termos uma suposta mensagem de Raymond:

“Aqui estou, mãe... Também já estive com Alec, que não pode ouvir-me. Meu desejo é que ele saiba que estou seguro aqui; não é nenhum buraco triste, como muita gente supõe, antes um lugar cheio de vida.”

E depois:

“Espere até que eu haja aprendido melhor como falar... Poderemos dizer tudo depois. Dêem-me tempo.”

Escusado dizer que não há nisto nada de *evidencial*, embora seja o que há de natural.

Sessão de mesa com Mrs. Leonard

No dia seguinte Lady Lodge e Mrs. Kennedy, com uma senhora francesa, Mme. Le Breton, viúva que perdera os dois únicos filhos na guerra, Guy e Didier, e estava de coração partido,

foram à casa de Mrs. Leonard para uma sessão de mesa. Mrs. Kennedy encarregou-se das notas.

As três damas e a médium sentaram-se em torno da mesinha, com as mãos levemente apoiadas, e tudo funcionou bem. Mensagens muito razoáveis foram transmitidas em francês. Guy deu o seu nome, mas Didier falhou em dar o seu – saiu “Dodi”. Também Raymond deu o nome de uma de suas irmãs e respondeu a mais coisas muito apropriadamente.

A 28 de setembro minha mulher e eu tivemos outra sessão com Mrs. Leonard, que por esse tempo já nos havia identificado.

Notas de Oliver Lodge sobre essa sessão

Uma sessão de mesinha não é a mais adequada à conversa psíquica, mas vale para as respostas breves e definidas, tais como nomes e incidentes. Tem a vantagem de ser interferida pela atividade mental do médium, tornando-se, por isso, mais direta. Mas há dificuldades. O oscilar da mesinha não é considerado “fenômeno físico” no senso técnico ou supranormal da expressão, embora não *pareça* determinado pelos músculos dos presentes. O esforço para mover a mesinha é mínimo, e evidentemente deve ser presumido como proveniente dos músculos. Mas a minha impressão é que tais movimentos constituem um início de “fenômeno físico”, e se a força vem dos presentes, não parece vir dum modo normal.

Quanto à evidência, porém, o caso deve ser limitado à inteligente direção da energia. Com segurança apenas podemos dizer que a energia é inteligentemente dirigida, que a parada da mesa na letra justa traz uma certa sensação de inibição para as mãos que sobre ela pousam. A luz pode ser o bastante para se verem as mãos, e a mesa opera à luz do dia. O método é o do desfilar do alfabeto até que a mesa se detenha em certa letra. A

mesa move-se três vezes para indicar *Sim* e uma para indicar *Não*; mas como um só movimento também indica a letra A, existe a possibilidade de erros interpretativos por parte dos assistentes. Assim também C pode confundir-se com *Sim*, ou vice-versa – mas tal erro é pouco provável.

O guiamento inconsciente dificilmente pode ser excluído, isto é, não pode ser excluído com segurança quando a resposta é dum tipo esperado. Mas no caso vertente o nosso desejo era evitar esse controle; as paradas vinham às vezes em letras inesperadas; e uma longa sucessão de letras, breve se nos tornava sem significação, exceto para o que tomava notas.

Cumpre também observar que na sessão de mesa é natural que os assistentes realizem a maior parte do falado, e que tenham por objetivo respostas curtas e não dissertações.

Em certo momento o controle parece melhorar, talvez em consequência de melhor prática por parte do comunicante; e lá para o fim surgem sinais de enfraquecimento ou cansaço; e se a sessão chega a uma hora ou mais, o cansaço que sobrevém não é de nenhum modo uma surpresa.

Nessa sessão estivemos presentes minha mulher, o casal Kennedy e eu – com outra mesinha para o anotador das letras. Empregamos uma mesinha de vime, de 18 polegadas quadradas. Eu e minha mulher sentamo-nos frente a frente; os Kennedy e Mrs. Leonard ocuparam os outros lugares. Aos quatro minutos a mesa começou a mover-se.

O nome de Paul foi soletrado em primeiro lugar; e depois:

RAYMOND QUER APRESENTAR-SE.

Aqui Lady Lodge murmurou: “Caro Raymond!” e inconscientemente emitiu um suspiro. A mesa, com Raymond no controle, soletrou:

NÃO SUSPIRE.

Lodge – Suspirei?!...

Lodge – Raymond, sua mãe está muito mais feliz agora.

SIM.

Lodge – Posso propor perguntas?

SIM.

Lodge – Espere um momento. Vamos ver. Como os rapazes chamavam a você?

PAT.

(Isto era do nosso conhecimento e portanto não constitui resposta estritamente *evidencial* – mas não era do conhecimento da médium, nem de Mrs. Kennedy).

Lodge – Já que respondeu a isso, posso perguntar outra coisa?

SIM.

Lodge – Quer dar-me o nome dum seu irmão?

O alfabeto foi repetido pela médium da maneira usual e a mesa parou primeiramente no N; depois no O; no R; no M; depois no A. – *Lodge* achou que as letras R e M tinham vindo erradas, pois tendiam a formar o nome NORMAN, e disse:

Lodge – Você está confuso. Melhor recomeçar.

O nome foi reiniciado e deu:

NOEL.

Lodge – Agora está certo (Ver Nota no fim do capítulo).

Fizemos aqui uma pausa, depois da qual a mesa indicou desejos de prosseguir e soletrou algo aparentemente sem sentido, que o Dr. Kennedy anotou:

FOGO!

Lodge – Oh, ele manda-nos que façamos outra pergunta! Pode dizer-nos o nome de um oficial?

SIM.

Lodge – Vamos lá, então.

MITCHELL.

Lodge – O nome do oficial é Mitchell?

SIM.

Lady Lodge – Raymond, eu não conheço Mitchell.

NÃO.

Lodge – Melhor; será ainda mais *evidencial*.

SIM.

Lodge – Foi por isso que escolheu esse nome?

SIM. AER

Mrs. Leonard (a meia voz) – Não, não pode ser.

Lodge (idem) – Quem sabe lá? Vamos ver. Continue.

OPLANO.

Lodge – Quer dizer que Mitchell é oficial de aeroplano?

SIM (muito forte).

Lodge – Tem muito que fazer aí, Raymond?

SIM (alto).

Lodge – Escute; vou dar outro nome.

NÃO.

Lodge – Não quer? Bem. Perguntarei outra coisa:
Encontrou aí algum particular amigo meu?

SIM.

Lodge – Muito bem. Soletre-lhe o nome.

MYERS E VOVÔ.

Lady Lodge – Ele está com Myers e Gurney?

NÃO (com ênfase).

Lady Lodge – A que avô se refere? Dê a primeira letra de seu nome de batismo.

W.

Lady Lodge – Meu querido vovô! Ele tinha certamente de vir ajudar você!

Lodge – Acha este sistema da mesinha melhor que o de “Feda”?

SIM.

Lodge – Esteve interessado na Itália?

SIM.

Lodge – Lembra-se de certa pessoa na Itália?

SIM.

Lodge – Soletre o nome.

(Um nome foi soletrado corretamente).

Lodge – Você está perito nisso!

SIM (alto).

Lodge – Sempre gostou de coisas mecânicas.

SIM.

Lodge – Pode explicar como opera com a mesinha?

A mesa soletrou por longo tempo e como as palavras não aparecem divididas, os assistentes ficaram atrapalhados, sem nada entenderem. Eu, por exemplo, perdi-me depois da palavra “magnetismo”, e não achei sentido no que era soletrado. Mas o apontador tomou todas as letras e separou-as assim:

VOCÊS FORNECEM O MAGNETISMO QUE SE ACUMULA NO
MÉDIUM E PASSA PARA A MESA; E NÓS MANIPULAMOS.

O interesse dessa resposta está em que a mesa ia soletrando palavras sem nenhuma divisão, de modo que não

podendo pegar o sentido não podíamos exercer controle. A noção dada não é *evidencial*, porque podia estar no conhecimento do médium; em muitos outros casos, porém, as coisas ditas estavam totalmente fora do conhecimento do médium.

Lodge – É o mesmo que aqui chamamos magnetismo, não?

NÃO.

Lodge – E você não objeta contra esse termo?

NÃO.

Lady Lodge – Pode ver-me, Raymond, quando não está com o médium?

ÀS VEZES.

Lady Lodge – Quando penso em você?

SIM.

Lodge – Isso deve ser muito freqüente.

SIM. (alto).

Perguntei-lhe sobre algumas residências, das quais ele especificava certos aspectos numa sessão que tive com Peters em setembro. Raymond deu mostras de lamentar a confusão havida, e corretamente soletrou o nome de GROVE PARK como o de uma das casas, e NEWCASTLE como o lugar em que ficava a “casa de mamãe”. Mas omito os detalhes.

Lodge – Precisa agora descansar, Raymond.

SIM.

Lady Lodge – Um daqueles seus sonhos, Raymond...

SIM. (alto).

Observações feitas nesse mesmo dia

Muita coisa certa foi dita nessa sessão. Mas dois nomes apareceram que pediam comentário, porque os assistentes os não compreenderam e se fossem esclarecidos poderiam constituir ótima evidência.

O primeiro nome foi Norman, a propósito do qual muita coisa pode agora ser dita; mas acho melhor deixar para depois, porque de fato se trata de circunstância inesquecível e da mais alta importância.

O outro foi Mitchell, cuja existência no momento não podemos verificar. O ponto tem que ser adiado. Basta que eu consigne que até hoje (6 de outubro) esse nome nada nos diz.

Observação sobre o nome “Norman”

Verificamos que “Norman” era uma espécie de nome de guerra que meus filhos empregavam no jogo do hockey – o que faziam com frequência como ginástica. Raymond, que era forte nesse jogo, tinha o hábito de gritar: “Agora, Norman!” ou outras palavras de animação para os mais velhos a quem ele queria estimular, especialmente para Lionel. Foi o que vim a saber agora. Posso pois testemunhar que até aquela sessão eu tudo ignorava quanto a esse nome. E minha mulher, idem.

Devo recordar que eu perguntara que nome os rapazes lhe davam, e que depois duns enganos, obviamente devido ao mau manejo da mesinha, ele respondeu com o de “Pat”. Muito certo. Perguntei-lhe então se podia dar-me o nome de um irmão, e a resposta foi “Norman”, que julgamos ser erro. Não o deixei manifestar a derradeira letra, o N, dizendo que estava confundido e pedindo que começasse de novo. Depois disso, a mesa soletrou a palavra “Noel”, aceita como certa. Mas tenho agora de observar

que o nome “Norman” foi o melhor que ele podia apresentar, por ser um apelido que todos se davam uns aos outros. E um apelido assim constituía a melhor resposta, porque já havíamos aceitado o apelido “Pat”. Em subseqüentes ocasiões Raymond explicou que era o apelido que ele dava a Lionel, embora através de Mrs. Kennedy houvesse dito ser o apelido dado a Alec. Muito possível que nessa ocasião ele quisesse dizer Lionel e Mrs. Kennedy apanhasse Alec. Não sei. Em outra sessão em família, sem médium, um dos rapazes perguntou: “Pat, lembra-se de Norman?”, ao que, com alguma excitação, a mesinha respondeu: “Hockey”, fechando assim o círculo.

A parte mais rica de evidência, porém, foi a obtida quando nenhum dos presentes compreendeu o que fora dito, isto é, o nome “Norman”, que julgamos erro; e também a explicação dada a Mrs. Kennedy, de que era o nome pelo qual ele tratava um dos seus irmãos – o que revela que o nome fora pronunciado intencional e não acidentalmente.

Quanto ao apelido “Pat”, reproduzo aqui algumas passagens do Diário de Noel, como prova de que realmente era o apelido de Raymond – mas este fato nos era conhecido.

1914

Set. 09 – Pat vai a L’pool recomissionado.

Set. 10 – Pat comissionado no 3º South Lanc’s.

Set. 14 – Pat arranjando mochila. Inspecionamos os revólveres.

Set. 18 – Pat vai praticar tiro em Harborne. Não acha fácil.

Set. 19 – Torno-me membro do Harborne Rifle Club.

Set. 20 – Pat no tiro outra vez.

Set. 23 – Pat deixa L’pool para treinar em Crosby. Eu abandono por enquanto a idéia da comissão.

Out. 17 – Pat vem receber os velhos de volta da Austrália.

Out. 20 – Pat volta a L’pool.

Nota sobre o nome “Mitchel”

Quando perguntado, a 28 de setembro, sobre o nome dum oficial, Raymond soletrou a palavra “Mitchell” e associou-a com firmeza à palavra “Aeroplano”. Disse também que sua gente não conhecia Mitchell, o que vinha aumentar a evidência.

Depois de várias tentativas de identificação graças aos bons ofícios do bibliotecário da Biblioteca de Londres, vim a saber, a 10 de outubro, que havia um Segundo Tenente E. H. Mitchell adido ao Royal Flying Corps. Em consequência escrevi ao Record Office, e ultimamente, em novembro, recebi uma carta do Capitão Mitchell, ao qual peço desculpas de utilizar-me do seu nome:

“Muito agradecido pela sua bondosa carta. Creio que encontrei o vosso filho, embora não me lembre onde. Meus ferimentos estão quase sarados e eu adido por algum tempo ao Home Establishment, no posto de Capitão. Sua carta só me chegou esta manhã; daí a demora da resposta.”

E. H. Mitchell.

Para rematar este capítulo vou transcrever um trecho bastante característico de uma comunicação de “Paul”, embora não seja *evidencial*. Essa comunicação foi recebida por Mrs. Kennedy sozinha, a qual anotou nestes termos a parte a que me refiro:

“Acho difícil dar idéia da rapidez com que Raymond aprende; parece saber tudo aquilo que lutamos para que os outros aprendam.

Pobres criaturas, ninguém os esclarece antes que passem, e sofrem quando nos vêem e se sentem vivos – e os parentes aí chorando. Para a senhora e para mim a tarefa se torna cada vez mais dura, à medida que os dias se passam; seriam precisos milhares na empresa – e a senhora é tão pequena.”

Capítulo X

À procura de maior evidência

Nas sessões de mesinha é claro que quando as comunicações formam coisa sabida pelos assistentes, a hipótese do guiamento muscular deve ser sempre considerada.

Muitas das respostas obtidas em nossas experiências estavam fora do conhecimento da médium ou de Mrs. Kennedy, mas não do meu e mais membros de minha família; e sendo assim, somos obrigados a admitir a possibilidade de que inconscientemente influenciássemos com os nossos músculos a mesinha, por mais empenhados em o não fazer. Mas as respostas que vinham, ou a forma em que vinham, eram muitas vezes de todo inesperadas, de modo a não permitir nenhum controle consciente. Quando a resposta vinha em frase longa, perdíamos o fio e ficávamos sem poder dizer se aquilo teria sentido ou não, já que as palavras formavam uma série contínua de letras, sem nenhuma separação. O tomador de notas é que separava o que à primeira vista parecia absolutamente ininteligível. Exemplo:

SEJAMENOSAPRESSADOALECMEUVELHO

que era uma mensagem, ou:

ACUMULANOMÉDIUMEPASSAPARAAMESA
ENOSMANIPULAMOS

que era parte de outra. Isso só se tornava legível depois da separação, nunca no momento em que as letras se iam seriando.

Não obstante, a família conservava-se céptica a respeito. Meus filhos então imaginaram certas perguntas testes sobre fatos triviais, que deviam estar unicamente na memória de Raymond e na deles,

coisas ocorridas durante passeios ou excursões que fizeram juntos. Também eu estava na ignorância disso. Reuniram-se em conclave secreto e formularam essas perguntas. A 12 de outubro levei-as para Londres num envelope selado – que só abri no momento de ir para a sessão – e lá apresentei-as. Já tínhamos obtido a menção dum incidente que desconhecíamos no caso do nome “Norman”, mas os rapazes queriam mais. Aqui reproduzo o relato dessa sessão:

**Segunda sessão de mesa entre o casal Lodge, os
Kennedy e Mrs. Leonard, a 12 de outubro de 1915.**

Anotador: Mr. Kennedy

No começo da sessão O. L. explicou que estavam empenhados em obter uma evidência perfeita; que tudo fora preparado para esse fim; e que sem dúvida os do “outro lado” haviam de concordar e cooperar.

Seguiu-se uma pausa de três minutos e meio, ao termo da qual a mesa moveu-se lentamente.

Lodge – Paul está aí?

SIM.

Lodge – Trouxe Raymond?

SIM.

Lodge – Você está aí, Raymond?

SIM.

Lodge (depois que Lady Lodge saudou o filho) – Bem, atente nisto, meu rapaz. Tenho algumas questões, para mim sem sentido, mas que seus irmãos acham que você compreende. O objetivo é apurar se os assistentes não influem nas respostas. No caso destas perguntas isto é

impossível porque ninguém aqui nada sabe a respeito. Compreende o meu objetivo?

SIM.

Lodge – Muito bem. Posso começar?

NÃO.

Lodge – Oh! Quer dizer qualquer coisa antes?

SIM.

Lodge – Muito bem. Vamos ao alfabeto.

DIGALHESQUEEUAGORAPROCUROPROVARQUE
TENHOMENSAGENSPARAOMUNDO

Lodge – É só o que tem a dizer?

SIM.

Lodge – Bem. Vou agora propor uma das questões dos rapazes, mas tenho de explicar que é possível que em certos casos você não perceba a referência. Dificilmente podemos esperar que responda a todas; e se não puder responder uma passaremos à imediata. Mas não se afobe. A primeira pergunta é: “Lembra-se de alguma coisa a respeito dos Argonautas?”

(Silêncio por algum tempo).

Lodge – “Argonautas”, repito. Significa essa palavra qualquer coisa para você? Devagar.

SIM.

Lodge – Pode dizer o que?

SIM. TELEGRAMA

Lodge – É toda a resposta?

SIM.

Lodge – Bem. Vamos à segunda. – “Que se recorda de Dartmoor?”

A pausa foi menor e a mesa soletrou isto:

DESCENDO.

Lodge – É tudo?

NÃO.

Lodge – Continue.

MORRO FERRY.

Lodge – É o fim da resposta?

SIM.

Lodge – Bem. Vamos à terceira pergunta, que me parece mais complicada. Que sugerem a você estas palavras: “Evinrude O. B. P. irmã do Kaiser?”

Nenhuma resposta foi obtida; a pergunta parecia não despertar nenhuma recordação. Perguntado o nome do homem ao qual Raymond dera o seu cachorro, a mesa soletrou:

STALLARDI.

o que é certo. Mas esse fato era do nosso conhecimento.

Observações sobre as palavras ”Argonautas” e “Dartmoor”

Quando levamos aos irmãos de Raymond as respostas dadas às duas primeiras perguntas, eles não se mostraram satisfeitos.

Verifiquei entretanto que a palavra “Telegrama” tinha relação com a pergunta – relação completamente desconhecida de mim e de minha mulher – mas que não era a que os rapazes esperavam. No ano anterior, enquanto Lady Lodge e eu estávamos fora de casa, meus filhos foram de auto a Devonshire, e em Tauton Raymond parou no correio para expedir um telegrama dizendo que

não havia novidades – e assinou “Argonautas”. Minhas filhas lembravam-se perfeitamente desse telegrama, mas os rapazes não.

A resposta que eles desejavam Raymond veio a dar depois, em tempo que já deixava o teste sem valor – e só quando eu lhe apresentei como sugestão as palavras: “Tent Lodge, Coniston”.

Agora que conheço a resposta exigida não penso que a pergunta fosse de valor; mas a resposta “Telegrama”, que os rapazes não esperavam, parece-me ótima, ou melhor que a outra. Vim a saber algo a respeito duma viagem à Islândia no iate *Argo* de Mr. Alfred Holt, e da poética descrição que Mr. Mitchell Banks e o Dr. Caton fizeram, num livro, da sala de visitas de Tent Lodge, Coniston, mas nunca supus que fosse o que eles desejavam; e se a resposta fosse essa, seria de qualidade inferior à obtida.

Quanto à palavra “Dartmoor”, os rapazes disseram que a resposta “Descendo o morro” era correta mais incompleta – e que a palavra Ferry nada lhes sugeria. Em vista disso eu, a 22 de outubro, numa sessão com Feda, perguntei:

Lodge – Lembra-se, Raymond, de algo de Dartmoor e do morro?

Feda – Sim, ele responde qualquer coisa a respeito. Diz que foi excitante.

Lodge – Que é que diz? Por que?

Feda – Qualquer coisa a propósito dum breque – arrumar o breque. Depois fala em repentina curva – uma curva – e me dá um empurrão, como que fazendo uma curva rápida.

(Por Alec fui depois informado duma longa excursão de auto à noite, na qual o silencioso se quebrara no fim duma descida excepcionalmente forte e entrara a fazer um barulho enervante. O condutor do carro fez a descida velozmente, com súbitas aplicações do breque e ziguezagues rápidos, de

modo que os que estavam atrás acharam a coisa perigosa e por último o fizeram parar, insistindo em descer vagarosamente. Raymond ia na frente com o que guiava. As sensações dos outros ligavam-se fortemente às manobras do breque e às guinadas. Na pergunta feita os rapazes esperavam como resposta de Raymond alguma referência ao barulho do silencioso partido, o qual foi consertado naquela mesma noite, na primeira cidade em que pararam).

Lodge – Também disse ele algo sobre um Ferry. Que é?

Feda – Não, não se lembra de nada.

Lodge – Bem.

Feda – Há um: sim, há um. Mas nada tem ele a dizer a respeito. Faz ver que a menção dessa palavra foi um pensamento errante que ele não queria transmitir por meio da mesinha. Teve dois ou duas coisas que vieram assim. Pensamentos errantes. Vocês tiveram a resposta desejada, diz ele. Disse MORRO; FERRY saiu sem querer. Uma coisa nada tem que ver com a outra.

Mais tarde tive ensejo de voltar a esta palavra “ferry”; ninguém na família se lembrava de nenhum “ferry”, nem podia achar qualquer aplicação para a palavra. A resposta foi que a sua menção dum “ferry”, relacionado a uma excursão de auto, não era injustificada, mas admitiu que “algumas pessoas não chamariam àquilo de ferry”. Por algum tempo ainda esperei o esclarecimento necessário, e por fim, a 18 de agosto, recebi de Alec uma nota referente a uma viagem feita nesse mês, em que diz:

“Por falar, na ida a Langland Bay (que era o caminho que sempre fizemos antes de haver a estrada para Newquay) passamos por Briton Ferry, onde há um precioso ferryzinho”.

Assim, ainda esta semi-acidental reminiscência não parece de todo sem sentido – embora não devesse vir como resposta à pergunta sobre Dartmoor.

Mais tarde, numa sessão com Alec, o qual de novo pronunciou a palavra Dartmoor, Raymond respondeu: “Qualquer coisa rebentou”, o que está certo. O atroz barulho do silencioso depois do desarranjo era justamente o que os rapazes queriam que ele recordasse.

Observações sobre esse gênero de questões

É fácil de ver-se que uma única palavra destacada do contexto e lançada a uma pessoa que pode no momento achar-se num estado de espírito totalmente diverso, constitui prova difícil; e no conjunto suponho que as questões tiveram respostas satisfatórias, conquanto não fossem as esperadas. Se os rapazes estivessem presentes à sessão, o teste estaria prejudicado; as respostas poderiam sofrer o influxo de sua presença, criadora de atmosfera propícia à recordação. Mas na minha presença e na de minha mulher, ignorantes de tudo, não é de surpreender que as respostas só fossem parcialmente satisfatórias – conquanto para mim pareçam boas. Em todo caso, tiveram o efeito de estimular os rapazes a promoverem sessões de mesinhas em casa, por conta própria.

* * *

A 13 de outubro, graças à gentileza de Mrs. Kennedy, tivemos uma sessão anônima com uma médium que desconhecíamos, uma Mrs. Brittain, de Hanley, Staffordshire – em casa de Mrs. Kennedy.

Não foi sessão bem sucedida; a médium parecia cansada e aborrecida com uma demanda – mas obtivemos alguns pontos *evidenciais*, embora não referentes a Raymond. Só no fim a médium declarou que alguém estava pronunciando o nome “Raymond”.

Num encontro posterior com Mrs. Kennedy, Mrs. Brittain contou que um rapaz de nome “Pat”, acompanhado de Paul, viera vê-la na noite da sessão – e assim fixou a cena:

14 de outubro, 1915.

Eu estava descansando, a pensar nos fatos do dia e a aborrecer-me com o que me esperava na próxima segunda-feira, quando me tornei consciente da presença desse querido rapaz. Ele disse: “Sou Pat, e oh, quero falar com minha mãe”. Depois vi com ele o vosso amado filho (Paul), o qual me pediu para falar-vos de Pat e dizer que seu pai terá provas sem que tenha necessidade de procurá-las.

Capítulo XI

Primeira sessão de Alec

Algumas palavras tornam-se necessárias quanto à atitude da família de Raymond neste assunto. Não de pensar que o meu sabido interesse na matéria fosse compartilhado pela família, mas não era assim. No quanto posso julgar, creio que minha atitude exercia um efeito contrário; e só depois de receberem provas irrecusáveis é que mudaram de pensar.

Minha mulher tinha feito experiências com Mrs. Piper em 1889 e continuara cética até 1906 mais ou menos, época em que conseguiu evidência extraordinariamente forte. Mas nenhuma das suas experiências foi compartilhada pela família, que nada lia sobre o assunto, nem da minha autoria nem de ninguém – e não estava em situação de convencer-se por experiência própria. Todos encaravam o assunto com desinteresse e ceticismo. Mas não havia atritos nem desapontamentos. A vida apresentava-se muito cheia de interesse, e até à morte de Raymond ninguém sentiu necessidade de pensar na sobrevivência ou na possibilidade de comunicação.

A primeira sessão realizada pelos rapazes, além das de amadores feitas em casa, ocorreu a 23 de outubro, com Peters. Estiveram presentes Alec e Lady Lodge, que não deram os seus nomes. Vou reproduzir as notas tomadas por Alec.

Notas de Alec sobre a sessão

Minha mãe e eu chegamos à casa de Mrs. Kennedy às 11 menos cinco. Mrs. Kennedy perguntou se podia tomar parte na

sessão, no que consentimos. Apareceu Peters. Houve apertos de mão, mas sem apresentações.

A sessão foi muito irregular e de pouca importância aparente; mas passados uns minutos tornou-se impressionante. Senti como se minha mão estivesse sendo apertada entre as de Raymond, e como se ele estivesse falando com sua própria voz. Minha mão direita estava segura, mas ainda que eu a tivesse solta, não poderia, naquelas circunstâncias, tomar notas. Lady Lodge acrescenta que nem ela tão pouco, nem ninguém poderia fazê-lo durante essa parte da sessão.

Relato

Depois duma conversa preliminar e de mensagens de parentes, dadas através de Peters controlado por Moonstone, houve um intervalo, com a passagem do controle para Raymond. A enunciação das palavras mostrou-se muito indistinta no começo.

Eu	quero	apresentar-me.
Mamãe	que	me ajude.
Por	que	você sabe.
Não	foi	tão mau.
Não	tão	mau.

Eu sabia que você não ignorava a possibilidade de comunicação, de modo que quando apareci foi em melhores condições do que para outros deste lado. Frequentemente falamos desse assunto e pai compreende; e agora, juntando-me com sua força é mais fácil.

Neste ponto o médium agarrou a mão de Alec por cima da mesa, de modo que as notas foram interrompidas. Os braços do médium estendiam-se sobre a mesa e sua cabeça baixava-se entre eles; a mão de Alec ficou retida entre as mãos do

médium. E por todo esse tempo o médium falou com muito sentimento, sacudido de soluços; cabeça e pescoço congestionados; tudo muito forte, muito emocional; e a voz era extraordinariamente semelhante à de Raymond. Alec também notou que o aperto de mão lembrava o de Raymond. Isso ocorreu no meio da sessão, tempo em que não nos foi possível tomar notas – nem Mrs. Kennedy. Passado algum tempo as mãos do médium se afrouxaram e as notas puderam ser tomadas.

(Alec diz: “O intervalo foi breve mas carregado de emoção fortemente sentida por todos).

Mas		não,		espere.
Porque		eles		disseram-me.
Não		estou		vexado.
Estou				contente.
Compreendo	as	coisas	de	modo diferente daí.
E, oh,	graças	a	Deus	posso falar.
Mas...				
Os	rapazes		me	ajudam.
Vocês	não	sabem	o	que ele fez.
Quem		poderia		ajudar?
Mas	tenho	de	conservar-me	quieto, prometi calma.
O	tempo		é	tão breve.
Diga	a	pai	que	sou feliz.
Que	me	sinto	feliz	dele não ter vindo.
Se	ele	estivesse	aqui	eu não poderia falar.
Acho	difícil	exprimir	o	que quero.
Cada	vez	que	volto	sinto mais facilidade.
O		difícil		foi antes.
O		15º,		compreende?
E o 12º.				

(Não pudemos compreender estas datas).

Mas cada vez que venho está melhor.
Se vovô não ajudasse, eu não poderia.
Tenho agora de retirar-me.
... quebrado...

Mas falei, graças a Deus!

(Aqui neste ponto o controle mudou; houve um alívio geral; o novo guia era Bidy).

Sou eu agora que vou falar.
Aqui há outra mãe. Vou ajudar o rapaz.
Eu lhe disse para voltar, etc.

(Aqui um intervalo; e veio outro guia, provavelmente Moonstone, ou o próprio Peters tomado de clarividência).

Trouxestes convosco uma força tremenda. Não dizeis sempre o que pensais. Vossa força intuicional é forte. Vossa mente é muito bem equilibrada (e assim por diante)... Nos últimos três meses as coisas mudaram. Estais revolvidos no mais íntimo. Não tínheis idéia de quão fortes são os laços que vos ligam a um que veio para cá. Necessário é zelar por vossa mãe. Conheceis a sua devoção para com ambos e para com o que veio...

Esse que veio é irmão. Quer mandar uma mensagem.

(Algumas mensagens omitidas).

Não choreis, mas o coração chora lá dentro.

Ajudai aos outros. Estais fazendo isso. Se jamais experimentásseis fazer o que ele fez, sérieis fisicamente aniquilados.

Tudo isto vem dele.

(Para Lady Lodge). Muito contente quanto às fotografias. Você fez algo que é satisfatório.

(Evidentemente refere-se a duas fotografias encontradas em seu bolso depois de falecido).

Desejo mandar mensagem a pai, mas desta vez não a respeito dele. Vejo sem clareza as iniciais F W M – mas F M quer ser lembrado e diz: “Ainda me conservo muito ativo. Ponha-se em contacto com Crookes a respeito do rádio”.

Nota de Oliver Lodge

Lady Lodge impressionou-me com o relato dos episódios acima. Foi difícil acalmar-nos pelo resto do dia. Não creio que a anotação aqui reproduzida impressione a alguém, salvo as pessoas de igual experiência.

Capítulo XII

Primeira sessão de Lionel

A 17 de novembro Lionel Lodge, irmão de Raymond, foi a Londres ver se obtinha com Mrs. Leonard uma sessão anônima, sem a intervenção de Mrs. Kennedy ou mais alguém.

Verificou que por esse tempo a médium tinha de servir a dúzias de estranhos, gente sem nenhuma ligação com a nossa família, mas felizmente conseguiu ser admitido sem dar a sua identidade. O relato do que houve merece publicação. Fiz omissões, parte por amor à brevidade, parte por ser matéria muito particular; mas afora isso, mesmo o que não possui caráter *evidencial* aparece reproduzido. Devemos acentuar que Feda fala durante todo o tempo, às vezes na terceira pessoa, às vezes na primeira, e às vezes por conta própria. Não é provável que a lucidez do controle tenha sido constante pela sessão inteira, de modo que Feda pode ter feito enchimentos. Ela é excelente e muito cuidadosa; como todos os guias, porém deixa-se levar por certos maneirismos e infantilidades, como a modificação do nome de Paul para Paulie, etc. As circunstâncias dramáticas da sessão constituem coisas familiares aos que têm experiência da matéria. O relato procura reproduzi-las – mas com fraco sucesso. E é possível que a tentativa, embora consciente, forneça oportunidade para o ridículo – se a crítica hostil houver por bem usar deste recurso.

Sessão de Lionel Lodge em casa de Mrs. Leonard

INTRODUÇÃO DE OLIVER LODGE

Lionel escreveu a Mrs. Leonard, mandando a carta para o seu velho endereço, Avenida Warwick, porque eu me esquecera de lhe dar o novo. Lionel utilizou-se de papel comum e não assinou, dizendo que breve apareceria. Mas Mrs. Leonard nada recebeu, de modo que quando meu filho chegou a Londres, a 17 de novembro, só lá no endereço antigo soube do novo. Em casa da médium foi recebido por ela mesma. Declarou desejar uma sessão. Mrs. Leonard correu os estores, acendeu uma lâmpada vermelha e contou que era controlada por “Feda”. Tudo rápido. Em dois minutos o transe começou e Feda falou.

RELATO DE LIONEL

(As observações entre parêntesis quadrados são minhas).

Feda – Bom dia! Então é psíquico também?

Lionel – Não sabia que era.

Feda – Vejo dois espíritos perto de você; o mais velho, plenamente desenvolvido; o mais novo, ainda incerto. O velho é alto e bem construído; tem barba, mas não bigodes.

(Isto parece preocupar Feda, que repetiu várias vezes a descrição, como procurando melhorá-la).

Barba toda e cabelo dos lados, mas sem bigodes. Testa ampla, sobrancelhas fortes e um tanto retas – não arqueadas; olhos pardos; cabelo ralo no alto, grisalho dos lados e atrás. Parece que foi castanho antes de ficar grisalho. Rosto bonito. Está construindo qualquer coisa. Sofreu disto, antes de passar (e a médium indicou o estômago ou o peito).

Letra W [refere-se a um membro da família, já aqui tratado de “avô”].

E há outro espírito. Alguém está rindo.

Não brinque, é sério.

(Isto foi murmurado como que dirigido a alguém, não a mim).

É um moço duns 23 ou 25 anos, a julgar pela aparência. Alto; bem construído, mas não espesso; cabelos castanhos, curtos dos lados; nariz não muito reto, largo nas narinas.

(*Murmurando*) Feda não pode ver o seu rosto.

(*Elevando o tom*) Ele não me deixa ver-lhe o rosto; está rindo.

(*Murmurando diversas vezes*) L, L, L.

(*Alto*) Não é este o nome dele; é o nome que dá a você.

(*Sempre murmurando*) Feda o conhece – Raymond. Oh, é Raymond!

(Neste ponto Mrs. Leonard agita-se, sacudindo as mãos como criança de súbito alegrada).

Eis porque não queria mostrar o rosto – porque Feda o reconheceria.

Está batendo no seu ombro de rijo. Você nada sente, mas ele pensa que está batendo rijo.

[Parece ter sido um hábito de Raymond bater no ombro do irmão, cada vez mais rijo, até que houvesse reação].

É muito brilhante a impressão que dá.

Tem procurado aparecer em casa, mas há sempre terríveis atrapalhões – não terríveis, mas confusas. Ele realmente chegou até você, mas outras condições atrapalharam e estragaram tudo.

[Isto evidentemente se refere a alguma sessão sem médium em Mariemont – sem médium com o qual Feda ou Mrs. Leonard tenham relações. O caso mostra um conhecimento específico, denunciador de correspondência inter-mediúnica].

L.L. – Como poderemos melhorar isso?

F. – Ele não o sabe ainda. Outros espíritos intervêm, não maus espíritos, mas dos que gostam de sentir que estão ajudando. Isso o confunde terrivelmente. Parte da comunicação foi feita por ele; mas depois da mesa entrar em ação, já não era ele. Começou, mas veio alguém mais forte que lhe tirou o controle.

(*Murmurando*) Feda, pode você sugerir alguma coisa?

[Isto parece relacionar-se a uma conversa do outro lado].

Mantenha-se bem firme quando a mesa começar a mover-se. A prece ajuda, quando as coisas vão mal.

L.L. – Lembra-se duma sessão em casa, quando me disse que tinha muita coisa a transmitir?

F. – Sim. O que ele queria era dizer sobre o lugar em que se encontra. Mas não pôde soletrar; muito trabalhoso. E sentiu-se abatido no começo. Você não se sente tão real como a gente daqui, e as paredes agora, para ele, aparecem transparentes. A grande coisa que o fez reconciliar-se com o novo ambiente foi que tudo parece sólido e substancial. A primeira idéia que teve depois de despertar (diz ele) foi de “estar passando”. Um segundo ou dois com tudo em sombras, tudo vaporoso e vago. É como sentiu.

A primeira pessoa que o procurou cá foi o vovô. E depois outras; sobre algumas apenas ouvira falar. Todas pareceram-lhe tão sólidas que dificilmente podia admitir tivessem passado.

Eu vivo numa morada (diz ele) construída de tijolos – e há árvores e flores, e o chão é sólido. Se a gente ajoelhar-se na lama, aparentemente suja a roupa. O que ainda não compreendo é que a noite não siga o dia, como no plano terrestre. Parece algumas vezes ficar escuro, quando ele quer que seja escuro, mas o tempo entre a luz e a treva não é sempre o mesmo. Não sei se está achando isto maçante.

(Eu estava a pensar se meus lápis durariam. Tinha dois e já agarrara o segundo).

O que me preocupa, diz ele, é como a coisa é feita, como é composta. Não descobri ainda, mas já tenho uma teoria. Não é idéia original minha – foi formada com palavras colhidas aqui e ali.

Ele diz algo assim: Há qualquer coisa que está sempre subindo do plano da terra – qualquer coisa de forma química.

À medida que se ergue até nós, sofre várias mudanças e solidifica-se em nosso plano.

Ele sente que é qualquer coisa emanada da terra que faz as árvores e flores sólidas, etc.

Não sabe mais nada. Está estudando, mas leva tempo.

L.L. – Quero saber se ele pode entrar em contato com alguém na terra.

F. – Nem sempre. Só com os que querem vê-lo, e os que é bom que ele veja. então ele os vê, assim que pensa. Não deseja ver ninguém a não ser que trazidos a ele.

E diz: Informaram-me de que posso encontrar qualquer pessoa a qualquer momento – não há dificuldades. É o que faz isto aqui ser tão bom lugar de viver.

L.L. – Pode Raymond ajudar alguém aí?

F. – Isso é parte da sua tarefa, mas há outros que a estão realizando; a maior parte do seu trabalho se relaciona à guerra. Ele diz: Estive em casa, mas meu trabalho real é na guerra. Tenho algo a fazer com meu pai, embora meu trabalho seja na guerra, a ajudar os violentamente arremessados ao mundo do espírito.

L.L. – Pode predizer ou ver o que vem?

F. – Às vezes penso que sim, mas não é fácil. Não creio que eu hoje saiba mais do que quando na terra.

L.L. – Pode dizer alguma coisa sobre a guerra?

F. – Há melhores perspectivas. De todos os lados há mais coisas satisfatórias do que antes. Isto não é aparente no plano terrestre, mas eu me sinto mais satisfeito do que antes.

Não posso deixar de sentir-me intensamente interessado. Creio que perdemos a Grécia – e não estou certo se não foi por culpa nossa. Só agora fizemos o que devíamos fazer meses antes.

Não concordo no que diz respeito à Sérvia. O tê-la deixado tanto tempo só produziu mau efeito sobre a Rumânia. A Rumânia pensa que entrará no mesmo bote, se se juntar a nós.

Todos concordam que a Rússia andar­á direito durante o inverno. Vai mostrar o que pode fazer. Os russos acostumados ao seu terreno e ao inverno. Penso que alguma coisa está emergindo. Algumas das coisas triviais que me interessavam já as esqueci. Há mais coisas a preocupar-me cá. Compreendo às vezes a seriedade da guerra... É como observar uma interessantíssima corrida ou jogo, que gradualmente se desenvolva diante de nós. Estou trabalhando nela, o que é menos interessante do que observar.

L.L. – Tem alguma mensagem lá para casa?

F. – Saudades para minha mãe e todos, mas especialmente para minha mãe. *H.* está agindo muito bem.

[*H.* quer dizer sua irmã *Honor*].

L.L. – Em que sentido?

F. – Está ajudando dum modo psíquico; torna-me as coisas mais fáceis. Temos de separar o bom do mau e não procurar mais que uma forma – e não o *jig*, *jig*...

F. – Não gosto do *jig*, *jig*. Penso que posso operar na mesa. [Ver capítulo XV].

L.L. – Quer dizer-me de que modo poderei ajudar?

F. – Vá devagar, só deixe uma pessoa falar, como já disse. Pode ser *H.* ou *L.L.* Escolha uma pessoa para propor perguntas, porque diferentes sons de vozes confundem-me e misturam-me o pensamento. Não quero abandonar isso; gosto. Não experimente mais de duas vezes por semana; ou, melhor, uma. Procure levar o mesmo tempo sempre e, se possível, operar nos mesmos dias.

Apresente minhas saudades a todos. Diga-lhes que estou muito feliz. Muito, muito, e com muito trabalho a fazer, e intensamente interessado. No começo sofri do choque; mas sinto-me extremamente feliz agora. Estou livre.

Feda – Ele não disse até logo.

Uma mulher chegou: jovem, de meia altura, esguia, mas não magra; rosto oval; olhos azuis; cabelo castanho claro.

L.L. – Pode dar o nome? Pela descrição não consigo fazer idéia de ninguém.

F. – Ela constrói um *L.*

Quando estava na terra não se parecia com a minha descrição. Muito pequena foi a sua estadia na terra. Aparentada com você. Cresceu neste plano.

Oh, é sua irmã! É linda; não tão alta como você; belo rosto, olhos azuis.

L.L. – Sei o seu nome agora.

[Em outra sessão esta irmã de Raymond foi descrita].⁶

F. – Dê-lhe suas saudades aos de casa, mas sobretudo a minha mãe. E diga-lhe que ela e seu irmão (não Raymond) têm assistido às sessões caseiras.

L. traz lírios nas mãos; está cantando – zumbindo. Feda não percebe as palavras.

Afasta-se. A força está no fim.

L.L. – Minhas saudações a essa moça.

F. – Feda também envia as suas.

Raymond estava brincando, ao esconder o rosto a Feda. Até logo.

⁶ Ele traz consigo uma rapariga – uma rapariga que se desenvolve no mundo do espírito. Pertence a Raymond: longos cabelos louros, belo porte, esguia, com um lírio na mão. Outra criatura que passou muito cedo: um rapaz; você não o reconheceria se o visse agora; parece da mesma idade de Raymond, mas muito espiritualizado; traz consigo um W; sabe muito pouco do plano terrestre; passou muito cedo. Estão ambos com Raymond agora. Os espíritos parecem jovens quando se passam cedo. Raymond está entre eles. [Esta revelação ajusta-se perfeitamente a dois filhos mortos, um rapaz mais velho que Raymond e uma menina mais moça].

Raymond está agora realmente feliz. E não diz isto para contentar ninguém. Está realmente feliz. Diz que isto é mais interessante do que lá na terra. Há aqui um enorme campo para o trabalho. Seu pai e ele estão fazendo muito. Ele diz: “Vou cooperar o mais que possa”. E para sua mãe: “Se for feliz, eu o serei mais ainda. Sua mãe costumava suspirar, o que exercia sobre ele mau efeito. Seu pai tem se mostrado admirável.

Capítulo XIII

Conversas não evidenciais

Na sessão que a 3 de dezembro de 1915 tive com Mrs. Leonard veio aquela informação sobre fotografias, já relatada no capítulo VIII. Em todas essas sessões a nota “*a meia voz*”, consignada entre parêntesis, significa fala entre Feda e o comunicante, e portanto não se dirige aos assistentes. Procuro sempre fixar esses fragmentos entreouvados porque são interessantes e às vezes melhores do que o dado em voz alta. Porque Feda parece estar não só murmurando o pensamento que a preocupa como também refletindo o que lhe foi transmitido; às vezes os nomes aí surgem com toda a correção, ao passo que depois aparecem desfigurados. Exemplo: em certa ocasião Feda murmurou a meia voz “Que é que diz, Rowland?” e depois, em voz alta, “Ele enuncia qualquer coisa como Ronald”. Ora, nesse caso o nome Rowland era o certo. O impressionante caráter de Feda parece eivado de certa soma de irresponsabilidade infantil. Às vezes Raymond adverte que “tem de conversar com ela seriamente sobre isso”. Ultimamente Feda melhorou em muitos pontos.

Sei que nos relatos das sessões há coisas de nenhum valor *evidencial* e até mesmo grotescas; mas não me sinto inclinado a excluí-las. Dou as razões no fim deste capítulo (nota nº 5) e também no XX. Algumas dessas coisas são bastante divertidas, mas as referências ao viver do outro lado não constituem matéria verificável. Admito que são de variável grau de valor e peculiarmente sujeitas a falseamento por parte do médium, embora inconsciente. E nunca serão satisfatórias antes que possamos verificá-las. A dificuldade está em que Feda aparece para grande número de assistentes, e se a maioria é de meros investigadores,

dos que apenas ouvem e tomam notas, alguns haverá cheios de teorias definidas, que intencional ou inconscientemente podem transmiti-las ao “controle”. E este pode devolvê-las como sendo informação sua, sem saber de que fonte a captou. Ultimamente têm aparecido obras que dão informações sobre o outro lado, de um modo positivo e categórico; muito possível também que os médiuns se deixem influenciar por obras. Será lamentável que esses livros sejam aceitos como autoridade por pessoas incapazes de perceber os erros científicos que contêm. Para a mente das pessoas dotadas de espírito crítico eles só servem para retardar o são conhecimento do assunto.

**Extrato duma sessão com Mrs. Leonard,
em sua casa, a 3 de dezembro de 1915**

(Presentes: a médium e O. L. Feda fala na sua
maneira habitual, como intérprete de Raymond)

Feda – Oh, é interessante, diz ele, muito mais do que no velho plano terrestre! Eu jamais quereria deixar você, minha mãe, e os outros; mas isto aqui é interessante. Eu só desejava que você viesse estar comigo por um dia.

Há ocasiões em que o senhor vai lá, mas não se lembra. Todos têm estado lá com ele, à noite, e o senhor também, mas ele pensa que será muito difícil lembrar-se disso. Se se lembrassem, diz ele (ele não sabe disso, mas foi informado que é assim), o cérebro não suportaria a carga da dupla existência e tornar-se-ia incapaz das obrigações diárias; por essa razão a memória conserva-se trancada. Foi a explicação que lhe deram.

Diz ele: Meu corpo é muito semelhante ao que eu tinha na terra. Belisco-me às vezes para verificar se é um corpo real, e vejo que é; mas o beliscão não dói como doeria no corpo de

carne. Os órgãos internos não parecem constituídos nas mesmas linhas do corpo de carne. Não podem ser completamente os mesmos. Mas segundo todas as aparências externas, é o mesmo. Só que posso mover-me mais livremente.

Oh, há uma coisa que não vi ainda: sangrar.

Conheci um homem que tinha perdido o braço, mas adquiriu outro. Sim, conseguiu os dois braços agora. Logo que penetrou no astral parecia incompleto, sem um membro do corpo, mas foi ficando e está completo. Falo de pessoas que perderam membros do corpo há muitos anos.

Lodge – E sobre membros do corpo perdido nas batalhas?

Feda – Oh, isso não faz diferença, ficam perfeitos quando vêm para cá. Foi informado (ele não sabe por si mesmo, mas sim porque lhe disseram) de que quando alguém é reduzido a pedaços, o espírito-corpo leva tempo para completar-se, para unificar-se novamente. Dissipa-se uma certa soma de substância indubitavelmente etérica, a qual tem de concentrar-se de novo. O espírito está claro que não se despedaça, mas é afetado pelo despedaçamento do corpo. Ele não viu nada disso, mas como está interessado, indagou e soube.

Há homens e mulheres aqui. Não creio que se comportem em relação uns aos outros como na terra, mas parecem ter os mesmos sentimentos, embora expressáveis de maneira diversa. Não parece haver crianças nascidas cá. As criaturas são enviadas ao plano terrestre para terem filhos; não os têm neste. O sentimento de amor entre homens e mulheres parece comportar-se diferentemente de mãe e filho, de pai e filha.

Ele diz que agora não tem necessidade de comer. Mas vê pessoas que a têm; diz que a essas é dado alguma coisa com

as aparências dos alimentos terrestres. As criaturas daqui procuram prover-se de tudo que é preciso. Um camarada chegou outro dia e *quis* um charuto. Julgou que eles jamais poderiam fornecer-lhe isso. Mas há aqui laboratórios que manufaturam todo tipo de coisas. Não como fazem na terra, com a matéria sólida, mas com essências, éteres, gases. Não é o mesmo que no plano terrestre, mas fizeram algo que parecia charuto. Ele (Raymond) não experimentou nenhum, porque não pensa nisso, o senhor sabe. Mas o camarada lançou-se ao charuto. Ao começar a fumá-lo, fartou-se logo; teve quatro, e agora não olha nem para um. Parece que não tiram mais nenhum gosto disso, e gradualmente vão largando.

Logo que chegam querem coisas. Alguns querem carne; outros bebidas fortes; pedem whisky com soda. Não pense que estou exagerando, quando digo que aqui podem manufaturar estas coisas. Ele ouviu falar de bêbados que por meses e anos querem beber, mas não viu nenhum. Os que tenho visto, diz ele, não querem mais beber – como aconteceu com sua roupa, que nas novas condições em que está ele, dispensa.

Lodge – Raymond, precisa dar-me algumas provas. Quais pensa que sejam as melhores? Já falou sobre isto com Myers, sobre o tipo de prova mais *evidencial*?

Feda – Não sei ainda. Sinto-me numa encruzilhada: dar provas objetivas, como simples materializações de voz direta, que você possa atestar; ou dar informações a respeito das minhas experiências aqui, algo como o que estou fazendo agora, por meio da mesa ou do que seja. Mas ignoro se poderei fazer conjuntamente as duas coisas.

Lodge – Ao mesmo tempo, provavelmente não. Mas pode dizer mais da sua vida aí.

Feda – Sim, e para isso estou colhendo informações. Quero animar as pessoas desse plano a encararem a vida em que terão de entrar e compreenderem que é uma vida racional. Tudo que venho dizendo, e disse a Lionel, você deve pôr em ordem, porque vou falando fragmentariamente. Preciso estudar as coisas daqui. Acha que seja egoísmo dizer que não tenho desejos de voltar à terra? Não abandonarei isto aqui por coisa nenhuma. Não me julgue egoísta, ou que quero manter-me separado de vocês todos. Se ainda o procuro, é porque o sinto muito perto, mais perto do que antes. Mas por coisa alguma que me pudesse ser dada eu voltaria.

(*Feda*) Dificilmente ele diria isso à sua mãe.

(*Feda olha em redor*) Alec está aí?

Lodge – Não, mas espero que virá.

Feda – Avise-o para não dizer quem é. Gostei muito da primeira vez que Lionel veio – pude conversar durante horas.

(*Lodge consulta o relógio*).

Pude conversar durante horas – não vá ainda!

(*Feda*) Ele diz que teve sorte quando “passou”, porque havia muitos para recebê-lo aqui. Isso aconteceu (veio ele a saber) pelo fato do senhor andar há muito tempo metido nestes assuntos. Ele quer que os leitores dos seus livros saibam que tudo se torna, para eles e seus amigos, muito mais fácil, se tiverem conhecimento disto antes do “passamento”, porque é horrível quando “passam” sem o saber, e levam semanas ignorando que “passaram”, supondo que é sonho, que estão sonhando. E às vezes não o percebem nunca.

Ele diz que quando despertou deste lado sentiu uma pequena depressão, que não durou muito. Correu os olhos em redor e acomodou-se. Foi como encontrar-se numa cidade estranha, num lugar estranho rodeado de pessoas que nunca

tinha visto, ou não tinha visto de muito tempo. Vovô veio logo. E uma chamada Jane veio ter com ele, a qual se deu como sua tia. Jane – Jennie. Ele lhe chama tia; foi informado de que era a “Tia Jennie”. É ela a minha tia Jenny? pergunta ele.

Lodge – Não, mas sua mãe costumava tratá-la assim.

Feda – Ele trouxe outra vez aquele cachorro, lindo cachorro. Um cachorro que faz assim (*Feda* imita movimentos de cão). Conseguiu uma bela cauda, não um toquinho; uma cauda com belos pelos. Senta-se assim, às vezes, e deita-se, e põe a língua.

Tigres e leões ele não viu ainda; mas vê cavalos, cães, gatos e aves. Diz que o senhor conhece este cachorro. Que belo pelo! Ondulado. Está agora pulando por aqui. Não tem o focinho longo, mas não parece “pug-dog”. Ao contrário, é comprido. Orelhas caídas, peludas. Cor escura, parece-me.

Lodge – Que nome dá a ele?

Feda – “Ele, não”, diz Raymond. (*a meia voz*): Que significa com esse “ele, não”? É um “ele”, sim.

Não. Raymond não explica. Não dá nome. O cão salta.

(Tudo isto se refere a uma cachorra de nome Curly, cuja morte foi há alguns anos atrás especialmente mencionada por “Myers” através de outro médium – um incidente comunicado à *S. P. R.* As referências de *Feda* estão certas.

(*Feda continuando*): É surpreendente o número de pessoas que vêm apertar a mão e falar-me. Não as conheço desde Adão. Mas muito me honram aqui. Algumas são bastante finas. Não as conheço, mas todas parecem interessadas no senhor e dizem “Oh, é filho dele? Como passa?”

Feda começa a perder o controle.

Lodge – Bem, até logo, Raymond, e que Deus o abençoe.

Feda – Deus abençoe a *você*. Só quero que saiba que sou muito feliz. E abençoe a todos. Não sei dizer o que sinto, mas você pode adivinhar. Difícil pô-lo em palavras. Deus os abençoe a todos. Adeus, pai.

Lodge – Adeus, Raymond, adeus, Feda!

Feda dá uma sacudidela e repete “Adeus. Saudades à que lhe pertence e a Lionel. Feda sabe o seu nome, Soliver, sim.”

As sessões raramente apresentam caráter *evidencial* e muita gente não as registra; mas às vezes o melhor é fixá-las na íntegra, como o fiz acima, como exemplo do que pode ser chamado a “maneira” duma sessão. Alguma coisa que neste capítulo parece especialmente absurda relaciona-se com a matéria do capítulo XX.

Observações sobre a matéria relatada

Poderão perguntar-me porque anoto tanta conversação comum, em vez de abreviá-la ou concentrá-la no que há de específico em matéria de fatos. A isso responderei:

- 1 – Que uma versão muito concentrada é de difícil leitura, ao passo que, a despeito da sua extensão, a versão completa é menos tediosa. Um relato é sempre um pobre substituto da experiência viva; e muita concentração, ou abreviação, pode destruir o que há nela de melhor ao interesse humano.
- 2 – Que por sua própria natureza a abreviação implica adulteração; e não é aconselhável nestes assuntos apurar o estilo com prejuízo da exatidão.
- 3 – Que os maneirismos e excentricidades do “controle” (ou segunda personalidade) são interessantes em si e podem ser instrutivos; e aos noviços revelam o que eles esperam.

- 4 – Que grande número de investigadores desejam conhecer o que na realidade é uma sessão; que assuntos são nela tratados e o que os comunicantes, isto é, as hipotéticas personalidades que enviam mensagens por intermédio do controle, têm a dizer a respeito de seus sentimentos pessoais e da sua existência. Por esse motivo, qualquer que seja a interpretação que venha a ter o relato, parece-me melhor que apareça na íntegra.
- 5 – Sei que alguns dos relatos podem parecer absurdos. Especialmente os que falam da situação no “outro lado” – asserções que não são nem *evidenciais*, nem verificáveis, e que por isso somos tentados a suprimir ou a fazer que não surjam. Em outra parte deste livro dou minhas razões para proceder de modo contrário, anotando-as como surgem. E embora admita que seja indiscrição o publicá-las, também admito que a evidência requer que nada fique escondido. Tenho como meu dever citar não apenas as mensagens que contribuem para estabelecer convicções sobre a sobrevivência como ainda conversas sobre a situação nesse “outro lado”, a despeito da reticência que havemos de manter quanto ao que é estranho e inverificável.

Em outra parte, faço ver que ainda não tivemos o privilégio de entrar em contato perfeito com a personalidade dos mortos. Vemo-la através dum vidro embaciado, não cara a cara. Mas mesmo através do turvo desse médium podemos apanhar relances que nos permitam aceitar a sobrevivência da personalidade. Ademais, a fim de, na sua força ou na sua fraqueza, revelar a evidência, parece-me de mais lealdade produzir exemplos de tudo que nos chega através de canais insuspeitos; e não suprimir coisa nenhuma simplesmente porque pode dar pega à crítica adversária, nem acrescentar achegas adventícias em suporte dum caso de valor.

- 6 – A classe de relações mais *evidencial* – informações sobre coisas que desconhecemos e também o que chamo “*cross-correspondence*” – não constitui elemento que deva ser posto de lado. E se usualmente, de modo natural e espontâneo, ocorrem de vez em quando, costumo fazer esforço para obtê-las.

Nota geral

Retornando aos relatos familiares que aqui enfeixo, nos quais a evidência é mais esporádica do que sistemática, observo certos pequenos detalhes de bastante interesse, como, por exemplo, o modo dos moços tratarem aos velhos. Assim, enquanto Paul trata a seu pai de “Daddy” e à sua mãe dá nomes carinhosos, como o fazia em vida, Raymond diz simplesmente “Pai” e “Mãe”, que era como nos tratava na terra. Um moço atlético de nome Ralph, morto na guerra, saudava a seu pai, quando o via presente a alguma sessão, com um extraordinário “Ullo Erb!”, dito letra por letra através da mesinha. A facilidade e liberdade com que esse Ralph se comunicava era extraordinária, e estive tentado a narrar em apêndice alguma coisa a seu respeito. Se mudei de idéia foi porque se tratava de assunto sem nenhuma relação com o objeto deste livro – que é Raymond.

Capítulo XIV

Primeira sessão de Alec com Mrs. Leonard

A 21 de dezembro Alec teve com Mrs Leonard sua primeira sessão, não anônima como Lionel o conseguiu; a médium já o conhecia. Nessa sessão foi revelada mais alguma coisa de caráter inverificável, mas que, absurdo ou não, prefiro não suprimir.

As notas tomadas rezam assim:

(A médium sabe que sou filho de Sir Lodge).

Sala da frente; cortinas baixadas; pequena lâmpada vermelha; ninguém mais presente. Mrs. Leonard saúda-me: “Mr. Lodge?” Depois começa a esfregar as mãos vigorosamente.

Feda – Bom dia! É Feda.

Raymond está aqui e desejaria A e B. (*a meia voz*) Que quer dizer com A e B? (veja-se nota A). Ele diz: Tanto desejava que você me visse! Estou tão contente – bem sabe que estou contente.

(*Feda*) Ele esforça-se por ter contato com você em casa e acha que está se aproximando cada vez mais e está mais hábil em compreender as condições que permitem a comunicação. Pensa que dentro em pouco poderá fazer testes reais em casa. Sabe que vai progredindo, mas não satisfatoriamente. Está longe e debate-se.

Feda (a meia voz) – É o que os peixes fazem! Ele diz que se sente ótimo. Impossível sentir-se melhor.

Esteve esperando aqui; sabia que o senhor viria, mas sem certeza de ser hoje (o trem chegou meia hora atrasado). Soube do que ele disse quanto ao lugar onde está?

Alec – Sim, mas acho difícil de compreender.

Feda – Diz ele: É um lugar tão sólido que ainda não venci os obstáculos. Admiravelmente real.

Ele falou a seu pai de um rio; o mar ainda não viu. Encontrou água, mas não sabe se encontrará o mar. Está cada dia fazendo novas descobertas. Muita coisa é nova, mas não para os que já de algum tempo aqui vivem.

Ele entrou numa biblioteca com seu avô – o vovô William – e também com alguém de nome Richard, e diz que os livros são os mesmos que vocês lêem.

Agora, uma coisa extraordinária: Há lá obras que ainda não foram publicadas no plano terrestre. Foi informado – apenas informado, não sabe por si – de que esses livros aparecerão um dia, livros como os que já apareceram; e que a matéria desses livros será impressa no cérebro de algum homem que ficará como o autor.

Diz que nem todos neste plano têm permissão para ler esses livros; podem estragá-los – a esses livros ainda não publicados. Seu pai escreverá um – não o em que está trabalhando agora – um novo.

É muito difícil vencer os obstáculos. Ele quer que saibam de como está satisfeito de ter vindo. Há centenas de coisas em que pensar.

Ele trouxe Lily e William – o moço...

Feda (a meia voz) – Não sei se isto está certo, mas parece que ele tem dois irmãos.

[Dois irmãos de Raymond e uma irmã faleceram na primeira infância. Normalmente ele mal saberia disso].

Alec – Diga a Raymond que estou certo de que ele apanha ocasionalmente coisas, mas que na minha opinião isso nos chega alterado, talvez afetado pelos assistentes. A mim me parece que muitos destes ouvem o que querem ouvir.

Feda – Raymond responde: “Eu queria que fosse assim!” Mas de certo modo o senhor está certo. Ele jamais consegue dizer o que deseja. Às vezes é uma palavra que surge sem ligação. Frequentemente as palavras não procedem de sua mente; não há traço dela em sua mente. Por esse motivo diz Raymond que será boa coisa tentar obter em casa algo mais definido. Quando o senhor se senta à mesinha ele fica certo de que o que ele quer dizer sofre a influência de qualquer dos assistentes. Alguns querem ajudá-lo; outros começam a imaginar a palavra que deve vir. Às vezes ele começa uma palavra e outro a conclui.

Ele pediu a seu pai que o senhor viesse sem dizer quem era. Acha que seria assim mais engraçado.

Alec – Pergunte-lhe se pode lembrar-se de alguma coisa que costumávamos falar entre nós.

Feda – Sim. Ele diz que costumavam falar de automóveis! (a meia voz) Que quer dizer? Toda gente fala de automóveis!

(*Em voz alta*) E cantavam. Ele tinha a pretensão de cantar. Mas não cantava hinos. Nas noites das quintas-feiras tinha de cantar hinos, mas não gostava.

Alec – Que gostava de cantar?

Feda – Hello-Hullalo – qualquer coisa como Hullulu-Hullulo.

Alguma coisa como “Hotentote” – mas ele está descendo um longo caminho [ver nota no Apêndice].

(*A meia voz*) A mulher da laranja? (*alto*) Ele diz qualquer coisa sobre uma dama da laranja. (*a meia voz*) Não vendedora de laranjas? (*alto*) Não, sem dúvida que não. Ele diz de um canto que exaltava as virtudes e belezas duma dama da laranja (isto evidentemente se refere à canção *My Orange Girl* e é excelente. Foi a última canção que Raymond comprou).

É uma canção alegre que começa com “Ma” – mas Feda não pode apanhar mais – parece nome de gente. Também qualquer coisa a respeito de “Olhos irlandeses” [ver nota B].

(*A meia voz*) São realmente canções?

(Certa quantidade de incidentes sem importância não são aqui mencionados).

Ele diz que o dia de anos de alguém é em janeiro.

Alec – Está certo.

Feda (*a meia voz*) – Que é um “beano”? Dia de anos de quem?

Ele não quer dizer que dia de anos é. Só diz que *ele* sabe (ele, Alec).

[Nota: o dia de anos de Raymond era a 25 de janeiro].

(Mais coisinhas de família).

Feda – Sim, ele diz que vai afastar-se, que a força está acabando.

Lembranças a todos. Mas antes de ir-me: Nunca lamente a minha retirada. Há mais que fazer aqui do que no plano terrestre. Tenho apenas de esperar, e entrar em contato com cada um de vocês que me procura. Ele se vai indo. Diz “Willie” – o jovem Willie (o irmão falecido).

Feda (*a meia voz*) – Sim, que? Inclinações?

Oh, está brincando.

Diz: Não o Willie de fracas inclic... inclinações, é isso.

Adeus e seja feliz.

[Nota: Esta frase é característica de Raymond].

Ele lá se foi, sim.

Quer dizer qualquer coisa a Feda?

Alec – Quero agradecê-la pelo muito que nos ajuda.

As mensagens são às vezes difíceis, mas o importante é você transmitir só o que ouve, e nada mais, seja compreensível ou não.

Feda – Feda compreende. Feda só reproduz o que ouve, ainda que seja em holandês. Não se esqueça de minhas lembranças para todos.

Alec – Adeus, Feda (apertos de mão).

A médium volta a si em dois ou três minutos.

(Assinado) Alec Lodge.

(Tudo foi escrito na mesma noite, parte na ida para casa, parte lá, sem que eu tenha estado em contato com pessoa alguma).

Observações de Oliver Lodge

Esta sessão parece-me de boa média; contém algumas observações características, e o que foi dito das canções está ótimo. Acrescentarei algumas notas elucidativas.

NOTA A

O “A” e “B” claramente se refere aos irmãos de Raymond, Alec e Brodie; e era natural ligá-los, já que constituíam a firma Lodge Brothers (hoje Lodge Plugs, Ltd.) na qual Raymond

trabalhou e esperava entrar como sócio. Ainda há outra ligação, correlacionada aos estudos preparatórios de aritmética e álgebra em que surgiam problemas assim: “A” compra tantas dúzias a tal preço e “B” compra-as por outro preço; o problema consistia em comparar os lucros. Ou então: “A” faz um trabalho em tantos dias e “B” faz alguma coisa mais; etc. Alec admite que na menção do “A” e “B” possa existir alguma referência a isto.

NOTA B

A coisa mais *evidencial* dessa sessão foi a referência a uma canção denominado *My Orange Girl*. Se o nome da canção fosse imediatamente dado, seria bom, mas não tão bom como na forma apresentada – visto que uma canção popular tem o nome muito espalhado. O modo especial como se referiu a essa canção, a perplexidade de Feda com a tal mulher da laranja, e o fazê-la crer que era uma vendedora de laranja, está no caráter de Raymond – especialmente na sentença a respeito de “exaltar-lhe as virtudes e a beleza”, que não cabe no maneirismo de Feda, sim no de Raymond. Assim também o “Willie de fracas inclinações”.

A canção *Irish Eyes* também me parece boa citação. Era uma canção recente que ele cantou várias vezes.

E há outro assim descrito por Feda: “Uma canção engraçada que começa com “Ma”. Mas Feda não pôde ver nada mais – coisa assim como nome de alguém”.

As letras M e A foram pronunciadas separadamente, não como sílaba. E ao meu ver decorrem duma canção negra de nome “Ma Honey” – e à qual deve ligar-se a palavra anterior “Hotentote”. Em ulterior sessão em Mariemont, entretanto, Raymond foi perguntado a respeito, e enunciou claramente o nome “Maggie”, título de canção desconhecida dos presentes, salvo de Norah, que estava na

sala, embora não na mesa, e lembrava-se de uma das mais recentes canções de Raymond, “Maggie Magge” (ver o apêndice a seguir).

Apêndice

(Ditado por O. L. a 12 de abril de 1916)

À noite passada estiveram os de casa cantando e sobreveio uma canção que é obviamente referida na sessão de Alec com Mrs. Leonard, realizada há quatro meses, antes da referência ao nome *Orange Girl*.

Essa referência a uma canção quase desconhecida pareceu-nos enigmática; mas na memória de Alec existia uma com a palavra “Honolulu” – da qual as palavras “Hululu” e “Hotentote” podiam ser impressões residuais. Nenhuma canção com o nome de Honolulu era, entretanto, conhecida.

Sucede, porém, que entre os papéis de Raymond foi descoberta (agora a 11 de abril de 1916) uma canção marcada a lápis: “R. L. 3.3.4”, isto é, 3 de março de 1904, a qual explica a frase “descendo um longo caminho”, pois na realidade ele tinha então 15 anos. O nome da canção é *My Southern Maid*; e embora na parte impressa não apareça a palavra Honolulu, há uma alteração muito significativa, com a letra de Raymond, escrita a lápis:

*Any flower from a tulip to a rose,
If you'll be Mrs. John James Brown
Of Hon-o-lu-la-lu-la town.*

Antes que nessa noite esses versos fossem cantados, ninguém se lembrava da *My Souther Maid* e não parecia haver nenhuma associação possível com a palavra Honolulu, ou coisa parecida. A associação só se revelou no fim, com o encontro do acréscimo feito a lápis pela mão de Raymond.

Alec chama a atenção para o fato de que, na resposta à sua pergunta sobre canções, nenhuma ter sido mencionada que não fizesse parte do repertório de Raymond; e também para o fato de que as mencionadas não fossem as esperadas. Se no momento Alec houvesse pensado nessas canções fá-lo-ia apoiado em seus nomes conhecidos, tais como *My Orange Girl* e *My Southern Maid*, caso não estivesse completamente esquecido desta última.

(Uma referência a esse episódio ocorreu meses depois, como vem relatada no capítulo XVIII).

Capítulo XV

Sessões em Mariemont

Por várias vezes já vimos que Raymond manifestava desejos de reunir-se ao círculo familiar, como também vimos que Honor – a H. das comunicações – estava em situação de ajudá-lo. Tentativas de aproximação desse gênero foram feitas por Raymond perante médiuns de Londres, chegando a dar instruções sobre o modo de proceder.

Por fim começaram a aparecer mensagens, e as comunicações em família, sem o concurso de médiuns, gradualmente se tornaram fáceis.

A anotação foi cuidadosamente feita, e se nem tudo aqui consigno é porque não tenho como *evidencial* toda a matéria recolhida. Afirmo, porém, que era impressionante a naturalidade de tudo e das brincadeiras surgidas, sempre que um novato vinha às sessões. Alguns incidentes, entretanto, mostravam caráter *evidencial* e a estes consignarei.

Às vezes a mesinha revelava-se turbulenta e tinha de ser acalmada. Vasos de flores e a própria mesa chegaram a ser quebrados. Disso deu Raymond explicação através dos médiuns de Londres, dizendo que nem sempre conseguia controlar a mesa e que havia muita travessura (não do nosso lado) que ele procurava evitar; mas que certas demonstrações mecânicas, de todo acima do poder normal dos assistentes, interessavam-no muito; e que desejava repeti-las para lição minha.

Fiz o propósito de não tratar nesta obra dos fenômenos puramente físicos, os quais requerem estudo mais profundo. Mas

direi que os movimentos observados eram não só inteligentes, como impossíveis de produção normal por parte dos assistentes.

Uma sessão em família difere muito das realizadas com um profissional ou qualquer médium de fora. Informações sobre coisas caseiras surgem livremente; e o tom geral se torna o duma conversa íntima, porque na realidade não está ali ninguém que não seja da casa.

Em qualquer tipo de sessão a conversa é sobretudo unilateral, mas enquanto nas de médiuns o comunicante é o que fala quase todo o tempo, num círculo familiar a coisa varia; o controle só ocasionalmente toma a palavra; a atividade maior concentra-se na afirmação e na negação – um espetáculo mudo.

Relutei em publicar um espécime destas conversas familiares mas acabei por achá-lo conveniente.

No dia de Natal de 1915 houve em Mariemont uma longa sessão muito jovial e amiga, entremeada de velhas canções que Raymond demonstrou receber com satisfação; mas só darei fragmentos.

Por essa época a mesinha usada era uma de xadrez, de três pés. Depois que num momento de excitação essa mesinha se quebrou, como também se quebrou a que a sucedeu, foi adotada uma de construção mais forte, de quatro pernas, usada exclusivamente para esse fim.

Sessão em Mariemont, a 17 de abril 1916, anotada por Lady Lodge

Faziam música na sala de visitas. Alec e as meninas cantavam ao piano. Woodie, Honor e eu estávamos sentadas no extremo da sala; Lionel, na cadeira grande.

Era dia de reunião da Sociedade Shakespeariana, cujos membros àquela hora tomavam café na sala de jantar, com meu marido. Woodie teve intuição de que Raymond estava na sala e queria ouvi-las cantar, mas Honor foi de parecer que era muito tarde para recorrermos à mesinha, visto termos de ir logo para a sala de jantar.

Não obstante, puxei a mesa para perto do piano e fiz que Honor a ocupasse; assim que ela apoiou as mãos, a mesinha agitou-se. Também apus as minhas mãos.

Perguntamos se Raymond estava presente e se estivera esperando; a resposta foi:

SIM.

A mesinha parecia desejar música e marcava compasso. Depois de cantado uma canção da predileção de Raymond ela aplaudiu muito distinta e vigorosamente.

Lionel veio sentar-se conosco, penso que a pedido de Raymond. A mesa parecia determinada a encostar-se ao piano, embora achássemos melhor afastá-la, o que fizemos. Mas insistiu naquilo e em compasso com a música foi bater em Barbie, que estava ao piano. Alec tomou uma almofada de cetim preto e colocou-a como amortecedor. A mesa insistiu em bater e fez um pequeno furo na almofada.

Depois desviou-se, de modo a ficar fora do tapete; e lá, por um minuto ou dois bateu no assoalho. Parecia apalpar com um dos pés (tinha três).

Deslizando até um canto da sala, firmou um dos pés no ressalto do rodapé, umas 6 polegadas acima do assoalho; em seguida ergueu no ar à mesma altura os outros dois; repetiu isso muitas vezes, como que deleitada com a nova brincadeira.

Depois deitou-se no chão; perguntada se queria que a erguêssemos, a resposta foi um

NÃO.

batido no assoalho. Tentou várias vezes levantar-se por si mesma, mas sem encontrar forças para tanto. Chegou a erguer-se palmo e meio. Perguntada novamente se queria que a puséssemos de pé, respondeu outra vez:

NÃO.

Lionel falou:

Lionel – Bem, Pat, minha mão está num jeito muito incômodo; não acha melhor que levantemos a mesa?

Houve três pancadas, sinal de

SIM.

E erguemos a mesa. Eu disse então:

Lady Lodge – Raymond, quero propor uma questão teste: Qual a esfera em que você está vivendo?

(Perguntei-o porque através de Mrs. Leonard, outros haviam dito estarem vivendo na terceira esfera, chamada “Summerland”, e julguei que fosse coisa da cabeça da médium. Não gosto muito de mensagens que falam em “esferas”; não sei se significam alguma coisa; presumo que “esfera” quer dizer condição, ou estado de desenvolvimento).

Consultamos a mesa e a resposta veio imediatamente:

SUMMERRLODGE

Depois do segundo R perguntamos se não tinha havido algum engano; e fizemos igual pergunta quando em vez do A esperado (da palavra SUMMERLAND) apareceu um O.

A resposta foi que estava certo.

A sessão continuou, embora eu deixasse de acompanhá-la por convencer-me de que havia erro.

Mas a minha surpresa foi grande quando o anotador leu o que havia escrito, isto é, SUMMER, R. LODGE, Raymond havia apostado a sua assinatura à palavra SUMMER, para mostrar, suponho, que a declaração era sua e não vinha de Feda, como imaginávamos.

(Lorna conta que a impressão que tiveram foi de que Raymond sabia que eles esperavam uma coisa, e divertiu-se em vir com outra. Todos regalaram-se com a brincadeira – e a mesinha sacudiu-se como tomada de riso).

Advertência

Acho conveniente dar aos que se julgam possuidores de forte poder próprio o conselho de moderarem-se em seu uso. Tudo que é poder está sujeito a abuso e até a simples faculdade da escrita automática pode, com as melhores intenções, ser mal aplicada. Autodomínio é coisa mais importante do que qualquer outra forma de controle, e quem quer que possua a faculdade de receber comunicações deve manter-se dono da situação. Afastar-se do discernimento próprio e ficar na dependência de ajuda adventícia constitui grave erro, suscetível de conseqüências desastrosas. Moderação e bom senso tornam-se imprescindíveis aos que procuram utilizar-se de forças que não sabem, nem ninguém sabe ao certo o que sejam. A absorção num trabalho do mundo constitui a melhor salvaguarda.

Capítulo XVI

Mais matéria inverificável

Em outras sessões apareceram, trazidos pela mão de Raymond, vários amigos mortos, constituindo isso notável evidência, tanto para nós como para outras pessoas – em certos casos aos pais, noutros às viúvas. Publicamos adiante algo do ocorrido.

Antes, porém, quero citar o relato da estranha e impressionante sessão de Lady Lodge com Mrs. Leonard, realizada a 4 de fevereiro de 1916. Devo dizer que houve divergência quanto à oportunidade da publicação desta matéria – e ponho sobre mim a responsabilidade de decisão a favor.

Sessão de Lady Lodge com Mrs. Leonard em casa desta, a 4 de fevereiro de 1916

Feda – Oh, é Miss Olive!

Lady Lodge – Muito prazer em encontrá-la, Feda!

Feda – Feda quer a você e Soliver mais que a todos. Também muito quer a SLionel e a SAlec. Raymond está aqui. Tem andado de médium em médium com Paulie, experimentando pôr pobres rapazes em contato com suas mães. Alguns estão muito ciosos daqueles que o conseguiram. Esses procuram chegar às suas mães e não o conseguem – estão trancados. O vê-los é coisa de fazer-me chorar. A explicação está em que suas mães e pais nada sabem a respeito de comunicações.

Raymond conta de uma vez em que foi a uma esfera muito alta, a mais celestial possível. Sua irmã, diz ele, não pôde

dizer onde era. (Refere-se a Lily, provavelmente). Diz que William também foi até muito longe, mas não tão longe a ponto de desligar-se dele. (William, irmão de Raymond).

Os que amam uma pessoa não vão até ponto donde não possam voltar a essa pessoa – onde seja muito longe para haver comunicação e de onde não possam vir encontrá-la por ocasião do seu passamento.

Lady Lodge – Isto é reconfortante, querida. De mim não quero que você se atrase.

Feda – Gravitamos aqui em redor dos entes amados. Aos não amados, se os encontramos na rua, não damos nem um “como vai?”.

Lady Lodge – Ha aí ruas, então?

Feda – Sim. Raymond gostou de ver ruas e casas.

Em certo tempo pensei que podiam ser criações do nosso pensamento. Todos gravitam para um lugar que lhes é adequado. Mãe, não há juiz nem tribunal – só gravitação.

Tenho visto chegar rapazes cheios de más idéias e vícios. Vão para um lugar em que eu não quero ir – mas não é exatamente o inferno. Mais parecido a um reformatório. Lugar onde lhes é dado ensejo de melhoria; quando almejais algo melhor, tendes oportunidade de o conseguir. Eles gravitam juntos, mas ficam tão enfatiados... Aprendei a ajudar-vos a vós mesmos e imediatamente sereis ajudados. Muito igual ao vosso mundo aí; só que não há deslealdade nem injustiça; uma lei comum age para todos e para cada um.

Lady Lodge – São todos iguais?

Feda – A hierarquia não é virtude. A alta hierarquia decorre da vida virtuosa. Os que foram virtuosos têm que passar pelos degraus mais baixos a fim de compreender as coisas. E vão primeiro para o astral, por algum tempo.

Raymond não se lembra de ter estado no astral. Está agora na terceira esfera. Summerland – Homeland, dizem alguns. É um ambiente muito feliz. Os mais altos vêm aí visitar-vos, e é lugar ainda bem perto da terra para que haja contato com os da terra. Ele pensa que tendes aqui o que há de melhor.

Mãe, eu fui a um maravilhoso lugar outro dia.

Lady Lodge – Onde é?

Feda – Deus sabe!

Tive permissão de ver o que se passa na Esfera Suprema. Comumente são os Altos Espíritos que vêm a nós.

Oh, eu queria poder dizer o que aquilo parece!

[Até que o fato da sobrevivência esteja completamente líquido, considero desassisado relatar experiências que podem provir da imaginação, num livro como este, adstrito à coleta de provas. Por esse motivo suprimo a descrição dada por Feda. Mas acho-me no dever de citar a parte que se refere aos sentimentos dos dois, porque de outro modo o quadro pareceria incompleto, unilateral – e frívolo].

Sinto-me exaltado, purificado, levantado. Ajoelho-me. Não pude manter-me de pé, quis ajoelhar-me. Mãe, eu vibro da cabeça aos pés. Ele não se aproxima de mim e eu não sinto ser preciso aproximar-me dele. Não sinto que devo. A voz era como a de um sino. Não posso dizer das roupagens. Tudo parecia uma mistura de cores brilhantes.

Podereis imaginar o que senti quando sobre mim ele pôs aqueles belos raios? Não sei o que fiz para merecer tão maravilhosa experiência. Nunca a imaginei possível, nem em séculos e séculos e séculos. Ninguém pode imaginar o que senti, nem posso eu explicá-lo.

Entender-me-ão?

Sei que mãe e pai me entenderão, mas eu queria que os outros experimentassem. Não posso reduzi-lo a palavras.

Não posso mover-me, tenho de ser levado a Summerland; não sei que aconteceu comigo. Se pudésseis desmaiar de deleite! Não são bonitas palavras?

Indaguei se Cristo vai ser contemplado por todos e responderam-me: “Não como tu o viste”. Disseram-me que Jesus está sempre na terra – uma espécie de projeção, alguma coisa como aqueles raios, alguma coisa dele em cada um.

Pensam que ele é um Espírito residindo num certo lugar. Cristo está em toda parte, não como personalidade. Há um Cristo, e Ele vive no plano mais elevado – e foi onde me permitiram vê-lo.

Foi-me dado mais nesta formosa mensagem; não posso lembrar-me de tudo. Ele disse tudo, palavra por palavra, do que vos transmiti. Disto vedes que eu tenho uma missão a realizar junto ao plano da terra...

Devo dizer-vos que me sinto feliz que isto seja meu trabalho, designado pela Autoridade mais alta de todas!

Lady Lodge – Se nós fôssemos dignos!

Feda – Os dois estão fazendo tudo quanto podem.

Lady Lodge – Vou desabrochar-me em amor mais do que até aqui.

Feda – Aprendi que há distinção a fazer. Quem não tiver afinidade, que se vá; estai com os de quem gostais.

Mãe, pensarão eles que estou delirando ou inventando? É tão admirável! Poderão compreender que é Raymond quem fala? Não se trata de prédica religiosa.

Eu o entesourei para dar-vo-lo esta noite. Expandi-me porque ignorava se podia dá-lo nas palavras exatas que os

fizessem sentir o que senti. Não pedi trabalho só para manter-me perto do plano terreno! As coisas viriam direitas. Mas pense que me foi dado o trabalho pelo qual eu ardia!

Lady Lodge – então está mais perto?

Feda – Muito mais! Belo de pensar! Posso agora, honestamente, permanecer próximo ao plano terrestre. Em vez de ir por graus, posso, como a Feda foi prometido, dar um salto. E quando vierdes, mãe e pai, mãe ficará de um lado e pai de outro. Permaneceremos uns tempos na Summerland até à adaptação às condições. Ver-nos-emos uns aos outros. Irmãos e irmãs. Não posso dizer como me sinto satisfeito – “satisfeito” é uma bem pobre palavra”

Lady Lodge – A propósito de que, meu caro?

Feda – A propósito de estar bem perto do plano em que viveis. Estou afeito às condições daqui, mas senti-me tímido quando fui levado à Sua presença.

Como podem as gentes...

Quis, em poucos segundos, ser capaz de pensar em qualquer coisa – que eu tinha levado uma das mais puras vidas imagináveis. Se eu tivesse feito alguma coisa, isso erguer-se-ia qual montanha. Não tive tempo para pensar, mas senti-o em poucos segundos...

De volta a Summerland vi que estava *carregado* de alguma coisa – algum maravilhoso poder. Como se eu pudesse deter rios, mover montanhas – e tão alegre!

Ele diz: Não procurarei gostar de pessoas que vos são antipáticas, porque é perder tempo. Conservai o amor para os que dele precisam, não o deitai fora com os que não precisam. Será o mesmo que dar comida aos refartos quando há famintos em redor.

Sabei que de alguma forma sinto alteração nas minhas idéias. Sinto-me mais naturalmente entonado a condições muito afastadas do plano terrestre; não obstante, gosto de sair com Paul e divertir-me.

Depois da minha admirável experiência perguntei se não era tolice divertir-me e andar com alguém. Responderam-me que se temos um trabalho a fazer na terra não devemos ver só o lado escuro e sim também o lado claro – sol e sombra. Há lugares na minha esfera em que eles podem ouvir bela música, quando querem. Nem todos aqui cuidam de música – não é compulsória.

Ele gosta de música, e de cantar, mas não gosta de viver sempre mergulhado na música; pode ir e ouvi-la quando quer, e gosta mais de música do que gostava.

Mr. Myers ficou muito contente. Diz que nem sempre é o sacerdote o que vai mais alto. O que vale não é o que professais, sim o que fazeis. Se não houverdes crido na vida depois da morte mas se tiverdes levado um viver honesto, nada mais vos será pedido. Tão simples, e poucos o fazem. Neste nosso lado esperamos que em poucos anos as condições na terra façam grande diferença.

Em cinco anos inúmeros estarão querendo saber o que é a vida no além e como poderão viver na terra para que tenham vida feliz depois de passados. E, por simples precaução, melhorarão de vida. Mas por mais que saiba, a gente importante continuará na mesma.

Alguns perguntam-me se me preocupo com o corpo que deixei. Respondo que não penso nisso; não tenho o menor interesse pelo meu corpo antigo. É como roupa já fora de uso – outro que a aproveite. Não quero flores sobre o meu corpo. Quero-as em casa – na casa de Raymond.

A força está acabando. Boa noite.

Lady Lodge – Dormis aí?

Feda – Cochilamos.

Lady Lodge – E chove?

Feda – A chuva não atrapalha.

Lady Lodge – Sabe que seu pai está reunindo todas as sessões num livro?

Feda – Será interessante observar como vou mudando à medida que o tempo corre.

Nota de O. L.

Cumpre-me relembrar que tudo isto, embora falado na primeira pessoa, realmente chega através de Feda; e embora o estilo e a gramática de Feda hajam melhorado, os devidos descontos devem ser feitos.

Capítulo XVII

Duas sessões algo evidenciais

Na manhã de 3 de março tive em casa de Mrs. Kennedy uma sessão com Mrs. Cregg, senhora idosa cuja particularidade é permitir o controle direto do comunicante muito mais prontamente do que o usual nos médiuns.

Por duas ou três vezes Mrs. Kennedy recebera Mrs. Cregg em sua casa, e Paul, seu filho, pôde verificar que a controlava com extrema facilidade, falando por meio dos seus órgãos vocais, embora espasmódica e irregularmente. E Mrs. Kennedy gentilmente combinou uma sessão comigo.

Essa sessão começou com súbita clarividência, de todo inesperada. Foi ótima e digna de menção, sobretudo pela referência a ela feita na noite desse mesmo dia, através de outro médium; a intercorrespondência tornou-se assim excepcionalmente clara.

Sessão anônima de O. L. com Mrs. Cregg

Às 11:15 de sexta-feira, 3 de março de 1916, cheguei à casa de Mrs. Kennedy e com ela fiquei a conversar até que Mrs. Cregg aparecesse, às 11:30.

Mrs. Cregg entrou na sala, falou a Mrs. Kennedy e disse: “Oh, é esse o senhor a quem tenho de atender? Foi-lhe indicado um assento próximo ao fogo e a dona da casa disse-lhe que repousasse por um momento da sua caminhada de ônibus. Ela, entretanto, logo que se sentou, advertiu: “Esta sala está cheia de gente, e oh, como alguém se mostra ansioso por manifestar-se! Ouço dizer: “Sir Oliver Lodge”. Conhecem alguma pessoa com este nome?”

Respondi que sim, que eu conhecia.

Mrs. Kennedy levantou-se para atenuar a luz; Mrs. Cregg prosseguiu: “Quem é Raymond, Raymond, Raymond? Está de pé junto a mim”.

Evidentemente ela estava entrando em transe, de modo que afastamos da lareira os nossos assentos e preparamo-nos.

Por algum tempo, entretanto, nada sobreveio, salvo as contorções que a sacudiram, numa luta para conseguir voz; Mrs. Cregg esfregava as costas, como se alguma dor a incomodasse, e respirava com esforço.

Mrs. Kennedy procurou ajudá-la com transmissão de força. Ajoelhou-se-lhe ao lado e acariciou-a. Fiquei à espera.

Suas primeiras palavras foram: “Acudam-me! Onde está o doutor?”

Depois de algum tempo, e graças ao concurso de Mrs. Kennedy, o controle pareceu firmar-se; e as palavras: “Tão contente, pai; tão contente” foram repetidas várias vezes, em tom indistinto e abafado, seguidas de: “Meu amor para todos”.

Enquanto Raymond falava assim a intervalos, a médium movia-se dum lado para outro, de braços pendurados e cabeça caída, ou então jogada para trás – em atitudes de aleijada ou ferida. De quando em quando parecia fazer esforço para dominar-se, e por uma ou duas vezes traçou as pernas e ficou firme, com os braços mais ou menos cruzados. Na maior parte do tempo oscilava dum lado para outro.

* * *

Na noite desse mesmo dia fui à casa de Mrs. Leonard, com quem tive uma sessão deveras notável pela revelação do que se passara com Mrs. Cregg. O fato merece bastante atenção.

Sexta-feira à noite, 3 de março de 1916

Feda – Feda conta que Raymond esteve em casa da mãe de Paul, experimentando controlar uma velha médium, nova para ele. Tentou falar através dessa médium mas não o conseguiu.⁷ Paul ajudou-o como pôde, diz ele, mas a coisa esteve difícil. Diz que se esforçou mas não se sentia dono de si. É terrivelmente estranho tentar o controle de alguém. Ele o tentou com firmeza e quase o conseguiu. Oh, diz ele, vou tentar de novo, não abandonarei a tarefa. Você sabe, pai, eu posso ser qualquer. Acha que neste caminho alcançarei prática perfeita?

O. L. – Sim. Acho que com a prática tudo se facilitará.

Feda – Oh, então ele praticará dúzias de vezes, se é para o bem.

O. L. – Ele gosta da velha?

Feda – Sim, ela é de muito bom tipo.

O. L. – Quem estava lá em sessão?

[Esta pergunta indica que eu não havia dado nenhuma demonstração de assentimento ao que Raymond declarara, isto é, que estivera na manhã daquele dia tentando controlar uma nova médium. Eu queria que o que ele dissesse não sofresse nenhuma influência da minha parte].

Feda – Raymond não tem certeza, porque não conseguiu reunir todas as condições; agiu como que envolvido num nevoeiro. O que percebeu foi ter entrado em luta com a dama, que ele não sabia quem era. Tinha o que dizer, e experimentou dizer, mas parecia-lhe não saber onde estava.

⁷ Isso mostra um conhecimento positivo da sessão que de manhã eu tivera com Mrs. Cregg.

[Feda fala às vezes na terceira pessoa, às vezes na primeira, misturadamente].

Por que ela se debatia, pai? Eu não queria produzir aquilo, e o fato me incomodou: pareceu-me estar fazendo-a sofrer. Paul me disse que ela não se opunha a que eu agisse assim! Mas eu queria que não se debatesse. Se se conservasse quieta e me deixasse agir calmamente, tudo seria fácil. Mrs. Kathie [nome que Feda dá a Mrs. Kennedy] procura ajudar o mais que pode, mas fica uma baralhada. Era possível que por meio dela eu não conseguisse um *test* completo, mesmo que a controlasse melhor.

(Feda continua) Ele e Paulie costumavam caçar da velha, mas não caçam agora. Paul sabe controlá-la e Raymond o viu fazer. Experimentará novamente, diz Raymond. Vale a pena experimentar por várias vezes; e depois de seguro sinto que poderei dizer o que quero.

Feda pensa que o que ela tinha a dizer eram mensagens como as do costume. Trazia-as prontas na cabeça; já compostas, só poucas palavras. Paul ensinara-lhe que o melhor é isso – compô-las e depois lançá-las. E foi o que tentou fazer – apenas dizer umas palavras que havia preparado, isto é, como estava contente de ver o senhor. Queria também falar a respeito de sua mãe, e dizer se pudesse, a respeito de ter falado com o senhor através de Feda. Coisas simples assim. Tinha de pensar em coisas simples porque Paul o advertira para não tentar qualquer coisa in-trinca-da.

[Feda sempre pronuncia assim as palavras que considera difíceis].

Ele não viu claramente, mas sentiu. Tinha idéia de que o senhor estava lá, e também Mrs. Kathie, mas sem certeza;

tudo muito enevoado. A pobre Mrs. Kathie fez o que pôde. Ele diz “Não altere as condições, caso experimente de novo”. É só.

[Isto constitui uma ótima referência aos fatos ocorridos com Mrs. Cregg pela manhã. Tudo está perfeitamente representado. E forma a melhor coisa obtida nessa sessão, embora ainda haja outras. Mas continuemos]:

Feda – Ele colheu para sua mãe algumas rosas vermelhas e quer que o senhor lhe diga isso. Colheu-as no mundo do espírito. “Não vão materializar-se, mas eu as trouxe para mãe. Isto não é um *test*, pai”.

O. L. – Sim, não é. Você quer apenas que ela saiba disso. Darei o recado.

(Omito alguns episódios).

Feda – Ele acha que o senhor estava muito cansado da última vez em que apareceu aqui. Sabe que o senhor às vezes se cansa e anda querendo pedir: “Não se esforce tanto”.

O. L. – Mas há muito que fazer.

Feda – Sim, ele sabe que não é fácil abandonar o trabalho. “Mas seria melhor, no final das contas, que você se aliviasse, pai. Está trabalhando muito. Bem sabe que estou ardendo pelo dia em que virá ter comigo aqui. Será algo esplêndido para mim. Mas não devo ser egoísta. Tenho de trabalhar para conservá-lo aí, o que me não é fácil”.

Ele diz que muitos aqui falam que o senhor está fazendo o mais admirável trabalho da sua vida, agora na guerra. As gentes estão prontas para ouvir. Tinham muita coisa em que pensar, mas agora começam a ver que a grande coisa é pensar na outra vida.

“Quero que saiba, pai, que quando cheguei me pareceu injusto que quantidades de criaturas viessem para cá no

verdor da vida”. Mas agora ele vê que para cada moço que vem, dúzias de criaturas no plano terrestre abrem os olhos e ficam querendo saber para onde esse moço foi. Imediatamente ficam querendo saber e começam a aprender. Antes, muitos nunca haviam pensado seriamente. “Ele deve estar em qualquer parte, refletem, era tão cheio de vida; como poderemos encontrá-lo? E assim as gentes vão descobrindo o que é, e não só para si mesmos, como também para muitos outros – e a onda cresce”.

Ele quer dizer ao senhor que Mr. Myers acha que em dez anos o mundo estará mudado. Cinquenta por cento do mundo civilizado estará espiritualista ou a caminho.

O. L – Quinze por cento?

Feda – Ele disse cinquenta.

“Eu não posso julgar isso”, mas não é ele o único que pensa dessa forma. “Concebi uma teoria simples: que a terra se fez um tal de canteiro de materialismo e egoísmo, que o homem tem de expiar com o sacrifício da primavera de sua vida física, de modo que esse sacrifício traga para a terra condições mais espirituais, que destruam o mal do materialismo”. Ele diz que a coisa não é assim como eu reproduzi, mas eu esqueci como era para dizer.

O. L. – Bem, Raymond. Mr. Myers informou-me em mensagem que você tinha uns testes preparados, e que eu devia provocar a oportunidade.

Feda – Oh, sim, diz ele. Mas não posso apanhar nada sobre os “Argonautas”; isto parece o pior de tudo.

Ele está mostrando a Feda uma coisa que parece uma casinha de lona. Sim, deve ser uma casa de lona. E parece estar em campo aberto – um largo espaço. Sim – não... Feda não vê coisas verdes. Há na casinha uma porta, assim (e faz

um gesto cuja significação não pudemos apanhar). A lona é como pardacenta, de cor muito leve, não completamente branca. Oh, sim, Feda percebe som de água ali perto – murmurando, murmurando. Feda vê um rapaz que não é Raymond; está meio deitado, meio sentado, à porta da tenda e sem casaco; numa espécie de camisa; e está espichado. O terreno é de cor parda, não de belo verde; cor de areia, sim. Olhando, Feda vê o terreno elevar-se no fundo. Parece que foi amontoado. Mostra-se como nas fotografias. Feda procura saber o que é. Há a tenda de forma curiosa, não redonda, pensa dum lado. A porta, que não é propriamente porta, flutua. Você deve poder ver um quadro assim.

Feda sente que há duas ou três pessoas em redor da tenda.

O. L. – Não há nela um só cômodo?

Feda – Ele não disse isso. Ia dizendo, mas parou para pensar. Não, não penso que houvesse um só; era dividida.

Agora está mostrando alguma coisa em cima do quadro. É um iate, um barco de velas brancas. Agora está indo para trás da tenda outra vez. A elevação da terra é atrás da tenda, com altos e baixos.

[A descrição não pôde ser totalmente anotada, mas dá a impressão duma colina de altura variável, ao fundo dum espaço aberto e com uma tenda na frente].

Mapas? Que é isso? Mapas, mapas, diz ele. Alguma coisa que os rapazes sabem. Pergunte-lhes.

O. L. – E esse iate com velas? Está vogando sobre água?

Feda – Não. (*e a meia voz*): Oh, Raymond, não seja tolo! Ele diz que não (Feda: Mas tem que ser!). Ele está mostrando uma terra que se levanta dum lado. Não é água, mas o iate tem velas brancas.

O. L. – Está caminhando?

Feda – Ele diz que não andou! Está rindo! Disse um “não andou” gritado. Feda devia dizer: “Ele acentuou o não”. Isso é para os rapazes.

O. L. – Os rapazes tinham alguma coisa que ver com isso?

Feda – Sim; eles sabem; eles entenderão. Sim, ele continua a mostrar uma coisa como embarcação – um iate, como diz, um iate.

[Tudo isso sobre a tenda e o iate parece-me excelente, embora não fosse coisa de mim desconhecida. A descrição do cenário mostra muito claro que se refere às areias de Woolacombe, para onde a família costumava ir durante o estio – um largo plaino de areia com elevação do terreno ao fundo, como Feda descreveu; e tendas armadas na areia, uma delas erigida pelos rapazes. Era uma tenda sobre rodas, com dois cômodos e porta dupla, usada para banho dos meninos e das meninas. De forma oblonga, como uma casinha. Certa noite o vento carregou-a para longe, despedaçada. Pela manhã vimos-lhe da janela os destroços. Os rapazes reuniram os pedaços e com eles fizeram uma tenda menor, dessa vez de um só cômodo. Ficou um pouco fora do prumo. Da descrição de Feda notei que havia vacilação na mente de Raymond quanto a falar da primeira ou da segunda tenda.

O bote-de-areia foi uma engenhoca que os rapazes construíram em Mariemont e levaram para Woolacombe. Uma plataforma estreita, ou prancha sobre rodas, com velas e leme. A princípio, quando as velas eram pequenas, só caminhava com um passageiro de pouco peso e em dia de vento forte. Numa segunda estação eles tornaram-se mais ambiciosos e armaram velas mais amplas – e creio que então vogaram melhor na areia. A coisa acabou certa ocasião de ventania, em que o iate levava três passageiros; o mastro foi destruído. Os rapazes revelaram engenho naquela construção,

sobretudo Raymond, que sempre fora amigo de construções. O iate falhou aos planos sobretudo por causa do tamanho das rodas, muito pequenas; de modo que o “NÃO ANDOU” de Raymond a Feda pode ser aceito].

Feda – Ele não sabe se produziu o que se possa chamar propriamente um teste. O senhor poderá aceitar como teste, diz ele rindo, a informação a respeito da velha.

O. L. – A informação do começo? (Mrs. Cregg).

Feda – Sim.

O. L. – Foi bom teste, não há dúvida. Lembra-se, Raymond, de William, o nosso jardineiro?

Feda – Sim. Feda não apreende o que ele diz, mas é qualquer coisa a respeito de William ter vindo (*à meia voz*): Explique a Feda o que você quer dizer.

O. L. – Quererá dizer que William está aí?

Feda – Ele não se explica com clareza. Feda tem idéia de que quer dizer que o homem está vindo, está vindo para aqui; mas quando Feda pergunta: Breve? ele sacode a cabeça, como aborrecido.

O. L. – Se o encontrar talvez possa ajudá-lo.

Feda – Sem dúvida que o ajudará. Mas não o encontrou ainda. Não o viu ainda.

[O jardineiro William havia falecido uma semana antes da sessão e o que Raymond disse a Feda mostra o conhecimento ou a eminência desse fato].

É difícil a situação quando pessoas se aproximam e dizem ter conhecido nosso pai e nossa mãe; a gente fica sem saber o que dizer-lhes.

O. L. – Sim, deve ser incômodo. Lembra-se ele duma ave do nosso jardim?

Feda – Sim. (*à meia voz*): Saltitando por lá?

O. L. – Não, *Feda*. Uma ave grande.

Feda – Certo que não era pardal, ele diz. Sim, lembra-se. (*à meia voz*): Saltitava, Raymond? Não; ele diz que não se podia chamar àquilo saltitar.

O. L. – Bem, vou falar de outra coisa agora, não quero aborrecê-lo com aves. Pergunte-lhe se se lembra de Mr. Jackson.

Feda – Sim. Andando, andando, diz ele. Costumava chegar até à porta. (*à meia voz*): Compreende o que ele quer dizer? Alguém que chega até à porta!...

Diz que costumava vê-lo todos os dias. (*à meia voz*): Que é que ele fazia, Raymond?

Não responde nada. Não posso entender coisa nenhuma. Ele está pensando. Diz que a culpa é de *Feda*.

O. L. – Não faz mal. Conte-me tudo que ele disser, ainda que não tenha sentido.

Feda – Ele diz que Mr. Jackson caiu. Está certo disso.

E machucou-se. Raymond constrói a letra T e mostra um portão, um portãozinho – parece que num atalho, não no meio da cidade. Dor nos pés e nas pernas...

O. L. – Era algum amigo da família?

Feda – Não. Diz que não. Raymond dá a *Feda* a sensação de cair – e ri-se, parece estar brincando.

Jackson era muito conhecido nosso, diz ele; mas continua afirmando que não era amigo. Não se passava dia sem que falassem o seu nome. Raymond está brincando, *Feda* percebe. Está caçoando de *Feda*.

O. L. – Não. Conte-me tudo que ele disser.

Feda – Diz que o puseram num pedestal, e que era muito admirado. Parece sem sentido o que ele diz. Feda tem a impressão de que Raymond está confundindo tudo, ora falando de Mr. Jackson, ora da ave. Pouco antes de referir-se a “pedestal” falou em linda ave – e parou. Quer falar de um e fala de outro – mistura Mr. Jackson com a ave.

O. L. – Que absurdo! Talvez esteja cansado.

Feda – Ele diz que não misturou coisa nenhuma! Mas misturou, sim, porque disse “bela ave” quando falava de Mr. Jackson.

O. L. – E o tal pedestal?

Feda – Num pedestal, sim, diz ele.

[Esse episódio de Mr. Jackson e da ave é ótimo, porque Mr. Jackson era o nome dum nosso pavão. Uma semana antes esse pavão tinha morrido, em parte, suponho, por causa do mau tempo. Mas andava reumático das pernas, e quando tentava andar caía. Encontramo-lo morto certa manhã, com o pescoço quebrado. E uma das últimas pessoas que vi em casa, antes de vir para esta sessão, foi o homem que Lady Lodge chamou para empalhá-lo. E lembro-me que mostrava a esse homem o pedestal em que o pavão empalhado devia ser colocado, por ficar bem ali. Assim sendo, a referência ao pedestal, se não partiu de mim telepaticamente, mostra em Raymond um curioso conhecimento do que ocorria lá em casa. E a brincalhona ocultação a Feda da identidade entre o tal Mr. Jackson e o pavão está muito no caráter de Raymond. Feda evidentemente admitiu, ou procurou admitir, que Mr. Jackson fora metaforicamente colocado pela nossa família num pedestal.

O fato de o nome “Mr. Jackson” ter logo sugerido a Raymond a idéia do pavão é *evidencial*, porque na pergunta

que fiz tive o cuidado de nada sugerir sobre a identidade do homem e da ave. E era a dualidade o que atrapalhava a pobre Feda.

Errei mencionando a ave em primeiro lugar; mas depois, com as minhas interrupções, experimentei dissociar o nome de Mr. Jackson do que eu perguntara sobre a ave – e Raymond divertiu-se com o qui-pró-quó.

Nas sessões familiares em Mariemont, sem médium, tudo lhe diziam de quanto se passava em casa; mas a morte do pavão e a idéia do pedestal eram muito recentes, de modo que me surpreendi que já estivessem no seu conhecimento. Acho, pois, excepcionalmente importante este episódio].

Feda – Raymond está procurando mostrar a Feda o lado de uma casa, não uma parede; é de vidro. Está levando Feda em torno desses vidros. Sim, quando a gente olha através, vê flores e folhas dentro. Ele costumava ir lá, estar lá, é o que me diz. Vasos vermelhos.

O. L. – Isso tem alguma coisa que ver com Mr. Jackson?

Feda – Raymond sacode a cabeça. Era de lá que sua mãe trazia flores.

Referência à nossa estufa e a mais alguma coisa. As flores de que Raymond fala devem ser os jasmims amarelos que minha mulher colhia nas proximidades da estufa.

E era lá também que o pavão costumava empoleirar-se; mas não pudemos concluir que a referência viesse em continuidade ao caso de Mr. Jackson.

Feda – Sim, ele não está claro agora, Soliver. Regalou-se. Às vezes regala-se tanto que esquece as boas coisas que havia preparado. Posso ficar horas e horas, diz ele. O que o aborrece é quando não pode fazer-se entender e as pessoas

pensam que ele não se lembra. Não é caso de esquecer das coisas, não. Ele não se esquece de nada.

“Pai, lembra-se do que eu disse a minha mãe a propósito do lugar que me foi permitido ver? Que pensa disso?”

O. L. – A família achou que não parecia coisa de Raymond.

Feda – Era do que ele tinha medo.

O. L. – Creio que a família não conhece esse aspecto de Raymond.

Feda – Antes de comunicar isso à sua mãe, Raymond hesitou. E então disse: “Não importa o que pensem agora; depois, mãe e pai saberão. Algum dia saberão de tudo e, pois, que importa agora?”

Ele disse que tinham de estranhar, de considerar coisa não dele. Talvez lhe desconheçam esse seu lado.

O. L. – Não. Entre as coisas deixadas por meu filho encontramos uma Bíblia com trechos marcados, e por aí vimos que tomava a sério essas coisas.

Feda – Sim, diz ele. “Mas eu tinha pejo de revelar esse meu lado. Conservamo-lo para nós mesmos; ocultamo-lo.”

O. L. – Isso deve ter sido uma grande experiência.

Feda – “Eu não havia pensado nela, nem esperado – mas foi-me concedida.”

O. L. – Já pensou em poder falar através de algum outro médium, não só por meio de Feda? Pergunto-o porque os rapazes estão pensando que foi Feda quem inventou o que atribuiu a você.

Feda – “Sim, é o que eles pensam.”

O. L. – Raymond viu essa pessoa só aquela vez?

Feda – Não, não o vi não senão como contei. “Ele diz, pai, que não vem e não se mistura livremente, aqui e aí e em toda parte, mas que estamos sempre conscientes dele, e o sentimos.

Estamos conscientes da sua presença. Muitos pensam que quando morrem ficam como ele lado a lado – mas não é assim.”

Raymond acha impossível dizer mais agora, antes que o possa dizer através de alguém mais. Pode ser que ele seja mal traduzido. “*Feda* traduz mal às vezes, e por isso eu peço cuidado.”

O. L. – Raymond já se manifestou através de outro médium, a algum amigo meu, ultimamente?

[Isto se referia a uma sessão de Mr. Hill com Peters, no mesmo dia].

Feda – Raymond não diz nada a respeito. Não tem muita força e receia errar.

“Adeus, pai. Saudades a todos, meu amor para mãe. Sinto-me mais perto de si do que nunca, e procuro mostrá-lo. Lionel é um querido camarada. Meu amor para todos.

Não esqueça de falar a mãe sobre as rosas que eu lhe trouxe. Não há nada a compreender a respeito disso; quero só que ela saiba que eu lhe trouxe algumas rosas.

Boa noite, pai. Penso sempre em você. Deus o abençoe.”

Recomendações de *Feda* à Sr. Alec.

O. L. – Sim, *Feda*, dar-lhe-ei. Todos gostamos muito de você.

Feda – Sim. *Feda* o sente e isso a anima e ajuda.

Mrs. Leonard voltou a si rapidamente, sem nenhuma perturbação, embora a sessão tivesse sido muito longa.

Repito que foi uma experiência muito rica de matéria *evidencial*.

Capítulo XVIII

O caso “Honolulu”

Sobrevieram muitos incidentes que podem ser relatados, alguns bastante característicos, outros equivalentes a bons testes. O que vou publicar é na realidade de valor.

Sessões simultâneas em Londres e em Edgbaston

Lionel e Norah foram a Londres a 26 de maio e conseguiram uma sessão de Mrs. Leonard, entre 11:55 e 1:30 da tarde.

Mais ou menos a essa hora ocorreu a Alec, que estava em Birmingham, a lembrança de fazer um teste de correspondência psíquica. Deixando o escritório, foi de auto em procura das irmãs, no Lady Mayress’s Depôt, onde estavam trabalhando em gazes cirúrgicas, e levou-as a Mariemont para uma rápida sessão de mesinha. Essa sessão durou dez minutos, das 12:10 às 12:20 da tarde. O teste consistia em chamar Raymond e pedir-lhe que se comunicasse com Feda em Londres a propósito da palavra “Honolulu”. Todos acharam ótima a idéia.

O relato dessa breve sessão Alec enviou-me em carta que recebi na mesma tarde – e foi por essa carta que vim a saber da experiência. O carimbo do envelope marcava: “I p. m. 26 May 16”. Ei-la:

Mariemont, sexta-feira, 28, maio, 12:29 da tarde.

“Honor, Rosalynde e Alec em sessão de mesinha. Sabem que Lionel e Norah estão em sessão com Feda em Londres. Sugerimos a Raymond que saude Norah e Lionel e induza Feda a anunciar a palavra “Honolulu”. Lionel e Norah nada

sabem disso, que foi coisa improvisada por Alec depois das 12 de hoje.

(Assinado) Alec M. Lodge
Honor G. Lodge
Rosalynde V. Lodge

Uma nota a lápis: “Posto no correio às 12:43; e a tinta: Recebida por mim às 7 da noite. Aberta, lida e classificada imediatamente. O. L.”

Os da sessão em Londres nada sabiam da sessão em Mariemont; e coisa nenhuma lhes foi comunicada no momento, ou depois. Nada observando de estranho na sessão, deixaram de escrever imediatamente o relato, o que fizeram uma semana depois do regresso.

As notas então tomadas foram-me transmitidas para que eu as lesse em família. Ao fazê-lo encontrei quase no fim a referência à palavra “Honolulu”. O pedido de música pareceu intencional da parte de Raymond a fim de que Feda voltasse a anunciar aquela palavra sem nexos ou significação; e o momento em que isso se deu foi entre 1:10 ou 1:15. Mais nada de interesse foi observado no momento.

Eis as notas da sessão de Londres:

SESSÃO DE LIONEL E NORAH COM MRS. LEONARD, EM
LONDRES, SEXTA-FEIRA, 26 DE MAIO, 11:55 DA MANHÃ

Extrato das anotações feitas por Lionel Lodge:

Depois de referir-se à irmã casada de Raymond e ao seu esposo. Feda disse subitamente: Como vai Alec?

Lionel – Muito bem.

Feda – Raymond queria saber como ele estava e recomenda-se.

Ele nem sempre percebe quem está na mesa; a uns percebe melhor que a outros.

Sentem-se calmamente uma ou duas vezes por semana, dêem-se as mãos, a direita sobre a esquerda e fiquem assim por dez minutos – com paciência. Ele pode esperar até o dia de juízo.

Diz ele: “Esperem e vejam”. Está rindo!

Viu Curly.

L. L. – Curly está aí agora?

Feda – Não; mas vemo-la quando queremos. É uma que se agita e vai... (aqui *Feda* produz um som de cão que ofega com a língua de fora – uma boa imitação).

(Para *Norah*) Quer tocar?

Norah – Tocar o quê?

Feda – Música.

Norah – Receio não poder, Raymond.

Feda – (a meia voz) Ela pode sim.

Ele quer saber se você pode tocar Hulu – Honolulu.

Então, não quer experimentar? Ele está rolando de tanto rir.

Diz qualquer coisa sobre um iate; refere-se ao teste da tenda e do iate. Os Argonautas!

Raymond retira-se. Saudades a todos de Mariemont.

A sessão prosseguiu ainda por pouco tempo e terminou à 1:30, mas esta anotação pode parar aqui.

Nota sobre o caso “Honolulu”, por O. L.

Tenho de insistir sobre o caso “Honolulu”:

- 1) porque valoriza as sessões em família;
- 2) porque elimina qualquer hipótese de colusão, consciente ou inconsciente, e
- 3) porque, no conjunto, forma um teste excepcionalmente valioso.

A telepatia não está de todo excluída. As circunstâncias podem sugerir essa explicação, isto é, uma variedade do que freqüentemente denominamos telepatia, ou seja, comunicação mental entre agente e percipiente. Porque em Edgbaston estava um grupo de três pessoas sentadas à mesinha e pensando por alguns segundos na palavra “Honolulu”; e em Londres estavam duas diante duma médium observando o que vinha. E na anotação feita surge a palavra “Honolulu”. Telepatia, entretanto, seja de que tipo for, não constitui explicação normal; e atrevo-me a dizer que não há do caso nenhuma explicação normal, posta do lado hipótese de coincidência. O convite à música foi forçado ao comunicador, de modo a provocar a palavra “Honolulu”; não ocorreu naturalmente; e ainda que o assunto música houvesse surgido naturalmente, não havia razão para nenhuma especial referência àquela cantiga. O principal que noto no caso é o valor das sessões familiares sem médium, ocasionalmente realizadas em Mariemont. Por meio delas é que Raymond se conservava membro da família, como antes.

Nota de O. L. em conclusão da parte 11 em 1916

O número de provas, mais ou menos convincentes, que até aqui obtivemos é muito grande. Algumas se apresentam de mais força a uns do que a outros; mas tomadas em conjunto parecem, à família, limpas de todas as dúvidas e suspeitas. E cumpre ainda

dizer que em parte graças à atividade de Raymond, certa soma de socorro foi dada a outras famílias.

Uma breve seleção de muitos incidentes posteriores vai agora ser publicada como exemplo do que houve depois que a primeira edição deste livro apareceu.

Capítulo XIX

Seleção das mais recentes ocorrências

Depois das primeiras edições desta obra, muitas outras conversas foram naturalmente obtidas, fornecendo matéria para outro volume ainda maior que o primeiro. Acho, porém, que bastará mencionar nesta tiragem uns poucos casos novos, que serão bem recebidos pelos que já assimilaram os fatos principais e sentem interesse por mais detalhes. Começo com as sessões em que pela primeira vez Feda atuou em Mariemont.

Este livro entrou para o prelo em junho de 1916, saindo em novembro desse ano. E como, do ponto de vista da evidência, já não havia nenhuma vantagem em continuarmos tratando Mrs. Leonard como desconhecida, convidamo-la a vir passar uns dias conosco em Mariemont. Seria interessante observar a ação de Feda em nosso ambiente caseiro. Mrs. Leonard chegou a Mariemont a 15 de julho de 1916 e nesse mesmo dia, à noite, suas faculdades de clarividência se revelaram.

Primeira noite de Mrs. Leonard em Mariemont, sábado, 15 de julho de 1916

Mrs. Leonard foi acomodada no quarto branco. A noite ouviu pancadas no guarda-roupa; abrindo os olhos notou no recinto uma luz esverdeada. Sentiu-se enrijecida e quase em estado cataléptico; mas esforçou-se por mover o braço e fazer o sinal da cruz sobre o peito, coisa que na sua idéia afasta os perigos. A sensação era de que só podia mover os olhos, não a cabeça, o que lhe limitava o alcance da visão. Ouviu uma voz dizer “Raymond”, e imediatamente divisou uma figura em roupa cinzenta.

Percebeu quem era. Raymond estava medindo passos pelo aposento. Mrs. Leonard pensou lá consigo: “Estou realmente desperta” e ouviu o som da pesada chuva que caía, o que a confirmou na idéia de não estar sonhando. Também conta que Raymond muito se parecia com o retrato da biblioteca, à paisana.

Nas seguintes noites passadas em Mariemont (domingo e segunda) novamente ouviu pancadas no guarda-roupa, tão fortes na de domingo que lhe pareceu que iriam quebrá-lo; e pancadas que tiveram começo logo que ela se deitou.

Nenhuma experiência foi tentada no dia da sua vinda, mas na noite de sábado, todos da família se reuniram no salão para fazer música; a mesinha foi posta em movimento como de costume, e mostrou-se muito mais impetuosa quando Mrs. Leonard lhe apôs as mãos. A indicação foi imediata: Raymond preferia uma conversa, porque “podia agora falar e ver mais claramente”. A mesa começou uma frase que não pôde concluir: “É um dia especial, ele havia voltado de...”

Justamente um ano antes, a 16 de julho, havia ele estado ali pela última vez, em gozo de uma folga rápida, que desejou intensamente.

Apesar do concurso da médium, a mesinha breve estacionou. Afastamo-la e Mrs. Leonard preparou-se para o transe. Apareceu Feda. Disse primeiramente que Ronn (o Tenente Ronald Case) e diversos outros amigos de Raymond estavam presentes, e que tínhamos de cantar para eles. Pediram *Honolulu*, *The Orange Complexioned Lady*, *Irish Eyes* e coisas assim. Em conseqüência, numa sessão posterior, quarta-feira, essas canções foram cantadas, e ainda o *Gipsy Love*, *Mélisande* e música sentimental dos índios – os chamados *Temple Songs*. Feda mostrava grande predileção por esse gênero, ao passo que parecia sofrer com os *ragtimes*. A tristeza de *Mélisande* não a afetou; disse que não se “doía de ver gente triste, se era uma tristeza bela”.

Mas voltando à sessão de domingo: depois de alguma conversa Raymond declarou que em outra sessão queria ver-nos a todos no sótão. “Todos irão para lá. Ele gosta do sótão, não do terraço, ele não se refere ao terraço, sim a um lugar mais interessante” – e Feda continuou:

Há alguma coisa em relação a um quadro no sótão. Um quadro que não está na parede. Ele procura mostrar qualquer coisa que lembra uma comprida vara (e Feda faz um gesto vago).

[Havia um quadro sem valor que figurava em casa de sua avó, em Newcastle-under-Lyme, representando uma rapariga de capote e chapéu, enfiando um bilhete num oco de árvore por meio duma vara comprida.

Lady Lodge o tinha deixado em Newcastle para ser vendido com outras inutilidades, mas o quadro veio parar em Mariemont. Dizem os rapazes que Raymond o adquirira em New Street, Birmingham, por 5 xelins e o havia pendurado na parede do dormitório. Lady Lodge, que ignorava isso, fora ao dormitório no dia seguinte ao da partida de Raymond e vendo lá o quadro botou outra coisa na moldura.

Parece ser nesse quadro da moça com a vara que Raymond estava pensando: notou-lhe a falta – e procurava dar a entender que o haviam mudado. – O. L., agosto, 1916].

[Nota de março de 1922: Esse quadro, desaparecido em 1916, acaba de ser descoberto em Worthing e parece ser o mesmo de Newcastle. Está agora em Normanton, no laboratório].

Eu então perguntei se ele, Raymond, queria dizer algo mais sobre o sótão, ou ao que chamavam assim.

Feda – Sim, ele diz que é especialmente familiar. (E *Feda* murmurou consigo: *Dawnatry, daw, daw*). Ele diz *daw* não sei que, *Dormouse*... Não... Diz dormitório, isto é, um jovem *dormouse*.⁸

(Aqui os presentes deram uma gargalhada; *Feda* encafifou e disse:)

Ele está caçoando de *Feda*. Diz que quando o jovem *mouse* está no sótão eles lhe chamam “o de cima”. É um enigma.

[O quarto do sótão, onde Raymond e dois outros rapazes costumavam dormir, é conhecido na família como o “dormitório de cima”, e os rodeios para fazer *Feda* dizer “dormitório” e “de cima” são muito divertidos. Mas do ponto de vista da evidência o episódio foi um pouco estragado pela circunstância de Alec e Noel, numa recente sessão em Londres, terem dito a Raymond qualquer coisa sobre o “dormitório de cima” – O. L.).

Feda – Ele diz que o “*dormouse*” é um passageiro de terceira classe. Está caçoando.

[Esta observação não foi compreendida no momento; mas depois Lady Lodge fez-me ver que uma parte adjacente ao sótão é conhecida na família como “o navio”. Para chegar ao “dormitório de cima” há necessidade de seguir por um corredor de tábuas, com vidraças que levam luz ao hall dos fundos; essa passagem é “o navio”. De modo que o dormitório pode ser considerado a parte final, ou a terceira classe do navio. – O. L., agosto, 1916].

⁸ Há aqui um jogo de palavras só compreensível em inglês: “*Dormouse*” é um animalzinho, o arganaz – e *Feda* o confunde com “dormitório”. Segue-se daí um interessante qui-pró-quó, que muito divertia Raymond e atrapalhava a pobre *Feda*.

Para esclarecimento do próximo episódio devo dizer que Sir Herbert Tree, por ocasião das suas visitas profissionais a Birmingham, costumava aparecer para o lanche em Mariemont, onde era sempre bem recebido, especialmente pelo nosso Raymond, ao qual contava histórias dum modo encantador. Raymond gostava de imitar alguns dos seus maneirismos, para divertimento da família; de modo que o que segue foi muito apreciado.

Feda continua:

Ele parece estar fazendo qualquer coisa de especial. Vestido de terno escuro – azul escuro. Terrivelmente elegante. E está aqui, de pé. Seus cabelos reluzem.

Lady Lodge – Sim, ele é muito elegante.

Feda – E faz assim (imita um gesto de Sir H. Tree) e diz languidamente): Por que nasci tão belo?

Todos riem. Raymond curva-se diante do grupo e diz:

– Muito agradecido!

Ele vestiu esse terno de caso pensado. Realça-o. Quer que saibam que ele é justamente ele – nem uma linha diferente. O mesmo de sempre. Quer que compreendam isso mais que qualquer coisa. Está sério. A única diferença agora é que não come, não se preocupa, não se interessa por isso.

[Depois da imitação de Sir Tree, a qual muito fez rir a assistência, Raymond diz o mesmo “muito agradecido” que costumava dizer. Esse detalhe é extraordinariamente característico. *Lady Lodge* confessa ter tido a sensação exata de Raymond. – O. L., agosto, 1916].

Andou excursionando de iate, razão de estar de roupa azul marinho.

Um divertido episódio se seguiu a propósito duma roda de volante que Raymond fizera para um carrinho. Mas a falta de espaço coíbe-me de publicá-lo aqui.

Na noite de domingo novamente Raymond declarou desejar ir ao sótão para uma sessão lá. Eis o que sucedeu:

Feda – Raymond quer que todos, e também Feda, vão para o “dormouse”. Quer uma sessão lá. Não há inconveniente para a médium, embora ele ache o lugar um tanto frio.

Alec – A noite passada ele contou alguma coisa acontecida lá. Poderá agora esclarecer-nos melhor? Só falou de qualquer coisa que aconteceu.

Feda – Ele diz que qualquer gira mas nem sempre da mesma maneira.

Alec – Onde?

Feda – O “dormouse” pode ver isso. O “dormouse” põe os olhos nisso e canta: *Oh, winds that blow from the South*. Quando o vento sopra do norte, o “dormouse” olha para o outro lado. (*a meia voz*): Isto é absurdo!

Alec – Não. Está direito.

Feda – Se o tirassem de lá, o dormouse sentir-se-ia perdido.

Alec – Diga-lhe que compreendemos o que ele quer dizer.

Feda – Compreendem? É estranho! Ele está fazendo assim com os braços. Oh, deve ser um interessante “dormouse”. Lá vai indo ele. Até logo!

[O cata-vento dos estábulos não fica distante e é visível das janelas do dormitório de cima. Mrs. Leonard não tinha absolutamente estado lá].

Terça-feira decidimos ir ao sótão, que Mrs. Leonard ainda não conhecia; e aqui publico o resultado.

(Depois do chá, seis horas passadas, toda a família foi para o dormitório de cima e baixou os estores. Existe lá um quartinho, batizado “o rabugento”, que Raymond costumava usar como gabinete de estudo. Depois de tudo pronto desci em busca de Mrs. Leonard, que veio e sentou-se de costas para o quartinho, cuja porta estava aberta. Quando Feda apareceu, ela voltou-se e espichando as mãos para esse cômodo disse):

– Que está fazendo aí? Não fique aí, saia e venha falar. Ele está lá. Que está fazendo? Venha! Ele diz que está vendo o “dormouse”. Está fazendo qualquer coisa lá. Diz que costumava ficar lá.

[Raymond, de fato, trabalhava às vezes nesse quarto em desenhos técnicos – O. L.].

Está procurando qualquer coisa nas paredes. Diga a Feda o que procura.

[Um dos rapazes havia pendurado a roda de volante, a que já nos referimos, num prego da parede, sobre um certificado de Raymond posto em moldura. – O. L.].

Não é um quadro o que ele quer, mas se achar um quadro terá o que procura. Não pode alcançá-lo, diz ele. É melhor tirarem-no de lá e darem-no a ele.

O. L. – Uma coisa quadrada? [a pergunta foi feita com o propósito de atraparlar].

Feda – Ele diz: Pai, a sua vista não melhorou. Três pernas.

[A roda de volante tinha três raios recurvos, sugerindo as três pernas da ilha de Man].

Uma coisa de rodar, diz ele. Redonda. (*a meia voz*): Que é? Um bicho, talvez. Ele diz que vocês sabem muito bem do que se trata.

Nós – Sim, sabemos. Quer que o tiremos do prego?

Feda – Ele responde que não, já não o quer mais. Diz que as uvas ficaram muito doces. (E Feda comenta:) Está falando bobagem. Fez uma grande questão daquilo e agora não quer mais.

Este breve episódio é muito instrutivo no mostrar o que eles pretendem quando dizem “precisar” de certas coisinhas triviais a que estiveram associados. O objeto é apenas mostrar que as têm na memória apesar da memória estar separada do corpo. Raymond prosseguiu mencionando uma porção de coisas que no seu tempo havia naquele quarto; por brevidade só me referirei ao pedido da fotografia duma embarcação que já lá não estava, mas estivera; também fez referência ao seu hábito de utilizar-se de certa janela do sótão para a exposição de chapas fotográficas. E disse que o cata-vento do estábulo (ao qual se referiu como o brinquedo do “dormouse”) era visível duma das janelas – naquele momento fechada pelos estores, e na qual Mrs. Leonard não tinha estado. Em seguida Raymond tentou assumir o controle direto da médium. Não foi feliz; mas o fato é interessante, sobretudo por causa das observações de Feda. Eis o que houve:

O. L. – Raymond está aí? Pensa que o vai conseguir agora?

Feda – Ele não sabe, mas Feda gostaria que experimentasse.

Pelo que diz Paul, quando menos o esperar ele o conseguirá.

O. L. – Paul parece tê-lo conseguido muito bem.

[Fui informado que em casa de Mrs. Kennedy Mrs. Leonard tem sido controlada por Paul com muita frequência. – O. L.].

Feda – Sim, às vezes; mas Raymond não pode falar quando controlado. Diz que não pode lembrar-se das coisas. Quanto mais sente de modo físico, menos pode pôr o cérebro no trabalho. Quanto mais se aproxima do toque físico, mais perde isto (*Feda* indicou a cabeça, significando “inteligência”). Eis por que, quando estava falando através de Mrs... ele mostrava estilo de sermão de Escola Dominical. É o que lhes acontece quando não dominam o médium de modo absoluto.

Feda sabe quando domina o que *ela* (indicando a médium) pensa. Mas os que não sabem adquirir controle têm que usar o que encontram lá (isto é, no cérebro do médium). E então ficam naquilo que o Dr. disse de *Feda* – Ele disse que *Feda* era uma “fase da mente subjetiva do médium”. Horrível essa designação de *Feda*! “Fase da mente subjetiva!” Não foi blasfêmia, mas foi muito feio! (pausa).

[Cumpre notar que embora *Feda* muitas vezes fale na primeira pessoa, como sendo Raymond, o controle direto deste é raro; e quando ocorre, raramente é de caráter estritamente *evidencial*, exceto quando mais tarde há referência ao fato por parte de outro médium].

Houve um longo silêncio, e tiques na médium, com vãs tentativas para a emissão de palavras. A mão de Lady Lodge foi agarrada e fortemente apertada. Depois chegou minha vez. Tive a mão apertada e sacudida violentamente por longo tempo.

Palavras desconexas foram ditas e a médium começou a chorar. As palavras “Raymond” e “Mãe” foram pronunciadas, mas com dificuldade e repetição.

Sua mãe retribuiu a manifestação de carinho e observou-lhe que não se afligisse, pois estávamos todos muito contentes com o que fora realizado.

E ele:

– Não me sinto infeliz mas apenas exaltado. (E depois, em voz alta:) Pai. (Aqui Lionel murmurou:) Pat (e ofereceu-lhe a mão, que foi agarrada com força). Outro grito sobreveio. Alec, Norah e Honor também apertaram a mão de Raymond, que disse:

– Retiro-me.

[Tudo isso levou muito mais tempo do que o gasto nesta anotação].

Em seguida as mãos da médium caíram frouxas em seu colo. Feda não mais se manifestou, e Mrs. Leonard voltou a si lentamente. Por fim esfregou os olhos e disse:

–Sinto-me diferente do costume.

(Levamo-la a respirar à janela e depois ao jardim. Não parecia mal. Os outros sentiam-se um tanto cansados. No dia seguinte Mrs. Leonard informou-me de que passara muito bem a noite e não ouvira pancadas no quarto – pela primeira vez desde que o ocupava – O. L.)

Alguns meses depois tive notícia de duas senhoras dotadas de grande poder mediúnico, que às vezes se punham à disposição de estranhos devidamente apresentados por amigos.

Graças à gentileza duma senhora de suas relações, Lady Lodge pôde ser recebida sem dar-se a conhecer – isso a 21 de setembro de 1916 – e obteve uma comunicação de grande valor *evidencial*. Os

guias reconheceram-na imediatamente, e logo depois anunciaram-lhe o nome, a despeito de Lady Lodge ter-lhes pedido que não o fizessem. As duas senhoras muito se surpreenderam de saber quem estava ali; haviam suposto tratar-se da irmã do amigo apresentante. A única parte que aqui darei dessa sessão – em que o meio empregado foi a mesinha – consiste em algo tão obviamente desconhecido das duas médiuns, que vale como prova de alguma espécie de poder supranormal, embora, para mim erroneamente, possa ser atribuído à telepatia. Lady Lodge não tocava na mesinha, diante da qual só se sentara uma das médiuns, que por esse tempo nos eram completamente desconhecidas. Raymond mostrou-se ostensivo em comunicar-se de modo a produzir a melhor demonstração de evidência.

Raymond – Como vai Harris?

Lady Lodge – Não conheço nenhum Harris.

Raymond – Oh, mãe! Não importa. Há de lembrar-se.

Lady Lodge – Algum parente?

Raymond – Não.

(Nesse momento uma luz entrou em minha cabeça. Havíamos tido em Mariemont uma empregada, Harrison, que permanecera na família vinte e quatro anos – e os meninos tratavam-na de “Harrie”).

Lady Lodge – É um “ele”?

Raymond – Não.

Lady Lodge – É uma “ela”?

Raymond – Sim.

Lady Lodge – Oh, então você deve enviar-lhe uma mensagem inteligível.

Raymond – Diga-lhe que já não preciso que me remendem a roupa.

(Harrison remendava a roupa dos meninos. Lembro-me dumas calças de tênis que ficaram históricas na família por causa de certo remendo seu).

Raymond – Mãe, sou eu mesmo. Meu amor a todos. Coragem, mãe.

Outros guias vieram e uma notável evidência ocorreu proporcionada por um desconhecido do outro lado – mas como não seja referente a Raymond, deixo de mencioná-la neste livro.

Em 1917 o que de mais interessante consegui foi uma sessão de voz direta, ocorrida em janeiro, com Mrs. Roberts Johnson, a chamada “médium-corneta”; interessante, à vista de posterior referência feita ao fato através de outro médium.

A sessão realizou-se nas proximidades de Birmingham, em casa dum médico, com várias pessoas presentes, entre as quais Lady Lodge e Honor, que se apresentaram anonimamente.

Aqui reproduzo as notas tomadas por minha filha:

Senti grandes ondas de vibração, como se estivéssemos no mar, ondas que se erguiam do chão sob a minha cadeira e que todos os presentes igualmente sentiam. Também lufadas de ar frio.

Os presentes eram amigos do Dr. ..., que é um investigador psíquico não muito crédulo na corneta.

Depois de algum tempo do início da sessão uma profunda voz escocesa vibrou na corneta, ou nas suas vizinhanças, dizendo:

– Bom dia, senhores!

Explicaram-me tratar-se do guia principal, David.

Continuamos a cantar; a voz manifestou-se de novo:

– Todos estão agindo bem.

A corneta começou então a dar voltas pelo recinto, batendo nas pessoas; algumas confessaram ter sido tocadas por mãos, ou terem ficado manietadas dos braços, como que agarradas por outros braços. Por fim a corneta dirigiu-se a nós, e Mrs. Johnson declarou que estava vendo um moço em uniforme cáqui, de pé à minha frente, com papel e lápis na mão. E a corneta nos disse:

– *Ray mnd. Ray mond.* (a segunda sílaba era quase imperceptível para quem desconhecesse a palavra).

– Diga a meu pai que estive aqui.

Isso foi enunciado em falar muito débil, mas no qual reconhecemos a voz de Raymond. Como houvéssemos percebido mal, pedimos-lhe que repetisse a última frase, o que foi feito num tom gritado que estragou a voz com misturá-la à vibração da corneta. Minha mãe aborreceu-se. Raymond então disse:

– Não se aflija, mãe. Estou bem.

Minha mãe perguntou:

– Sabia antecipadamente que vínhamos aqui?

– Sem dúvida. Estou sempre convosco.

A corneta bateu em mim e em minha mãe. Mrs. Johnson conservava-se repetindo durante todo o tempo:

– Fale, fale, amigo!

A corneta foi em seguida para o centro da sala e comunicou mensagens a outras pessoas. Lá para o fim da sessão vimos luzes pelo teto, como estrelas; também ocorreram batidas no canto da sala, fenômeno a que ninguém deu importância.

Essa sessão foi realizada a 23 de janeiro de 1917. A 12 de fevereiro, três semanas depois, numa sessão de Mrs. Leonard, Feda nos disse, a Lady Lodge e a mim – referindo-se à família em geral:

Feda – Ele (Raymond) declara que andou procurando falar convosco. Não por meio da mesinha, mas por meio de voz falada – e que ficou um tanto desapontado.

Lodge – Por quê? Por não o ter conseguido? [não sabíamos ainda ao que ele se referia].

Feda – “Sim. Eu estava lá. Estava, mas desapontado por não adquirir força e agir adequadamente. Tenho esperança de atuar melhor em outra ocasião. Alguém lá presente me falou; mas eu não podia ver com clareza; uma espécie de névoa envolvia tudo. Alguém procurava ajudar-me, alguém que eu não conheço”.

Ele está mostrando a Feda uma sala de visitas, não em vossa casa – em outra. Não foi hoje ou ontem. Ele julga que estavam lá várias pessoas não só você. Faz tempo.

(Lady Lodge percebeu ao que Raymond se referia e perguntou:)

Lady Lodge – Quem estava lá?

Feda – Miss Olive ⁹ e uma senhora. Soliver não estava. Raymond não podia ver com clareza as pessoas, mas havia lá mais gente além de vocês. Raymond experimentou falar.

Lady Lodge – Diga-lhe que ouvi sua voz.

Feda – Isso alegra-o. Mas naquela ocasião sentiu-se decepcionado por não conseguir força bastante. Adquiriu-a, mas perdeu-a logo. No momento não pôde pensar em testes. Interessa-se em testes e tinha alguns preparados – mas nada

⁹ Feda tinha a mania de tratar assim Lady Lodge.

pôde fazer. Nada pôde dizer além de generalidades. Diz que tocou na senhora – duas vezes, parece.

Lady Lodge – Sim, está certo.

Feda – Isso foi-lhe um prazer. Agora pergunta se a voz lembrava a sua. “Alguém estava me ajudando muito”. Alguém do outro lado, diz ele, estava a ajudá-lo. Procurava fazê-lo erguer a voz, e quando a ergueu o som tornou-se estranho, irreconhecível como voz. Isso o desapontou. Achou que era preferível não ter elevado o tom. (muito certo). Sentiu-se inclinado a dizer “*ah weel*”.

Lady Lodge – Ótimo!

[A aprovação de Lady Lodge vem de que um dos guias de Mrs. Johnson era David Duguid, que falava em dialeto escocês. “*Ah weel*” é dialeto escocês].

Feda – “Sim, eu me sinto como que dizendo “*ah weel*”, mas felizmente pude conter-me. Mãe, estive muito perto de falar.

Lady Lodge – Sim, ouvi a sua voz, Raymond, e reconheci-a muito bem.

Feda – “A entonação era melhor quando falei baixo. Eles procuraram ajudar-me e isso me desconcertou”.

[Honor observa em sua anotação que enquanto a corneta falava Mrs. Johnson não parava de dizer: “Fale, amigo, fale!”].

“Espero que breve tenhamos outra oportunidade. Experimentem. E então eu falarei disto.”

Lady Lodge – Quem estava lá comigo? (pausa).

Feda – “A dizer a verdade, não pude perceber. Pareceu-me uma das meninas; senti como que alguém da família – alguém que conheço; mas apenas senti, não pude ver.

Perceberam-me a fazer um pouco de dança – um bate-bate? (Feda) Ele fez isso.

Lady Lodge – Não. Nada percebi.

Feda – Ele o fez no assoalho, com qualquer coisa de metal.

Lady Lodge – Provavelmente o atribuímos a algum dos presentes.

Feda – Não, ele estava fazendo assim: um, dois, três (batidas).

[Honor declara que de fato a corneta bateu no chão na frente dela, exatamente como Raymond conta].

Lady Lodge – Sim, ouvimos isso.

NOTA DE O. L.

A geral confirmação recebida pelos fatos dá muito valor àquela sessão de voz direta com a outra médium, a não ser que admitamos a estúpida hipótese de cooperação fraudulenta.

No começo de 1920 fui aos Estados Unidos e lá procurei alguns médiuns amadores aos quais Raymond se referiu, através de Feda, depois de minha volta à Inglaterra. Várias observações de Raymond nas sessões de voz direta são bastante instrutivas. O que se segue é um resumo do que lhe ouvimos. Perguntado se falara através dum homem dotado dum estranho modo de exprimir-se, respondeu:

“Sim, eu disse qualquer coisa, mas não gostei. Não me utilizei de sua língua, mas apenas de sua laringe – sem a língua, sem os lábios. Foi como se desarrolhasse qualquer coisa e a deixasse aberta. Interessei-me muito por esse homem, e se o conhecesse melhor podia gostar dele. Possui

forte mediunidade. Quis utilizar-me dele para produzir alguma coisa bem *evidencial*; outras pessoas, porém, estavam lá, de modo que não pude dizer o que queria. O homem tem muito poder. Anda pensando em visitar a Inglaterra.”

NOTA

As notas de Lady Lodge sobre o incidente da América são as seguintes:

“Primeiramente vi Mr. ... num jantar em casa dos Kovens. Eu sempre me interessara pelo encontro desse famoso escritor, de quem tanto ouvira falar. Encontrei um homem muito diferente do esperado, mas não desgostei do seu aspecto fisionômico. Conversamos durante o jantar sobre assuntos do dia; depois, apesar da presença de mais três pessoas, falou-me ele duma extraordinária experiência psíquica que influenciara sua vida, como aquela visão influenciara a vida de S. Paulo. Chegou a adquirir força psíquica. Perguntei-lhe se podia dar-me uma demonstração disso. Estávamos sentados um pouco à parte dos outros. Mr. ... acedeu.

Abriu a boca e, sem que seus lábios e língua se movessem, uma voz soou nela – a voz de Raymond. Não tomei nota do que foi dito, e não era coisa *evidencial*, mas revelava-se muito semelhante ao que Raymond nos costumava dizer – naquela sua maneira tão peculiar.”

Na sessão de Feda, de 3 de junho de 1920, que vínhamos narrando e foi interrompida por estes incidentes intercalares (para a boa compreensão do resto, será conveniente reler o que está atrás), Raymond, depois de breve conversa sobre outros assuntos, acrescentou o seguinte:

“Voltemos agora ao homem que abriu a boca. Isso equivale à mediunidade que usa a corneta. Em ambos os casos a fonte é a mesma. Na mediunidade de corneta, a voz, embora pareça independente do médium, está de qualquer modo ligada à sua garganta e à sua laringe. Por isso é que a voz do médium se trai e mostra o seu colorido. Na realidade a voz da corneta não é autônoma. Ultimamente cansei-me dela.”

A seguinte comunicação de Myers, através de Feda, tivemos-la a 24 de março de 1917 e parece-me instrutiva:

Lodge – Não poderá Myers fazer que alguns dos meus amigos, homens de ciência, mandem-me qualquer coisa nova e importante? Até aqui só temos tido as coisas clássicas. Por que não as termos científicas?

Myers – Os homens de ciência (disse Myers sorrindo) acham mais difícil comunicar-se por meio dos métodos extremamente limitados de que ainda dispomos, do que as pessoas que desenvolveram suas faculdades em outros setores.

Feda – Raymond diz “isto é com você, pai”. E o gentleman que falou diz “Espero que compreenda esta dificuldade”.

Lodge – Sim, certamente que compreendo.

Myers – É mais difícil apanhar fatos do que simples manifestações poéticas ou literárias. Estas acodem mais livremente, como coisa que flutua à tona das vagas (e sua mão fez um gesto sinuoso). Mas a produção de fatos científicos é dura, é difícil. Teríamos de criar novos meios e métodos... (Feda não apanha bem isto). Sim, vou explicar-me melhor. Teríamos de estabelecer os meios, ou um código,

para melhor entendimento mútuo, de modo que a expressão de termos científicos, através dos médiuns, não apresente dificuldade, como hoje acontece. Temos de tomar a cabeça do médium como um crivo. Poucos têm esse crivo nas condições de coar o que desejamos. O médium absorve e transmite com grande dificuldade.

Lodge – Sim, mas quando os assistentes são pessoas de cultura, podem interpretar qualquer sugestão.

Myers – É o que penso (refere-se ao código que lembrou), e tenho esperanças de que por meio de você consigamos alguma coisa.

Há também umas observações de Raymond sobre os erros da transmissão:

Raymond – Não sei como formular isto, pois vocês podem não compreendê-lo perfeitamente. Quero falar destas mensagens. Não notam nelas muitas contradições e perplexidades? Parece-me que sim. Não sei se perceberam isto antes. Houve uma ocasião – ou duas – em que você, meu pai, teria ficado impressionado, se não fosse quem é. Mãe também o sabe. Pense nisso. Uma dessas contradições e perplexidades ocorreu à distância, outra perto de casa.

Lodge – Tenho recebido mensagens atribuídas a você, mas que não admiti como autênticas.

Raymond – Especialmente em duas ocasiões vi meu pai envolto em condições que deviam pôr à prova a sua paciência, se não a sua fé.

Lady Lodge – Houve uma em que me chamavam “Mãe anjo”, e que não admiti que viesse do meu Raymond.

[Por amor à brevidade, parafrasearei o resto do que foi dito sobre esse assunto].

Condições diferentes podiam não ser as adequadas. Há mistura do guia e do médium. Ainda quando estou presente há mistura. Ando procurando meios de vencer isso. Falo, mas a voz não é minha. O tom não é meu. Seria melhor se me deixassem só. Os guias são muito bondosos. Eu não falo o inglês da América. Falo?

Lady Lodge – Não. Sei que não usarias esse modo de falar.

Raymond – Posso ver você às vezes. Quando há bastante força, consigo ver o que é físico. As trevas parece que me ajudam a ver.

Ocasionalmente compareço a sessões onde há assistentes impressionados pelo nosso livro – costumo chamar “nosso” ao livro de meu pai. Quando sei disso, e o pensamento dessas pessoas me alcança, costumo mandar-lhes uma palavrinha.

Um fato de algum interesse ocorreu em setembro de 1916, antes que este livro aparecesse.

Falando a Raymond, perguntei-lhe como reagiria diante de certo nome (que enunciei, sem lhe dar nenhuma outra indicação). Imediatamente ele respondeu “sim” e mencionou um soldado desse nome, que fora sua ordenança, citando particularidades. Disse depois que esperava que esse homem não houvesse causado incômodos – que lhe dera algum dinheiro – e que supunha que ia bem.

Como matéria, de fato, direi que esse homem me havia recentemente visitado e eu lhe dera algum dinheiro, dizendo que “vinha de Raymond”. Jamais esperei que Raymond estivesse no conhecimento disso, e indicasse tão claramente a pessoa. Não tem conta o número de incidentes reveladores de que Raymond acompanha a vida dos seus, e mantém-se a par do que se passa em casa, do que estamos fazendo, das doenças, das nossas dificuldades e vitórias. Seu contato conosco é permanente.

Outra passagem. Raymond advertiu Lady Lodge dum erro de data no memorial a ele erigido na igreja de S. Jorge, em Edgbaston. Através de Feda declarou de uma quarta-feira gravada lá em vez de terça-feira (que era o certo, pois é uma terça-feira que corresponde ao dia do mês) não o irritava, apenas o divertia; mas que:

“É preciso mudar aquilo. O defeito foi gravado e ficará para sempre. Equivalerá à consagração dum erro. Minha mãe compreende”, diz ele, rindo-se.

[Reproduzo em gravura esse memorial, onde o erro do dia da semana pode ser verificado].

Na mesma sessão que tivemos com Mrs. Leonard, em Datshet, a 2 de abril de 1918, depois de referir-se com intuitos *evidenciais*, a diversas pessoas, Raymond abordou matéria inverificável; falou de coisas do “além”, das quais não havia tratado ultimamente. Lady Lodge tinha consigo um estenógrafo, de modo que o que Feda diz aparece mais completo do que usualmente – e com isto rematarei este já muito dilatado capítulo.

Aqui vai o que foi estenografado – e o dou pelo que vale. Raymond já havia falado de diversas pessoas quando Lady Lodge o interrompeu, dizendo:

Lady Lodge – Raymond, diga-me algo da sua vida.

Feda – (à meia voz) Parece falar dessa gente. Ele gosta de falar sobre essas pessoas porque surgem coisas que a senhora pode verificar.

Lady Lodge – Julguei que gostasse de questões-teste.

Feda – É necessário, embora ele muito deseje falar da vida que leva. Sabe que será bom para outras pessoas que a senhora tome nota disto.

Ele – espere um instante – ele está aprendendo muito ultimamente. Aprendendo, Miss Olive. Está aprendendo tanto que ganhou fúria de aprender.

Lady Lodge – Em livros?

Feda – Não; em preleções. E depois de demonstrações. O de que mais gosta é de ir para as outras esferas. Gosta disso. Lembre-se da experiência nesse sentido que já foi contada?

Lady Lodge – Perfeitamente (ver cap. XVI).

Feda – Lá estive ele muitas vezes, depois daquela. Muitas, muitas vezes.

Lady Lodge – Vai lá agora mais facilmente?

Feda – “Já disse que da primeira vez não pude coordenar completamente minhas idéias. Da segunda vez foi melhor; senti mais dominação sobre mim mesmo. Aprendi melhor. Mas na terceira vez eu estava muito confiante e senti-me tão confuso como da primeira. Para ir lá precisamos preparar-nos, e manter-nos em estado de timidez, sem nenhuma confiança da nossa capacidade de suportar coisas. Recebi muitas lições. Lições.”

Ele diz que aprendeu muito, mas não pode encontrar palavras que o comuniquem através dum médium. Tudo se lhe tornou claro – tudo que se passa no plano terrestre a propósito de religiões, do justo e do injusto e da escolha entre um e outro. Muitas vezes ele pensa que se pudesse voltar ao plano terrestre, voaria através da vida. E crê que se de vez em quando as pessoas pudessem auscultar-se a si mesmas, poderiam aprender boa parte do que ele aprendeu. Mas quando essas pessoas agem na terra, não entram dentro de si mesmas, porque receiam chegar a decisões contrárias aos seus desejos. Essa é a razão dos homens não poderem escolher entre o justo e o injusto.

Encontrou muitos amigos seus na esfera em que se encontra, e acha admirável como tais amigos lhe aparecem, observados de diferentes pontos de vista. Uns pensam uma coisa; outros pensam outra. Diz estar certo de que quando ele lhes fala é como Raymond pensou a princípio. Ele não lhes fala com palavras, mas de alma a alma, de mente a mente. Se fosse com palavras, milhares de nós não andaríamos a dar mensagens diferentes.

Raymond diz: “Sei que muitos procuram provar que existem outros grandes mestres; e pode ser que sim; mas quando entrais no mundo do espírito, compreendeis por que não há outro senão Ele.”¹⁰

Raymond foi um dia levado ao... Não pode dizer com palavras para onde foi levado, porque as palavras não expressam o que ele quer.

A senhora lembra-se do que ele disse da sua ida através das esferas até à sétima. Avançou por uma abertura da quarta, da quinta e da sexta. A atmosfera da sétima era diferente a ponto de não poder suportá-la. Sentia-se pouco seguro e perdeu a dominação de si próprio. Gentes na terra falam em outras dimensões. Ele se sentiu em outras dimensões, com tudo mudado.

(Feda continua):

Há pouco tempo, antes da última sessão com Soliver (ele nada disse a respeito porque nunca está seguro de que o possa explicar), Raymond formulou esta pergunta: “Se há a sétima esfera, que existe além?” E responderam-lhe: “Deus apenas”. E ele perguntou: “Que significais com Deus apenas?” Queria saber se era Jesus ou o que podemos chamar a corporificação

¹⁰ Cristo.

de Deus. E eles disseram: “Como te foi ensinado no plano terrestre, Jesus é o Filho de Deus, e o espírito de Deus está com Ele; não é o próprio Deus, mas o que nele cabe de Deus. Por isso Jesus chamou-se Filho de Deus, e não Deus. “Eu quis apanhar o sentido disso; estava ansioso por isso; disseram-me que antes de ir ver, aguardasse preleções especiais a respeito. Muito poucos vão, disseram-me.

Mas quando na minha esfera foi às preleções, percebi que certos conhecimentos materiais e certas coisas mecânicas, que me haviam interessado no plano terrestre, ajudavam-me a compreender o que eu ia ver nas outras esferas. Meus irmãos podem compreender alguma coisa disto; os demais, não.

Assim, levaram-me além da sétima esfera. Não pararam na sétima, foram além, e mandaram-me concentrar e pensar em mim como mente apenas, não como espírito. Que experimentasse fazer isso. E que quanto mais eu o experimentasse, mais fácil se me tornaria pensar de mim como um gérmen.

“Por que não posso ser eu mesmo?” perguntei.

Resposta: “Nada de perguntas, pensa de ti mesmo como algo muito pequeno. Como mente, só; como poder de percepção apenas.” De fato disseram-me para pensar de mim como um óvulo! Eu não sabia de que modo o julgar-me óvulo me trouxesse facilitação; mas ao pensar assim comecei a ver que o momento, o vôo, se me tornava mais fácil. E lá cheguei ao – não sei como dizer. Cheguei ao que pode ser chamado uma esquina – como a da Land’s End na Inglaterra. Compreendo porque me mandaram pensar em mim mesmo como algo pequeníssimo; porque era uma maravilha que eu não fosse soprado para norte, sul, leste e oeste ao mesmo tempo. O ar parecia como formado de rios elétricos – se é que era um rio. Um rio de eletricidade ou força, fluindo ao

mesmo tempo em todas as direções. Por um segundo, fluía deste lado; por outro segundo, fluía daquele.

Minhas sensações eram extraordinárias; eu não me afligia, mas alcancei aquela grande luz a que já me referi, quando na sétima esfera estive na presença de algo que não podia apreender, mas minha alma via e compreendia que eu estava na presença do Infinito. Aquilo não tinha forma, nem tamanho; não era quente, nem frio. Não era nada que a mente finita possa apreender. Senti assim enquanto lá – mas não o sinto agora.

Estava comigo um dos guias – não sei se já contei – o qual avisou: “Conserve-se mínimo”, e vi que tinha de contrair-me ainda mais.

Não perguntei ao guia: “Que força é esta?” mas ele apanhou meu pensamento e respondeu: “Estás na presença do Infinito. O que sentes é a Vida-Força, que vai de Deus a todas as esferas e alimenta o plano terrestre. Sem ela, nada haveria vivo na face do globo. Nem animal, nem planta – sem esta Força que agora sentis.”

Eu queria que fosse algo definível, algo que tivesse forma.

O guia disse: “Não compreendes que só no plano terrestre as coisas possuem formas definidas, de modo que vossas mentes finitas possam apreender alguma coisa? Talvez que no futuro muito mais seja apreendido. Mas é algo além de vós mesmos. É o Infinito. Por isso não percebes.”

Minha mente não apreendeu isso, mas minha alma apreendeu; e o guia me disse, sem que eu nada perguntasse: “Tua alma apreende porque tua alma faz parte disto. Só com tua alma poderás compreender isto. A mente não necessita incomodar-se com formas. Deixa tua alma desenvolver-se que tua mente a seguirá passo a passo.

Lady Lodge – É essa Força toda-poderosa? O Mal não a está combatendo?

Raymond – Não aqui.

Mãe, todos aqui sabemos, todos os espíritos sabem, que o mal é próprio do plano terrestre e de outros planos inferiores – os astrais.

O Deus Infinito está lutando contra o Mal no plano terrestre e no astral. E o Deus Infinito tem de vencer. O Mal persiste na terra porque é de lá. Foi o baixo eu físico dos homens que o criou; e mais as almas se desenvolvem, mais se bastarão a si mesmas. Esta Força assiste às almas. Vai conquistá-las, mas não miraculosamente. Se o homem não vê a luta, não pode compreender a importância de desenvolver o Bem no plano físico.

Eis a razão de a guerra estar sendo tão longa. Se a guerra houvesse acabado nos primeiros meses, os homens estariam novamente prontos para o mal; a Inglaterra em dois anos estaria de novo pronta, e todos os demais países igualmente.

A Inglaterra aprendeu uma lição espiritual de que não se esquecerá nunca. Meu pai sabe disso – e o saberá ainda mais. Eu e meu pai não teríamos feito o que fizemos se não fora a guerra. A guerra é a alavanca que está a abrir a porta entre os dois mundos, combatendo o mal e fomentando o bem. Parece horrível; mas se você tivesse visto o que eu vi, compreenderia que o mal não passa de pequena mancha em imensa superfície de brancuras.

Feda – Ele está perdendo a força.

Isto é apenas uma das coisas: ele já aprendeu muito. Tem aprendido muito sobre essa Força e sobre o como é empregada. “É uma força tão real como a eletricidade, diga a meu pai.”

Capítulo XX

Explicações e respostas

Aproveito o ensejo desta nova tiragem para uma breve explanação, ou comentário, que atenda a certas objeções da crítica razoável – a que consagra ao livro algum tempo e tento, com o fim de lhe compreender a real significação.

O principal objetivo duma obra destas é trazer reconforto às pessoas aflitas, especialmente as afetadas no coração pela guerra. Não recomendo a todos a visita a médiuns, nem que se entreguem por si mesmos a investigações psíquicas. Quem o fizer, que o faça sob outra responsabilidade que não a minha. Quando pessoas sãs, influenciadas por motivos aceitáveis e com bons intuitos, desejam, na esperança de se aliviarem de mágoas, reunir sobre a matéria experiência própria, é natural que as ajudemos; mas seria desassissado aconselhá-lo a torto e a direito ou a pessoas que nos são estranhas. E muitas até devem ser dissuadidas de entrarem por esse caminho.

Não obstante, um considerável número de aflitos receberam consolação, muitos que anteriormente nunca tinham dado a menor atenção à matéria. Pessoas realmente sofredoras têm sido guiadas e anonimamente levadas a médiuns de boa reputação, por meio dos quais se puseram em contato com os mortos queridos. São numerosos e notáveis os casos. E a conseqüência vem sendo forte acúmulo de provas em favor da realidade dos fenômenos e da força dos médiuns, os quais, sem nada conhecerem da vida dos seus visitantes, conseguem penetrá-la no mais íntimo. Será absurdo supor que pessoas que jamais pisaram na casa dum médium fossem

por eles reconhecidas; e, mais, que cada desconhecido que os visita já estivesse fichado no seu conhecimento.

Os melhores médiuns são em geral criaturas simples, gente honesta, ansiosa por empregar o dom que os distingue como lenitivo para os sofredores. Ocasionalmente aparecerão indivíduos com pretensão a poderes que na realidade não possuem, ou que os simulam fraudulentamente; mas se são fraudadores, claro que não são médiuns – e é destes que estou falando. Se pessoas inexperientes caem nas mãos de charlatães, dos que se anunciam nas ruas por meio de “homens-sanduíches”, claro que merecem o que recebem.

Por outro lado, nem sempre encontro as pessoas aflitas bem predispostas à convicção. Algumas o são; outras encaram o problema de modo desleixado e desatento; mas é erro supor que os que realmente procuram convencer-se mostrem-se fáceis à convicção. Ao contrário: sempre os vejo muito alertas, críticos e cautelosos. A ansiedade que sentem fá-los também ansiosos por não se iludirem em matéria de importância assim vital. E mesmo quando conseguem uma boa demonstração de evidência, muitas vezes voltam para trás e recaem no ceticismo. A mim muitos anos de experiência foram necessários para que eu admitisse como finalmente conclusivo o corpo de provas que reuni.

No que respeita ao caso especial do meu filho Raymond, tive com ele numerosos contatos e conversas; mas a ânsia de comunicação passou. O desejo de reunir provas científicas ainda persiste; mas agora que o fato da sobrevivência está para mim estabelecido, as comunicações com Raymond são plácidas – como ocasionais missivas dum amigo ausente. Raymond, entretanto, tem conseguido reconduzir a seus pais certo número de moços que conheceu antes da morte, e o peso da evidência recolhida aumentou com esse novo contingente.

Minha esperança é de que mais tarde, quando a possibilidade desta intercomunicação for aceita pelos credos religiosos, ninguém mais necessitará de mensagens específicas para se assegurarem da sobrevivência e do bem-estar dos entes queridos. Espero que seja universalmente aceito que, dadas as mesmas circunstâncias, o que prova para um, prova para todos. Não será de desprezar, todavia, que em casos individuais o auxílio e a consolação venham por via direta, de modo pessoal, sem nenhum esforço excessivo e sem o recurso à precária mediação de terceiros.

O poder mediúnico, a sensibilidade, ou o que seja, parece coisa muito mais vulgarizada do que o mundo pensa. Na maior parte das famílias haverá um ou outro membro capaz de auxiliar aos demais nessa direção. Cuidadas provas fazem-se necessárias no começo – como igualmente o foram para muitos conhecimentos hoje fora de dúvida (como a posição da terra no sistema solar, por exemplo). Mas quando um fato ou uma doutrina se torna universalmente aceito, dispensa em absoluto que cada estudioso refaça o caminho para convencimento próprio. A inércia da mente humana e do corpo social é considerável: crenças bem fundamentadas custam a entrar, e crenças sem base nenhuma levam longo tempo para desaparecer; os períodos de ansiedade, dúvida e controvérsia, porém, não duram toda a vida. Representam uma fase que temos de transpor.

Objecções clericais

Uma dificuldade por todos sentida – por todos que desejam a consolação da evidência psíquica – é a atitude da Igreja a respeito, e o medo de ser isso uma entrada em terreno proibido. Não pretendo aqui menoscar o ponto de vista eclesiástico, que é na realidade importante, dada a enorme influência da Igreja. Mas hei de dizer que a Ciência não pode dar atenção às ordens do dia

eclesiásticas; sua função é examinar – e não concedo que nenhum campo de inquérito, seja em nome de que autoridade for, possa legitimamente ser sonegado à Ciência.

Freqüentemente a acusação eclesiástica é de que os fenômenos psíquicos são obra do demônio, e somos intimados a dizer de que modo provamos o contrário. A resposta a isto é muito velha: “pelos seus frutos”. Na epístola aos Gálatas, v. 22-23, São Paulo dá uma longa lista dos frutos do Espírito. Com isto, entretanto, não quero dizer que não devam ser tomadas precauções, e que tudo que se correlacione ao psiquismo seja coisa boa: não considero como integralmente boa nenhuma atividade humana. A própria Ciência pode prostituir-se ao mal, como a guerra no-lo mostrou. Tudo que é humano pode ser usado ou abusado. Para responder às objeções clericais eu seria forçado a repetir platitudes; tais objeções são indignas da religião; cheiram apenas a profissionalismo. Os sacerdotes de todas as épocas sempre se mostraram prontos em atribuir ao poder de Belzebu tudo quanto os homens faziam sem o consentimento deles. O bispo de Beauvais denunciou como satânicas as vozes de Joana d’Arc. É uma acusação muito velha, pois, o diabolismo; e à luz da história, nada lisonjeira para o mundo eclesiástico. Não dou outra resposta.

Objeções contra a substância das comunicações

No concernente à substância das comunicações recebidas do “outro lado”, a dificuldade maior é a explicação da semelhança entre as condições do “além” e das da terra; e surge a pergunta: Como é isso possível? Minha resposta é simples: *provavelmente, por causa da identidade do observador*. Não dogmatizo, mas raciocino que no quantum a personalidade humana permanece a mesma, o seu poder de interpretação será o mesmo que costumava ser aqui. Em consequência, se interpretamos de certa maneira o

nosso mundo material, dessa mesma maneira interpretaremos um mundo etéreo – sempre através de sentidos que apenas diferirão em detalhes.

O mundo externo, como o percebemos, está na dependência dos nossos poderes de percepção e interpretação. Do mesmo modo um quadro, ou qualquer obra de arte. A coisa em si – seja qual for a significação disto – talvez jamais a conheçamos. Admito que a proposição constitui uma dificuldade, mas a evidência do ponto vem se firmando desde Swedenborg: o “outro mundo” será sempre representado como extraordinariamente semelhante ao nosso; e embora isto leve ao ceticismo, admito que corresponde a alguma realidade. Esse outro mundo parece consistir na contraparte etérea deste. Ou melhor: só há um mundo, do qual vemos o aspecto material e eles vêem o aspecto imaterial. A razão disto estará na similaridade, ou identidade, do observador. Um sistema nervoso interpreta, ou apresenta ao espírito cada estímulo proveniente do exterior do modo específico ao qual está acostumado, qualquer que seja a natureza real desse estímulo. Uma pancada nos olhos, ou a pressão sobre a retina, é interpretada como luz; a irritação do nervo auditivo é interpretada como som. Quer dizer que só dum modo mais ou menos costumário é que podemos interpretar as coisas.

Entremos em detalhes. A acusação de admitirmos o fumar e o beber, como em voga, entre os habitantes do outro mundo, parece-nos profundamente injustificada e falsa. Uma citação destacada do contexto freqüentemente leva a erronias. O que meu livro revela, implica de maneira clara que eles, no além, não ocupam o seu tempo com isso; nem que isso seja coisa natural no ambiente. Basta o bom senso para a interpretação do caso. Se existem lá comunidades, claro que não serão fixas, ou estacionárias, constantemente estarão recebendo elementos novos. Meu filho é representado como dizendo que quando elementos novos chegam e ainda se acham em estado de tonteira, dificilmente reconhecem

onde se encontram; e que pedem toda a sorte de coisas – ainda muito influenciados pelos desejos da terra. Ora, ou muito me engano ou isto é uma lição ortodoxa: os desejos das pessoas sensuais podem persistir e tornar-se parte da sua punição. Sobre o assunto alguém me mandou uma citação do *Diário Espiritual*, de Swedenborg, vol. 1, parágrafo 333:

“As almas dos mortos levam do corpo a sua natureza, e por isso continuam a julgar-se no corpo. Manifestam desejos e apetites, como o de comer e outros; de modo que estas coisas pertencentes ao corpo ficam impressas na alma. Assim as almas retêm a natureza que levam do mundo; e só com a marcha do tempo a perdem.”

A mesma idéia eu a expressei de outro modo no capítulo sobre a Ressurreição do Corpo, no fim deste livro. A crítica feita a esse ponto revela-se perversa, sem outra escusa afora a da estupidez. Crítica aparentada às acusações de adoração diabólica e necromancia.

Imagine-se uma reunião de sacerdotes nalgum retiro, onde se entreguem à meditação e às boas obras; e imagine-se um viajante que chega e, confundindo aquilo com um hotel, peça whisky com soda. Poderia isso significar que naquele retiro todos se entregam ao vício de beber? Não revelará justamente o contrário o modo dos que estão em retiro receberem a sugestão do whisky? O livro diz que para “desviciar” esses recém-chegados a política não era a da proibição – o que só conseguiria irritar o desejo – mas agir de modo a satisfazer moderadamente o viciado até que perceba a situação e por si mesmo se corrija – o que se dá em muito pouco tempo.

Seja ou não aceita a exposição de Raymond, contenha ou não algum elemento parabólico, nada posso ver nela de caráter

depreciativo – e o processo de “desviciar” me parece o mais sensato.

Outro ponto é o sobre os referidos jogos e cantos, com a crítica de que “espíritos perfeitos” não podem ocupar-se de tais vulgaridades, mesmo quando em momentos de repouso. A isto respondo que pode ser certo quando a perfeição ou a santidade são alcançadas, mas não constitui assunto em que eu possa ser juiz. Jogos e exercícios são atividades benéficas aqui em nosso mundo, ainda para as criaturas mais aperfeiçoadas; e não vejo em que não seja o mesmo para os moços que se “passam”. Noto que pouca gente percebe o que a persistência do caráter individual envolve. Claro que a maioria das pessoas, tanto nesta como na outra vida, formam uma média, de nenhum modo composta de santos ou demônios. O ensino eclesiástico errou funestamente fazendo o mundo crer que o ato da morte converte o demônio em santo. Progresso e desenvolvimento constituem a grande lei do Universo. A evolução é sempre gradual. Moços abatidos nas trincheiras, por melhores que sejam, não viram santos com a simples passagem para o outro mundo. Irrisório tratá-los como “espíritos perfeitos”. Não nos afastemos do bom senso e tenhamos em mente a continuidade da existência e da identidade pessoal. A morte não converte uma criatura num ser completamente outro. O ambiente será lá de maior felicidade, mais agradável e melhor que o da terra; mas súbita passagem para a perfeição não é coisa para seres do nosso tipo.

É altamente improvável, portanto, que a experiência de cada qual no outro mundo seja a mesma: os poucos santos da nossa espécie devem ter uma experiência completamente diversa – e os patifes, idem. Jamais me pus em contato nem com uns nem com outros. Há muitos graus, muitos estados de ser – e cada criatura vai para o lugar adequado.

Perguntam os críticos ortodoxos se o mau que se penitencia vai para o céu. Responderei: Não! De acordo com as revelações vai para o Paraíso, o que é coisa diversa. Há referências a uma espécie de jardim edênico, não muito afastado da terra. Ao que tenho deduzido, os velhos escritores julgam esse lugar, ou esse estado, não muito diversamente do que neste livro aparece com o nome de “Summerland”.

Contra isto alegarão que Jesus não podia fazer estágio lá, ainda que temporário, já que se trata de lugar intermediário e comparativamente baixo. Mas não vejo razão para que Ele se isentasse de qualquer condição adequada ao homem. Mais lógico admitir que não se dispensasse de nenhuma. Com base no Credo – que, suponho, os críticos clericais ainda aceitam – a ortodoxia sustenta que Cristo desceu aos infernos, certamente para fins de missionarismo. Dizem as revelações que durante quarenta dias Ele permaneceu em contato com a terra, presumivelmente no estado chamado “paradisíaco”, ocasionalmente se comunicando, ou aparecendo aos vivos. Num estado, pois, de humanidade transicional. E só depois desses quarenta dias é que, para bem nosso, ascendeu a estado mais alto – a estado a que não alcançam os ladrões arrependidos nem os soldados moços, por mais dignos que sejam. Com o vagaroso perpassar do tempo, sim, eles poderão progredir até lá.

Entrementes, achar-se-ão mais felizes e mais em casa no Paraíso. Conservam-se lá mais próximos da terra, não totalmente separados dos entes queridos e em situação de ajudá-los com eficácia. Não é um cair na indolência letárgica. Aos golpes de sua energia moça e fortalecidos pelo amor que para eles, qual uma bênção, se evola da terra, a barreira entre os dois mundos, ou os dois estados, vai sendo violentada e destruída. Uma legião de diligentes operários constrói uma ponte, rasgando para nós a passagem através do abismo. As comunicações entre os dois lados

são hoje mais freqüentes e fáceis do que outrora. E com o decorrer dos anos verificaremos que toda a nossa atual aflição e dor terá exercido sobre a humanidade um benéfico efeito.

Assim seja!

Capítulo XXI

Significação da palavra morte

And Life, still wreathing flowers for Death to wear.

Rossetti

Seja lá o que for a vida, é para nós uma abstração: porque essa palavra constitui um termo geral indicativo duma coisa comum a todos os animais e plantas, mas não existente de modo direto no mundo inorgânico. Para compreendermos a vida temos de estudar as coisas vivas e ver o que há nelas de comum. Um organismo é vivo quando afeiçoa a matéria duma forma especial e utiliza-se da energia para os fins próprios – sobretudo o crescimento e a reprodução. Um organismo vivo, enquanto permanece vivo, defende a sua complicada estrutura contra a deterioração e a desagregação.

Morte significa a cessação dessa influência controladora exercida sobre a matéria e a energia, de modo que as ações física e química retomam o seu curso. Morte não é apenas ausência de vida; tal palavra significa a partida ou a separação da vida – o ato desse princípio abstrato a que chamamos vida separara-se do resíduo concreto. E a palavra morte só se aplica às coisas que vivem.

A morte, pois, pode ser considerada uma dissociação, uma dissolução, uma separação entre a entidade controladora e a substância físico-química dum organismo; uma separação entre a alma e o corpo.

Morte não quer dizer extinção. Nem a alma, nem o corpo se extinguem, isto é, deixam de existir. O corpo morto pesa tanto como pesava em vida; no momento da morte só perde as suas propriedades potenciais. Assim também, tudo quanto podemos afirmar do princípio vital que o animava é que já não anima aquele organismo material: se esse princípio vital conserva a sua atitude ou não, só estudos ulteriores no-lo poderão informar.

A forma visível do corpo não era acidente; correspondia a uma realidade, porque causada pela presença da força vivificante; e a afeição inevitavelmente enlaça não só a verdadeira personalidade do morto, como também o que constitui o seu veículo material – signo e símbolo de tanta beleza e amor. Os símbolos falam ao coração humano e qualquer coisa querida e honrada torna-se algo de valor intrínseco, que não pode ser olhado com indiferença. As velhas bandeiras dum regimento ao qual os homens fizeram o sacrifício de suas vidas – embora trocadas por novas - não se recolhem sem dor de coração. E as pessoas de sensibilidade que contemplam tais relíquias, sentem algum eco do passado e desejam conhecer-lhes a história.

Quando dum corpo dizemos que está morto, podemos estar falando acertadamente. Mas quando dizemos que uma *pessoa* está morta, já a nossa expressão se torna ambígua, porque a referência poderá ser apenas ao corpo dessa pessoa e só nesse caso estaremos certos. Mas se há também referência à personalidade, ao caráter, ao que realmente constituía essa pessoa, nesse caso a expressão “está morto” sofre restrições. A pessoa foi-se, passou; “passou pelo corpo e foi-se”, como diz Browning no *Alt Vogler* – mas não está morta no sentido que aplicamos a palavra morte ao corpo. É justamente esse ausentar-se da personalidade que permite ao corpo morrer, dissolver-se? A personalidade em si não está sujeita à dissolução. Ao contrário, emancipou-se do corpo; libertou-se do peso da matéria, embora com o destacar-se da carne haja perdido

as potencialidades terrestres que o mecanismo corporal lhe conferia; e se essa personalidade ainda pode agir na terra, será com dificuldade e mediante a cooperação das que ainda não se separaram do corpo. Às vezes tal personalidade pode pôr em ação adequados mecanismos energéticos; mas o mecanismo que em tempo foi o seu, esse está perdido: continua a existir, mas fora de ação – morto.

O costume é chamarmos mortos aos que perderam o corpo material. Não mais os consideramos como vivos – porque na linguagem comum vivos só são os que ainda se conservam associados ao corpo material. É nesse sentido que coletivamente falamos dessas personalidades como “os mortos”.

Não devemos ter medo da palavra, nem hesitar em seu emprego, quando os que nos ouvem a recebem neste sentido limitado. Se as idéias associadas à palavra “morte” fossem sempre judiciosas e sãs, razão nenhuma teríamos para falar da morte compungidamente. Mas o povo, e também os sacerdotes, sempre a usaram tão mal, associando-a apenas aos fatos físicos do corpo abandonado pela personalidade, que isso tornou admissível, por um tempo, a sua substituição por outras expressões menos ambíguas, como “transição” ou “passamento”. A mudança ainda vale, hoje, como protesto contra a política de ater-nos a vermes, túmulos e epitáfios, ou à idéia duma geral ressurreição com o retorno à vida de todos os corpos enterrados. Em antagonismo a essas superstições surge a afirmativa de que “a morte não existe”.

Claro que familiarmente falando, a morte existe, e nada adiantaria negar um fato. Mas ninguém pretende negar fatos; os que afirmam não haver morte apenas querem desviar o pensamento dum aspecto já muito insistido para pô-lo no outro lado – o que diz respeito à personalidade. O que a expressão “não há morte” significa é que não há extinção. O processo da morte não passa de mera separação entre a alma e o corpo – e com isso a alma liberada

do corpo mais ganha do que perde. Só o corpo morre e desagrega-se; mas nem para ele há extinção: há mudança. Já para a outra parte, a personalidade, dificilmente admitiremos mudança – exceto no que diz respeito ao ambiente, ao meio. Muito improvável que o caráter e a personalidade estejam sujeitos a súbitas revoluções ou mutações. Potencialmente poderão diferir em virtude das diferenças de oportunidades, mas no momento atual conservam-se os mesmos. Como uma curva: a curvatura muda, mas sem descontinuidade.

Morte não é palavra de temer, como não é de temer a palavra nascimento. Nós mudamos de estado ao nascer, penetrando num mundo de ar, sensações e de inúmeras existências. Na morte também mudamos de estado, penetrando num mundo de... de que? De éter, penso, onde teremos a sensação de ainda mais numerosas existências. Penetramos numa zona onde a comunhão entre os seres deve recordar isso a que chamamos telepatia, e onde o intercuro dos seres não é ao modo do nosso físico; zona em que a beleza e o conhecimento são mais vividos do que aqui; região em que o progresso é possível e em que há mais “admiração, esperança e amor” do que aqui. E neste sentido podemos dizer, com Tennyson: “Os mortos não estão mortos, sim mais vivos”.

A vida é contínua e as condições da existência em conjunto permanecem as mesmas de antes. As circunstâncias mudam para o indivíduo que merece, mas só no sentido de torná-lo capaz de acesso a um diferente grupo de fatos. A mudança do meio ambiente é subjetiva. Esses fatos diferentes sempre existiram, ao modo das estrelas que estão no céu em pleno dia, mas fora da nossa percepção. Com a “passagem”, esses fatos novos entram para a nossa percepção – e os fatos velhos perdem-se em nossa memória.

O universo é um, não dois. Literalmente, não existe o “outro mundo”. A não ser no sentido restrito em que damos o nome de mundo a outros planetas, não existe outro mundo. O Universo é

uma unidade. Nele existimos continuamente, por todo o tempo; às vezes, conscientes de um certo modo; outras vezes, conscientes de outro modo. Durante algum tempo, conscientes dum grupo de fatos; depois, conscientes de outro grupo de fatos – os fatos do “outro lado”. Mas essa divisão em “lados” é meramente subjetiva. Permaneceremos a mesma família, enquanto os liames da afeição persistirem. E para os que dão valor à prece, cessar de orar pelo bem de nossos amigos só porque com a morte eles se tornaram materialmente inacessíveis – embora, talvez, se tenham tornado espiritualmente mais acessíveis – é sucumbir ao peso residual de velhas abusões eclesiásticas e perder o ensejo de um bom serviço.

Capítulo XXII

O problema da existência

Sentai-vos diante de um fato na atitude de uma criancinha, preparai-vos para abandonar todas as idéias preconcebidas; ide humildemente para onde quer que seja – para qual seja o abismo que a Natureza vos leve.

Huxley

Muita gente acha difícil crer na realidade da existência contínua. Também é difícil crer ou compreender a existência no que chamamos “o outro mundo”; mas se refletirmos sobre o ponto, havemos de concordar que é igualmente difícil crer na existência neste nosso mundo – ou que é difícil crer na existência em geral. O problema da existência sempre foi motivo de perplexidade. De nenhum modo pode ser estabelecido *a priori*. Tudo é uma questão de experiência, isto é, de evidência. Pela experiência sabemos que tais coisas realmente existem; mas não podemos saber como surgiram, para que existem e o que virão a ser. Não sei das razões para admitir que só as coisas que nos são familiares tenham existência – salvo declarando que não temos experiência de outras. E está aqui a questão em debate: temos nós prova *evidencial*, direta ou indireta, de qualquer outra forma de existência além da nossa? Se a temos, será fútil sugerir a dificuldade de crer na realidade de tal existência. Só os fatos nos devem guiar.

No atual estágio da história da humanidade poucos fatos científicos estão mais bem firmados e são mais largamente aceitos do que os principais da astronomia: o conhecimento dos tamanhos

e das distâncias dos campos celestes e o enorme número de sistemas solares distribuídos pelo espaço. Não obstante, quando bem apreendidos esses fatos se nos revelam inacreditáveis e acima das forças da imaginação humana.

O sol, um milhão de vezes maior que a terra; Arcturus, cem vezes maior que o sol – e tão distante que a luz, apesar da sua espantosa velocidade, leva dois séculos para chegar de lá até aqui. Fatos como estes são de nível elementar – mas sobreexcedem a nossa capacidade imaginativa.

O fato de a terra ser um pontinho invisível para quem a tente ver lá duma estrela, bem como o fato de a terra ser apenas um na multidão inumerável dos mundos, devem fazer-nos compreender a profunda niilidade dum conceito de existência apenas baseado na familiaridade com o ambiente que nos rodeia – a rua, o bonde, o escritório – e também abrir-nos os olhos quanto às proporções entre a nossa experiência de todos os dias e a grande realidade. A própria guerra, essa, para nós, tremenda luta em que se empenhou o mundo,

*Que é senão briguinha de formigas
à luz de milhões e milhões de sóis?*

Não obstante, o infinito valor e a vital significação de cada alma humana têm que ser levados em conta. E isto é outro fato de muita importância, pois que em vez de restringir as potencialidades da existência aumenta-as ainda mais. A multiplicidade, a magnificência, o proteiforme da existência material não esmaga a alma humana; ao contrário: ilumina e amplia o palco em que o drama humano se representa; e deve tornar-nos aptos a compreender quanto maiores poderão ser as nossas possibilidades no infinito curso do desenvolvimento.

A circunstância de ainda nada sabermos sobre estas possibilidades nada quer dizer. Se não sobreviesse a noite,

ignoraríamos as estrelas. Só depois de findos os trabalhos do dia e de haver desaparecido o sol é que a grandeza do mundo estelar nos chama a atenção. E mesmo à noite, basta um leve nevoeiro para que não tenhamos a sensação de nenhum outro mundo além do em que vivemos. Fosse esse nevoeiro permanente, e quão mesquinho não seria o nosso conceito do Universo! A não ser que insensatamente imaginemos que as nossas circunstâncias já nos permitiram conhecer a totalidade da existência, atrevo-me a dizer que “miseravelmente mesquinha e limitada” deve ser uma verdadeira descrição do nosso conceito do Universo – ainda que esse conceito venha dos que, sem nenhuma hesitação, avançam até onde os fatos o permitem.

Porque na verdade a experiência humana é tremendamente mínima. Não podemos ter consciência senão dum só instante do tempo. O clarão fugaz do que chamamos presente é tudo quanto, de modo direto, podemos apreender do mundo exterior. O presente: instantâneo fotográfico. Mas a realidade da nossa existência vai muito mais longe. Só e isolado o presente para nós não teria sentido; e olhamos para trás e para frente, para o antes e o depois. Nossa memória está cheia de passado; nossa imaginação projeta-se no futuro; vivemos entre o passado e o futuro. O mesmo se dá com os animais de desenvolvimento mais adiantado: também eles ordenam suas vidas com base na memória e na antecipação. É com base na antecipação que o mundo animal executa os seus atos conscientes mais triviais. Comemos, repousamos, trabalhamos – tudo com os olhos no futuro imediato. A experiência do passado e a expectativa do futuro é que norteiam, controlam e determinam o momento presente. Sem nenhuma idéia do futuro, nossa existência seria apenas mecânica e sem qualquer significação.

Nada mais natural, pois, que a humanidade, erguendo-se acima da simples animalidade, procure respostas às questões

concernentes à sua origem e destino, e olhe com vivo interesse todos os termos do problema do “onde” e do “para onde”.

Pode acontecer, como tantas vezes acontece, que ultrapassemos a justa medida e, movidos dum interesse exagerado pelo futuro, percamos o benefício do treino da vida presente. Mas embora nos decidamos a viver de modo completo no presente, cumprindo todos os nossos deveres, ainda assim, e para que façamos honra à inteligência humana, devemos manter-nos conscientes de que há um futuro – um futuro de algum modo determinado pelo presente; e nada mais razoável que procuremos investigar, como o pudermos, que futuro é esse.

A investigação da sobrevivência, ou da experiência que certamente teremos de iniciar dum instante para outro, constitui, pois, atividade eminentemente sadia e suscetível de conseqüências vitais. Esse estudo pode influenciar todas as nossas ações e dar uma vívida significação tanto à história humana como à nossa experiência individual.

Se morte não é fim, então a atividade mental deve continuar do outro lado, em interação com outras atividades mentais. Temos na terra o fato da telepatia para provar que os órgãos corporais não são absolutamente essenciais à comunicação de idéias. A mente atua de modo direto sobre a mente e estimula-a a reagir por outros meios que não os materiais. O pensamento não pertence à região material, apesar de exercer influência sobre essa região por meio de um mecanismo subministrado pela vitalidade. O modo pelo qual tal coisa se realiza ainda nos é em essência ignorado, e o fato de que essa interação seja possível parecer-nos-ia grandemente estranho, se a ele não estivéssemos tão afeitos. Ora, é razoável admitir que a mente deve estar mais à vontade, mais em casa, e mostrar-se mais exuberantemente ativa, quanto menos necessitar dessa interação entre o físico e o psíquico – ou entre o mental e o material; isto é,

quando a influência restritora dos nervos e do cérebro estiver afastada e as limitações espaciais do corpo já não existirem.

Mas só a experiência deve ser o nosso guia.

Capítulo XXIII

Ação recíproca entre a mente e a matéria

*Spiritus intus alit, totamque infusa per artus
Mens agitat molem, et magno se corpora miscet.*

Virgílio, “Eneida”

Vida, mente e consciência não se confundem com matéria; sejam o que forem, mostram-se algo distinto da matéria e da energia, apesar de se utilizarem e dominarem o que é material.

A matéria é ordenada e movimentada por meio da energia, e frequentemente por influência da vida e da mente. A mente por si mesma não exerce força, nem entra no plano da física, mas indiretamente determina resultados que sem ela não se realizariam. Determina movimentos e disposições, ou construções, de um caráter preestabelecido. Uma ave produz a pena e produz também o ninho: eu duvido que haja menos desígnio num caso do que em outro. Embora seja fato de observação elementar, constitui um mistério a atuação da vida na matéria. Do movimento de um dedo à construção dum aeroplano, nada mais temos do que uma sucessão de passos. Do crescimento duma plantinha ao vôo da águia – do grânulo de fermento, num dos extremos, ao corpo humano, em outro, o poder organizador que a vida exerce sobre o material é notável.

Quem duvidará da supremacia do espiritual sobre o material? É um fato das mais portentosas conseqüências.

Se a ação recíproca entre a mente e a matéria na realidade se verifica, e se mente e matéria são entidades persistentes, não há

limites às possibilidades dessa interação – limites previsíveis – e só poderemos ser guiados e informados pela experiência.

Se os resultados produzidos são considerados miraculosos ou não, isso depende do nosso conhecimento; do conhecimento de todas as forças latentes na natureza e de todas as inteligências que existam, o primeiro contato dum selvagem com o homem civilizado, dá-lhe impressão de enleio com o sobrenatural. Uma carta, uma carabina, mesmo uma dentadura, criam a superstição; e um telegrama é manifestamente miraculoso até para as pessoas bastante inteligentes para apreender a maravilha. Uma colméia de abelhas, desafeita à interferência do homem, poderia, se acaso tivesse bastante inteligência para a ponderação do assunto, admirar-se da maravilha do seu próprio funcionamento. Assim também as criaturas humanas; se possuem a inteligência necessária para considerar os fatos, são levadas a reconhecer uma orientação, e em consequência assumem a atitude religiosa. Por outras palavras: reconhecem a existência dum Poder acima da natureza comum – um Poder que com propriedade pode ser chamado sobrenatural.

Significação do termo “corpo”

A experiência comum sobre “corpos” mostra-nos que são compostos de partículas derivadas da terra, sejam corpos animados da vida vegetal ou da animal. Mas tenho que a verdadeira significação do conceito “corpo” é *meio de manifestação* – um modo físico de manifestação adotado por alguma coisa que, sem esse instrumento ou órgão, seria algo diferente. Por que costumamos dizer que os corpos são feitos de matéria? Certamente porque não sabemos de nada mais que possa constituir corpos; mas deficiência de conhecimento não é argumento. Na verdade, se os corpos fossem feitos de outra coisa que não a matéria, não seriam

para nós perceptíveis, isto é, perceptíveis aos sentidos que a evolução em nós desenvolveu; estes sentidos só nos informam quanto à matéria e às suas propriedades. Construções, ou corpos feitos de éter, não cairiam sob a nossa percepção, não nos seriam aparentes; e não seriam o que ordinariamente chamamos corpos; para atender às nossas exigências atuais são necessários sentidos. Para que se torne aparente aos nossos sentidos, uma entidade psíquica ou vital tem que penetrar no reino da matéria; tem que vestir-se de partículas materiais ou assimilá-las temporariamente.

Pode ser que corpos etéreos não existam; a tarefa da prova recai sobre os ombros dos que lhes admitem a existência; mas cumpre concordar que ainda que existam não poderão impressionar os nossos sentidos. Se seres desencarnados impressionam os nossos sentidos, deve ser porque, com ajuda de alguma faculdade mediunística, ocasional e excepcionalmente eles interagem com a matéria comum, ou se submetem ao que chamamos materialização. Mas se há inteligência em outro plano de existência que não o nosso, e se é possível admitirmos que tenham corpos, esses corpos devem ser de éter ou de qualquer coisa para nós intangível.

Poderão dizer que o que é intangível deve ser invisível e incapaz de ser fotografado. Será assim, mas isto não procede, porque a luz é um fenômeno etéreo. Éter e éter, ou éter e luz, poderão ser interatuantes; mas a interação entre o éter e a matéria permanece peculiarmente ilusiva. Tal interação só ocorre por meio duma carga elétrica; e o que diz respeito ao éter ainda não nos é conhecido.

Mas, intangível e ilusivo que seja, podemos conhecer que o éter seja uma substância – talvez ainda mais substancial que a matéria –, a qual poderá ser uma modificação do éter; e uma diferente organização sensorial pode fazer que o éter eclipse a matéria. Em meu livro *O Éter do Espaço* estudo esta tese dum ponto de vista puramente físico.

Não desejo, entretanto, fazer nenhuma asserção categórica sobre o possível uso psíquico do Espaço. Tudo neste assunto é meramente especulativo; os corpos que por ora conhecemos são os materiais – e tenho de ater-me aos fatos. Isto não quer dizer que fechamos as portas a outras possibilidades; e temos de recordar o que escritores de grande inspiração consideram corpos espirituais. Creio que a verdade está com eles e sugiro que tais corpos poderão tornar-se realidades físicas, embora não de caráter material ou molecular. Isto quer dizer que o nosso *eu* transcendental poderá associar-se permanentemente ao éter, para uma vida de atividade e intercomunhão, como agora está momentaneamente associado à matéria. E mais: sustento que já estamos associados ao éter, aqui e ali, e só temos de desfazer-nos da nossa vestimenta material para nos emanciparmos da carne e penetrarmos numa fase mais alta de existência, para a qual o nosso atual aprisionamento e conflito com a matéria são apenas preparatórios.

Capítulo XXIV

”Ressurreição do corpo”

*O espírito nunca nasceu;
o espírito nunca cessará de ser.*

Edwin Arnold.

No desconhecido drama da alma, o episódio da existência corporal deve ter uma profunda significação. A matéria não pode ser unicamente obstrutiva, ainda que a obstrução estimule o esforço e traga progresso, como numa corrida de obstáculos. Deve ser também auxiliar. Qualquer que seja o caso com a matéria externa, o corpo é certamente um auxiliar, enquanto está de saúde e no vigor; e dará oportunidade para o desenvolvimento da alma por meio de novos e inesperados caminhos – caminhos só possíveis na vida terrena. Isto é o que faz da vida muito curta um mal.

Evitemos de nos entristecer em excesso com o drama dos nossos dias. Pode ser que o intenso treino e o corajoso enfrentar do destino que em muitos casos acompanham a voluntária entrada numa guerra perigosa, compensem em intensidade o que escasseia em duração, e que o benefício da vida na terra não se prejudique tanto com a violenta interrupção dessa vida como o poderia parecer. Não obstante, o espetáculo de milhares de moços ceifados no verdor, por entre cenas de horrível tumulto carniceiro, não é dos que possam ser olhados com equanimidade. Claro que será nociva uma tal ablação duma importante parte de cada carreira individual – uma parte que muito poderia fazer para o desenvolvimento das faculdades e o alargamento da experiência.

A simples circunstância de tão sinceramente lamentarmos o cerceamento de vidas pela guerra mostra que não temos o corpo unicamente como meio de manifestação, mas também como campo de tirocínio da alma; a carne pode de algum modo ajudar o espírito, como o espírito indubitavelmente ajuda a carne; e se a vida terrena, quando fraca, é útil e estimulante, quando forte é eufórica e soberba. As faculdades e poderes desenvolvidos no reino animal durante milhões de anos de evolução, e agora herdados pelo homem, não são de desprezar. Por isso os que pensam que alguma coisa dos elementos essenciais, ou atributos do corpo, é levada para uma fase de vida mais alta, isto é, os que pensam que o *valor* adquirido por meio do corpo material sobrevive e torna-se uma permanente aquisição da alma, podem recorrer àquela expressão medieval da “ressurreição do corpo” como apta a exprimir o seu pensamento. É uma verdade que por falta de demonstração exige ênfase. Essas velhas expressões consagradas pelo longo uso e familiares a todos os santos, embora com sentido diverso, podem ter profunda significação espiritual. Quando devidamente apreendidas, não são relegadas com levandade.

Não me parece de todo fantasista retrair alguma similaridade ou analogia entre as idéias de hereditariedade de Weismann e a passagem de atributos corporais, ou poderes adquiridos, para a futura vida da alma.

Quando consideramos se alguma coisa, ou que coisa, possui probabilidade de permanência, temos em vista a alma. Meros acidentes corporais são temporários; a perda de um braço ou de um olho não afeta a progênie. Mas à parte esses acidentes corporais, existem coisas do corpo que afetam a alma. E coisas transmissíveis que podem tornar-se permanentes. Os hábitos que nos remodelam, bons ou maus, não ficam provavelmente só no corpo. E nesse sentido também a existência futura pode ser exaltada, ou maculada

por algum tempo pela permanência de traços corporais – ou por esta “ressurreição do corpo”.

Além disso, sabemos que embora traços corporais, como cicatrizes e feridas, não afetem a alma e o caráter permanente, são, para propósitos demonstrativos, ou de identificação, reavivados nas comunicações com amigos; do mesmo modo que o aspecto geral de uma certa idade, e detalhes relativos a roupas e maneiras, costumam de alguma forma ser ressurrectos.

E é a isto que atribuo o curioso interesse que os “passados” ainda sentem pelas coisas que possuíram na vida terrena. Essas coisas são recordadas não pelo que um negociante consideraria o seu valor, mas por fornecerem boa documentação de identidade; correspondem às “peças de convicção” produzidas durante um julgamento em tribunal; peças que silenciosamente evocam fatos. O modo dos vivos tratarem esses objetos reflete a consideração que tinham para com o “morto” e portanto não merecem a sua indiferença. Nada do que afeta o espírito humano pode ser alheio a uma alma simpática, ainda que as suas novas preocupações e atividades sejam de ordem diferente. Parece que nos momentâneos contatos com a terra, o novo ambiente do além se afasta para que só fique em campo o ambiente já abandonado. O novo ambiente é relembrado, mas não de modo vívido. Haverá dificuldade em viver simultaneamente em dois mundos diversos, especialmente depois duma longa vida passada apenas num deles. Os cuja vida aqui foi colorida, ou enobrecida, pela cultura e por altos objetivos, terão provavelmente mais elementos para transmitir informações que atravessem as fronteiras; mas só movidos pelo senso do dever ou pelo espírito de missionarismo poderão afastar-se do estado de felicidade em que se encontram para, por meio de comunicações, virem ajudar aos seus irmãos ainda na terra.

Capítulo XXV

A atitude sábia e prudente

O vago e o confuso inevitável no início duma nova linha de pesquisas, muito naturalmente desagradam ao sábio afeito às lides matemáticas do conhecimento experimental. Um homem desse tipo que leia esta obra poderá sentir-se na situação do técnico tirado dum serviço regular, onde tudo é rigor e boa coordenação, e no qual dispõe dum corpo competente de ajudantes, para vir meter-se com marinhagem inexperiente num estranho mar cheio de obstáculos, bancos de areia e algas. Aceitemos a analogia; mas relembremos a esse homem que as algas flutuantes podem denunciar uma terra nova, desconhecida; e que redundou em lucro para o homem o fato de, pela primeira vez, as quilhas de Colombo cortarem o Mar dos Sargãos.

(F. W. H. Myers – *Phantasms of the Living*).

Constitui fato digno de nota que a maioria dos homens cultos haja fechado o espírito para o que a muita gente parece coisa líquida e clara. Os que se intitulam espiritualistas estão possuídos de uma fé ingênua e simples; interpretam suas experiências pessoais da maneira mais direta e cândida e muitos são levados aos erros da credulidade por influência de pessoas destituídas de escrúpulos. Não obstante, a gente de coração simples sempre foi mais acessível aos conhecimentos novos. Sempre que uma revelação cai sobre a raça humana, não são os sábios, sim os

simples, os primeiros a recebê-la. Isto nenhum valor possui como argumento; os simples podem errar e também interpretar mal suas impressões, do mesmo modo que, do outro lado, os cultos podem manter-se de olhos fechados para tudo quanto lhes pareça sem ligação com os seus conhecimentos-convicções. É inevitável que qualquer nova ordem de coisas não comece conectada com a anterior; algum tempo tem que passar-se antes que o peso dos fatos impulsione as mentes cultas numa direção nova. Nesse entretempo os incultos se absorverão em experiências pessoais e marcharão para frente lá a seu modo.

Os fenômenos psíquicos revelados pela investigação de há muito que vêm sugerindo a existência de inteligências outras que não as dos vivos – os chamados “espíritos”. Explicações alternativas, inclusive a da telepatia, vêm sendo propostas, em tentativas perfeitamente legítimas e necessárias. Mas no meu pensar existem fenômenos que não se sujeitam a essas explicações; e como certas hipóteses espíritas praticamente tudo explanam, fui forçado a inclinar-me diante delas – ou do que chamo-as “explicações do bom senso”.

A atitude de afastamento dos homens de ciência é, entretanto, perfeitamente compreensível; e não desrazoável, exceto quando se esquece das limitações e cultiva odiosa filosofia de pura negação. Quem estuda mecanismo, claro que encontra a Mecânica, e se o mecanismo é fisiológico, encontra a Física e a Química; mas nem por isso está autorizado a negar a existência de tudo mais. O fim da ciência é traçar o modo de ação das leis da Física e de Química, por toda parte e em todas as circunstâncias. Essas leis se nos apresentam como de aplicação universal – tanto nas mais distantes estrelas como aqui na terra, tanto no organismo animal como na matéria inorgânica; e só o estudo da sua ação já constitui uma tarefa imensa.

Mas os trabalhadores da ciência são muitas vezes erroneamente interpretados. Laplace, por exemplo, anda com frequência mal compreendido na sua resposta quanto à posição de Deus no sistema cósmico por ele formulado. Disse Laplace que “não tinha necessidade dessa hipótese” – conceito vulgarmente citado como ateu. O sentido da sua resposta, entretanto, não é esse, embora fosse ela um tanto inconciliatória e rude. Laplace procurava reduzir a astronomia a princípios mecânicos claros e definidos, e a introdução ali dum “dedo de Deus” seria complicação ou intrusão sem sentido. Não complicação ou intrusão no Universo, está claro, mas no sistema cósmico que Laplace concebera – no seu *Système du Monde*.

Os teólogos que admitem a Deidade sempre atuante por meio de agentes e meios racionais devem conceder aos trabalhadores científicos tudo quanto legitimamente eles reclamam no campo positivo, bem como encorajá-los no estudo detalhado desses agentes e meios. Se os homens soubessem mais da ciência e da atmosfera em que os seus obreiros trabalham, poderiam interpretar melhor certas negações ocasionais, às vezes rudes; essas negações são perfeitamente explicáveis à vista das limitações de campo que as ciências físicas até aqui sabiamente se impuseram.

É um verdadeiro instinto, que se ressentia da prática medieval, o introduzir na ciência causas ocultas ou desconhecidas. Atribuir, por exemplo, a elevação da seiva a uma “força vital” seria absurdo, porque seria abandonar o problema e deixar tudo na mesma. O progresso na ciência principiou quando as causas espirituais e transcendentais foram eliminadas, ou tratadas como inexistentes. A simplicidade assim atingida casava-se com a verdadeira mentalidade científica; a abstração demonstrava-se útil e justificada pelos resultados. Não obstante, causas dum tipo material e mesmo espiritual podem na realidade existir, e podem influenciar ou produzir fenômenos; e têm que constituir tarefa da ciência o

descobri-las ou o começar a atentar nelas, depois que a parte material da Natureza estiver suficientemente conhecida.

Alguns de nós – prudente ou imprudentemente – queremos ampliar o campo da ciência física, nele gradualmente admitindo mais e mais coisas da grande totalidade das coisas. Para esse fim foi criada a *Society for Psychical Research* – para a extensão da ciência a campos inéditos, por meio de pacientes explorações através duma região comparativamente nova. O tentame foi no começo mal compreendido e muito criticado; é esforço de grande ambição, não há dúvida, mas perfeitamente legítimo; e se falhar, paciência.

Mas o avanço em novas direções há que ser prudentemente moroso e temos de admitir que sociedades entregues ao estudo de ramos de ciência já de longa data estabelecidos estejam certas na sua resistência a novidades estranhas – e que deixem o estudo dos novos fenômenos a um grêmio de sábios reunidos especialmente para esse fim. Regiões novas serão um dia incorporadas aos territórios da ciência, mas terão antes de fazer válidos os seus direitos e civilizarem-se.

Porque causas não familiares têm de ser introduzidas, de tempos em tempos, no acervo dos conhecimentos sistematizados, a não ser que já saibamos tudo sobre o Universo. Fatos difíceis de aceitar podem ser repelidos pela nossa atenção, mas sem investigação não devem ser negados. E na realidade estranhos fatos ocorrem, que não cabem nos quadros das ciências estabelecidas. Constituem para elas “perturbações”. A impressão que causam é a de um duende caprichoso e malfazejo que se introduzisse num determinado aparelho de laboratório, criando terríveis complexidades e perturbando o sereno curso das leis estabelecidas. Para evitá-lo, os laboratórios trancam-se a tais intrusões – mas o Universo fica aberto. E se na realidade verificamos a interação de inteligências outras que não as dos vivos, cedo ou tarde seremos

forçados a tomar conhecimento disso e a admitir uma nova concepção da existência.

De uma forma ou de outra, a evidência tem sido cruel para com a espécie humana desde a mais remota antigüidade; e sempre transpareceu sob as roupagens fuscas da superstição. Os mesmos fatos conhecidos e referidos por Virgílio e muitos outros “vates”, as mesmas experiências que o folclore mostra na história de todas as terras surgem agora em nossa idade científica, e muitas vezes debaixo do mais rigoroso escrutínio científico. E novos progressos da ciência dessa maneira se realizam. Qualquer criatura possuída pelo real desejo de conhecer a verdade não terá deficiência de provas, se acaso assimilar, com isenção de ânimo, o material já acumulado, e depois aguardar a oportunidade de acrescê-lo com a experiência pessoal. Essa oportunidade pode ocorrer a qualquer momento; o tudo é estar pronto para não deixá-la escapar. O material acumulado pelos outros prepara-nos para esta ordem de estudos; mas a convicção só vem por meio da experiência pessoal.

A matéria em causa pode ser verdadeira ou não. Se for falsa, o pertinaz estudo do assunto lhe demonstrará a falsidade. Se for verdadeira, o estudo demonstrará a sua verdade – e a sua tremenda importância. Porque na Natureza não existem meias verdades; a menor coisa nova tem consequências tremendas; nossos olhos terão de abrir-se lentamente – ou serão ofuscados.

Certa vez, em 1889, comparei a sensação do investigador físico com a de um menino que por longo tempo houvesse batido nas teclas dum piano abandonado, no qual um poder invisível entrara a soprar um hálito vivificante. Foi isso no começo da série de descobertas revolucionárias sobre a radiação e a natureza da matéria, que desde então encheram o mundo. E hoje uma vez mais o toque de um dedo arranca notas, e de novo o menino hesita, entre deleitado e medroso, diante das cordas que parecem vibrar à sua vontade.

Capítulo XXVI

Visão do Universo

Qual pode ser então a palavra final? Ou: que efeito têm estas investigações sobre a minha concepção do Universo?

O caso é mais importante do que parece; porque se os fatos podem influenciar a outros, devem influenciar a mim também – e esta é a única influência da qual tenho conhecimento de primeira mão. Não se suponha que o meu ponto de vista haja mudado de modo apreciável em consequência da morte de Raymond e das experiências que neste livro menciono: minhas conclusões se cristalizaram por si mesmas no decurso de anos, sempre com base em experiências desta ordem. Mas o fato da morte de Raymond veio fortalecer e liberar o meu testemunho. Firma-se ele agora em experiências minhas, em vez de nas alheias. Enquanto estamos na dependência de provas ligadas à aflição de terceiros, temos que nos conservar reticentes e cautelosos – e em muitos casos, de guardar o silêncio. A exposição dos fatos depende de autorização dos seus donos – e nem sempre é conseguida. Minhas deduções de hoje são as mesmas de outrora, com a diferença apenas de que se apóiam em fatos de minha experiência pessoal.

Só uma pequena variação será notada entre o observador de outrora e o de hoje. Quando outrora me sentava à frente de um médium, eu não defrontava com fatos que me dissessem ao coração – fora os relacionados a perdas de amigos velhos. Agora, porém, se vamos, eu ou algum membro de minha família, a um médium, sem lhe darmos o menor sinal da nossa identidade, meu filho logo se apresenta e prossegue em sua clara e convincente série de demonstrações *evidenciais*; às vezes dando testemunhos de alto

espírito crítico; às vezes contentando-se com palestras familiares ou reminiscências; mas sempre agindo de maneira coerente com a sua personalidade e os seus estados d'alma. Se num caso especial o médium mostra fraqueza, ou se advêm dificuldades de qualquer ordem, Raymond observa o fato e a ele se refere em qualquer outra oportunidade, através dum médium diferente. Em todos os casos mostra-se ansioso na produção de provas convincentes. E também revela o desejo de que não fique guardado comigo o que diz. Eis o motivo da publicação desta obra.

Estou convencido da sobrevivência da personalidade depois da morte como o estou da minha existência na terra. Poderão alegar que essa convicção não se baseia na experiência dos meus sentidos. Responderei que sim. Um cientista especializado em física não está sempre limitado pelas impressões sensoriais diretas; lida com uma multidão de coisas e conceitos para os quais seus sentidos são como inexistentes. A teoria dinâmica do calor, por exemplo, e a dos gases; as teorias da eletricidade, do magnetismo, das afinidades químicas, da coesão e até o conceito do éter levam-no a regiões onde a vista, o ouvido, o olfato e o tato são impotentes para qualquer testemunho direto. Em tais regiões tudo tem de ser interpretado em termos do insensível, do não-substancial e do imaginário. Não obstante, essas regiões do conhecimento tornam-se-lhe tão claras e vivas como as coisas materiais. Fenômenos comuníssimos requerem interpretação baseada nas idéias mais sutis – a própria solidez aparente da matéria pede explanação – e as entidades não-materiais com que os físicos jogam, gradualmente revelam tanta realidade como tudo quanto ele conhece sensorialmente. Como Lord Kelvin costumava dizer, nós de fato sabemos mais a respeito da eletricidade do que da matéria.

E como é assim, irei mais longe dizendo que estou convencido da existência de “graus do ser”, não somente mais baixos na escala do que o homem, como também mais altos – graus de toda ordem

de magnitude, de zero ao infinito. E sei, por experiência, que entre os seres alguns existem empenhados em ajudar e guiar a humanidade, não desdenhando de entrar em detalhes mínimos, se desse modo podem assistir às almas que lutam por elevar-se. E creio ainda que entre esses seres elevados Um existe ao qual por instinto o cristianismo consagra reverência e devoção.

Os que julgam que a era do Messias está passada, confundem-se estranhamente; essa era mal começou. Para as almas individuais o cristianismo floresceu e deu frutos, mas para os males do mundo é ainda um remédio não experimentado. Será estranho que a horrível guerra de hoje fomenta e melhora o conhecimento de Cristo e ajude a humanidade a compreender a inefável beleza de sua vida e de seus ensinamentos; entretanto, coisas ainda mais estranhas têm acontecido; e seja lá como as Igrejas se comportem, creio que a voz de Jesus ainda será ouvida por uma grande parte da humanidade, como nunca o foi até hoje.

Meu viver na terra aproxima-se do fim; pouco importa; espero não ir-me antes de dar o meu testemunho da graça e da verdade que emanam desse divino Ser, cujo amor pelos homens pode ser obscurecido pelos dogmas, mas nunca deixará de ser acessível aos meigos e humildes.

A intercomunhão entre os estados, ou graus da existência, não se limita a mensagens a amigos ou parentes, ou a conversas com personalidades do nosso nível – isto constitui uma pequena parte da verdade inteira; esse intercuro entre os estados da existência traz consigo – ocasionalmente às vezes, às vezes inconscientemente – comunhão com altíssimas almas que se foram antes de nós. A verdade dessa influência contínua coincide com as mais altas revelações feitas ao gênero humano. Esta verdade, quando assimilada pelo homem, significa a certeza da realidade da oração, bem como a certeza da simpatia ou graça d'Aquele que jamais desprezou os que sofrem, os pecadores, os humildes; e

significa ainda mais: a possibilidade, algum dia, dum olhar ou duma palavra do Eterno Cristo.

– 0 –

Amigo(a) Leitor(a),

Se você leu e gostou desta obra, colabore com a divulgação dos ensinamentos trazidos pelos benfeitores do plano espiritual. Adquira um bom livro espírita e ofereça-o de presente a alguém de sua estima.

O livro espírita, além de divulgar os ensinamentos filosóficos, morais e científicos dos espíritos mais evoluídos, também auxilia no custeio de inúmeras obras de assistência social, escolas para crianças e jovens carentes, etc.

Irmão W.

“Porque nós somos cooperadores de Deus.”

Paulo. (1ª Epístola aos Coríntios, 3:9.)